



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS
(PROFCIAMB)

PROFCIAMB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS
ASSOCIADA UFS

ADRIANA SANTANA DE SOUSA NASCIMENTO

TECENDO VIVÊNCIAS DAS MULHERES NO TRABALHO DA
CATA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM
CÍCERO DANTAS/BAHIA



São Cristóvão/SE
Fevereiro de 2025

ADRIANA SANTANA DE SOUSA NASCIMENTO

**TECENDO VIVÊNCIAS DAS MULHERES NO TRABALHO DA CATA DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS EM CÍCERO DANTAS/BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – Associada Universidade Federal de Sergipe (PROFCIAMB/UFS) como requisito para a obtenção do título de Mestra em Ensino das Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Ambiente e Sociedade

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katinei Santos Costa

São Cristóvão/SE
Fevereiro de 2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Nascimento, Adriana Santana de Sousa.

N244t Tecendo vivências das mulheres no trabalho da cata de materiais recicláveis em Cícero Dantas/Bahia / Adriana Santana de Sousa Nascimento; orientadora Katinei Santos Costa. – São Cristóvão, SE, 2025.

194 f.; il.

Dissertação (mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Meio ambiente - Bahia. 2. Mulheres - Emprego. 3. Mulheres - Condições sociais. 4. Mulheres chefes de família. 5. Gestão integrada de resíduos sólidos. 6. Disparidades econômicas regionais. 7. Desenvolvimento sustentável. 8. Educação ambiental. I. Costa, Katinei Santos, orient. II. Título.

CDU 502.1(813.8)



**PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPUS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**

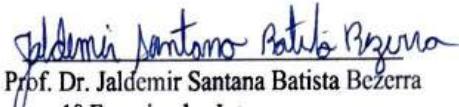
Ata da Sessão de Defesa da Dissertação de
ADRIANA SANTANA DE SOUSA NASCIMENTO

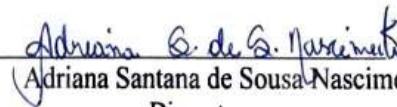
Ao vigésimo quinto dia do mês de fevereiro de dois mil e vinte e cinco, com início às 14:00 horas, realizou-se na sala 201 – da Didática VII/UFS, a sessão pública de defesa de dissertação da aluna Adriana Santana De Sousa Nascimento, sob o título: “TECENDO VIVÊNCIAS DAS MULHERES NO TRABALHO DA CATA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM CÍCERO DANTAS/BAHIA”, presidida pela Orientadora da aluna, a Prof.^a Dr^a. Katinei Santos Costa, que por sua vez passou a palavra a candidata para proceder a apresentação do seu trabalho. Logo após, a primeira examinadora, Prof.^a. Dr^a. Vanessa Dias De Oliveira, arguiu a candidata que teve igual período para a sua defesa. O mesmo aconteceu com o segundo examinador, o Prof. Dr. Jaldemir Santana Batista Bezerra. Em seguida, a Prof.^a. Dr^a. Katinei Santos Costa, orientadora da aluna, teceu comentários sobre o trabalho apresentado. Encerrados os trabalhos, a banca examinadora retirou-se do recinto para deliberar. A mesma decidiu **APROVAR** o trabalho de dissertação, considerando que o mesmo atende aos requisitos da Instrução Normativa nº 01/2018 do PROFCIAMB/UFS. Nada mais havendo a tratar, eu, Katinei Santos Costa, lavrei a presente ata, que depois de lida e **aprovada**, será assinada por mim, pela banca examinadora e pela aluna.

Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 25 de fevereiro de 2025.


Prof.^a. Dr^a. Katinei Santos Costa
-Presidente/Orientador-


Prof.^a. Dr^a. Vanessa Dias de Oliveira
-1º Examinadora Externa-


Prof. Dr. Jaldemir Santana Batista Bezerra
-1º Examinador Interno-


Adriana S. de S. Nascimento
-Discente-

*“O saber a gente aprende com os mestres e com os livros.
A sabedoria se aprende com a vida e com os humildes”.*
(Cora Coralina).

AGRADECIMENTOS

Neste momento, gostaria de ser uma Lélia Gonzalez, uma Conceição Evaristo, ou mesmo, uma Carolina Maria de Jesus, para que na habilidade com as palavras proferidas, pudesse expressar toda a gratidão emanada no meu peito. Mas não sou. Sou apenas Adriana Santana, filha de Maria, neta de Josefa, irmã de Andrea, mãe de Eduarda, tia de Alice, comadre de Jane, amiga de Ani, Sthefany, Márcia e aluna da professora Katinei. Assim, rodeada de grandes mulheres, construímos a nossa vivência e, sobretudo, o nosso eu. E quem somos, afinal? Com certeza, um pedacinho de cada uma que fez parte da minha existência, afinal somos um pedaço tecido de cada ser. E, assim, como uma colcha de retalho, a nossa história se faz e refaz, momentos únicos, da mesma maneira que cada tecido colorido compõe a bela colcha de retalhos chamada VIDA.

Mas, quem costura cada detalhe ou seria retalhos, rasgões ou pedaços? Possivelmente, um Ser superior chamado Deus, no Brasil; Olorum na matriz africana; Olodumarê na crença iorubá e, nós mulheres resilientes, segurando na mão uma da outra, na solidariedade inspirada em várias mulheres como propõe o presente estudo. Mulheres presentes nas histórias, assim como entrelaçadas no meu eu, na forma de ver o mundo, enfim, de viver.

Sendo assim, ser grata, reconhecer que não fazemos nada sozinha, é uma das maiores ações de amor. Por isso, preciso agradecer a você, minha mãe Maria, que mesmo murmurando e dizendo que já estava bom de tanto estudo, sei do seu orgulho e o quanto torce por mim; também ao meu pai, Cícero, exemplo de ser humano e do mais puro amor; aos meus irmãos Andréa e André, meus portos seguros; à minha primeira sobrinha Alice, meu pacotinho recheado de amor; a meu cunhado Dicinho e a Gabi pelo carinho e por mais um sobrinho, Gabriel, que está prestes a chegar, a fim de renovar a vida de toda a família. Agradeço também, aos professores, Marcos José e Dr. Ricardo Oliveira pelas contribuições.

Agradecer a Fabinho, meu companheiro de uma jornada linda de comunhão e muito amor há 28 anos. Como é bom tê-lo sempre comigo! Te amo infinitamente! Quero agradecer, em especial, aos meus filhos João e Duda, pois são os melhores presentes (não no sentido de ter, mas de ser) da vida. Obrigada por serem inspirações para que eu seja uma mulher nova a cada dia. Agradeço ao meu genro Victor por me acompanhar na degustação de vinhos, durante os momentos de descontração. Agradeço às catadoras por

acolherem a pesquisa e compartilharem saberes. Não me canso em ser grata a todos os professores e professoras, em especial, ao professor Maique que foi luz no meu caminho, também ao professor Jaldemir pelas sábias palavras, bem como à professora Vanessa por contribuir com a escrita do meu trabalho, à professora Josefa Silveira pela leitura cuidadosa, e, por fim, à minha orientadora Katinei pela sintonia maravilhosa, uma mulher admirável em todos os sentidos, que serve de inspiração para todas nós que convivemos com ela, pois demonstra sentimento de justiça muito forte que a eleva para a frente, não sozinha, mas consegue influenciar todas que estão à sua volta. Gratidão e amor é o que tenho por ti, professora! Obrigada a todos! Obrigada, Deus!

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Identificação das entrevistadas	88
Quadro 02 – O caminho dos materiais recicláveis do município de Cícero Dantas/BA	95
Quadro 03 – Etapas do produto	124

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Localização da cidade de Cícero Dantas/BA	16
Figura 02 – Localização do lixão do município de Cicero Dantas/BA	18
Figura 03 – <i>Bags</i> abastecidos com materiais recicláveis	94
Figura 04 – Catadoras de matérias recicláveis no ambiente de trabalho	101
Figura 05 – Catadoras de materiais recicláveis no momento de autocuidado	102
Figura 06 – Catadoras de materiais recicláveis em atividade	110
Figura 07 – Catadora de material reciclável em atividade laboral posição do corpo	111
Figura 08 – A mulher na relação de trabalho informal-etalismo	113
Figura 09 – Primeiro encontro formativo	125
Figura 10 – Segundo encontro formativo	126
Figura 11 – Terceiro encontro formativo	127
Figura 12 – Externando gratidão	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Principais motivações a aderir a profissão de catadora	93
Gráfico 02 – Grau de estudo das catadoras de materiais recicláveis	104
Gráfico 03 – Valor mensal do trabalho das catadoras de materiais Recicláveis	106

RESUMO

A sociedade, imbuída nas vertentes tecnológicas, na escassez do tempo e no consumismo como um modo de vida, sustenta uma crise socioambiental global com precedentes cruciais à vida humana na Terra. A ineficiência das políticas, o aumento da desigualdade, as catástrofes ambientais, o excesso de lixo produzido no planeta e a proliferação de gases de efeito estufa pelas indústrias, afeta, principalmente, a sociedade mais vulnerável. Tal realidade, muitas vezes, conduz crianças, idosos e mulheres a serem suplantados em situações degradantes de trabalho e de vida. Em meio às diversas inquietações, a mulher, catadora de materiais recicláveis foi anteposta como objeto de estudo da presente pesquisa. A vida cotidiana dessas mulheres que desenvolvem o trabalho de catadoras, imbuídas na precariedade, insalubridade, riscos físicos e psicológicos, ainda exercem a função de mãe, esposa, filha, avó e, muitas vezes, o papel de provedora familiar. Desta forma, mediante a essa vivência, o presente estudo trouxe como questão a relação de trabalho das catadoras de materiais recicláveis, no município de Cícero Dantas/BA. E como objetivo geral busca analisar a relação de trabalho da mulher por intermédio da vivência das catadoras de materiais recicláveis no referido município. Para alcançar o objetivo proposto, a abordagem metodológica da pesquisa se apresentou como empírica, pela integração, troca de saberes e escuta no decorrer das visitas *in loco* e se constituiu em qualquantitativa com enfoque exploratório-descritivo. Foram realizadas leituras bibliográficas e a coleta de dados que se configurou a partir de três etapas: a) observação participante; b) diário de campo com registros fotográficos; e c) entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por meio da análise do discurso em que se infere à fala das catadoras, essas que são silenciadas e oprimidas pelo poder, a análise e o significado político do discurso. Este servindo como alerta aos gestores públicos e à comunidade, a existência das catadoras em um cenário de exploração e esquecimento social. A análise da realidade das catadoras de materiais recicláveis se justificou por tratar de uma condição social em que, ao mesmo tempo, é desconhecida por muitos e invisibilizadas no seio do capitalismo patriarcal. Uma abordagem contra hegemônica que abarca um mundo de contradições, desde o ambiente de trabalho, à falta de gestão de resíduos, de programas de incentivo e valorização a essas mulheres. Portanto, a pesquisa trouxe inserida em uma visão incipiente de circunstâncias socioambientais a falta de justiça social, a degradação ambiental e as dificuldades vivenciadas pelas mulheres. Para além da dissertação, houve a elaboração do produto pedagógico que se concretizou em um livro de memórias. Memórias essas contadas pelas mulheres catadoras de material reciclável e transcritas sob o conceito de escrevivência, termo criado pela escritora Conceição Evaristo. Um livro que concedeu a essas mulheres o protagonismo enquanto participantes dessa caminhada subjetiva e científica.

Palavras-chave: relação de trabalho; resíduos sólidos; desigualdade social; vivência da mulher.

ABSTRACT

A society steeped in technological trends, time scarcity and consumerism as a way of life, sustains a global socio-environmental crisis with crucial precedents for human life on Earth. Inefficient policies, increased inequality, environmental catastrophes, the excess of waste produced on the planet and the proliferation of greenhouse gases by industries mainly affect the most vulnerable society. This reality often leads children, the elderly and women to be supplanted in degrading work and life situations. Among the various concerns, the woman who collects recyclable materials was put forward as the object of study on this research. The daily life of these women who carry out the work of collectors, imbued with precariousness, unhealthiness, physical and psychological risks, and still perform the role of mother, wife, daughter, grandmother and often the role of family provider. Thus, through this experience, this study raised the following question: how does the work relationship of recyclable material collectors occur in the municipality of Cícero Dantas/BA? And as a general objective, to analyze the work relationship of women through the experience of recyclable material collectors in the aforementioned municipality. To achieve the proposed objective, the methodological approach of the research was presented as empirical, through integration, exchange of knowledge and listening during on-site visits and was constituted as qualitative-quantitative with an exploratory-descriptive focus. Bibliographic readings and data collection were carried out, which were configured from three stages: a) participant observation; b) field diary with photographic records; and c) semi-structured interview. The data were analyzed through discourse analysis in which the speech of the collectors is inferred, those who are silenced and oppressed by power, the analysis and the political meaning of the discourse. This works as a warning, to public managers and the community, of the existence of collectors in a scenario of exploitation and social oblivion. The analysis of the reality of women recyclable material collectors was justified by the fact that it deals with a social condition that is both unknown to many and invisible within patriarchal capitalism. A counter-hegemonic approach that encompasses a world of contradictions, from the work environment, the lack of waste management, and programs to encourage and value these women. Therefore, the research brought within an incipient view of socio-environmental circumstances the lack of social justice, environmental degradation, and difficulties experienced by women. In addition to the dissertation, there was the elaboration of the pedagogical product that materialized in a memoir. Stories told by women recyclable material collectors and transcribed under the concept of writing, a term created by the writer Conceição Evaristo. A book that granted these women the leading role as participants in this subjective/scientific journey.

Keywords: Employment relationship; solid waste; social inequality; women's experience.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais

ANA – Agência Nacional de Águas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IST – Infecção Sexual Transmissível

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

PNMA – Política Nacional do Meio Ambiente

PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos

PROFCIAMB – Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais

SEMMA – Secretaria Municipal do Meio Ambiente

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. SANKOFA AMBIENTAL: UM OLHAR NO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE E ESPERANÇAR-SE COM O FUTURO.....	29
1.1 Brasil, uma sociedade imersa em contradição.....	29
1.2 A relação humana com a natureza: uma trajetória decrescente.....	35
1.3 Desigualdade social: elemento central do capital.....	38
1.4 “O lixo que você joga na rua diz muito sobre você”. Será? Uma reflexão socioambiental para além da ação.....	42
1.5 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, sociedade e meio ambiente como anda esta relação?.....	47
1.5.1 Educação ambiental: um espiral em uso.....	50
1.5.2 Legislação Ambiental no Brasil: uma prática, um caminho a trilhar.....	52
1.5.3 Política Nacional de Resíduos Sólidos, uma política ainda desconhecida.....	55
2. RELAÇÃO DE TRABALHO E VIVÊNCIA DA CATADORA DE MATERIAL RECICLÁVEL, UMA RELAÇÃO ARBITRÁRIA.....	60
2.1 O trabalho e suas definições.....	61
2.2 Relação de trabalho e meio ambiente.....	66
2.3 Relação de trabalho das mulheres invisíveis ao capital.....	69
2.4 Relações de gênero, classes sociais e raças: o nó da desigualdade.....	71
2.5 Entre mulheres: o trabalho da catadora de material reciclável.....	76
3. DO SILENCIO À PALAVRA: A REALIDADE DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO MUNICÍPIO DE CÍCERO DANTAS/BA.....	87
3.1 Dos nós aos laços: o encontro das mulheres.....	87
3.1.1 Da informalidade vem o sustento da mulher. Como anda seu trabalho?.....	91
3.1.2 Da superexploração da mulher ao aconchego do lar. Como vai a família?.....	103
3.1.3 O desgaste dos corpos femininos. Como anda a sua saúde?.....	108
3.1.4 Corpos femininos, abrigo da semente. De que natureza está se falando?.....	115
4. ELAS, ESCREVIVÊNCIAS: A CIRANDA DAS CATADORAS.....	119
4.1 A voz silenciada da mulher na escrita revolucionária.....	120
4.2 A narrativa das catadoras: vivências a serem escritas.....	122
4.3 Do silêncio ao discurso: Eu não sou uma mulher?.....	128

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A NÃO CONCLUSÃO DA PESQUISA.....	130
REFERÊNCIAS	133
Apêndice A – Termo de autorização para uso de imagem e depoimento.....	145
Apêndice B – Roteiro de observações / observar e anotar.....	146
Apêndice C – Formulário de entrevista.....	147
Apêndice D – Cronograma da pesquisa.....	151
Apêndice E – Diário de campo.....	152
Apêndice F - Produto pedagógico.....	161

INTRODUÇÃO

A relação de trabalho da mulher na catação de materiais recicláveis no lixão do município de Cícero Dantas/BA se configura numa atividade que ampliou a cadeia de reciclagem. Com o aumento do desemprego e a crise do capitalismo, houve a ampliação do trabalho informal e instável, bem como, a apropriação da profissão de catadoras pelo capital, a partir da exploração e das condições precárias de trabalho. Dessa forma, a catação de materiais recicláveis se apresentou não como uma opção, mas como uma fuga da realidade desolada pela necessidade extrema para essas mulheres, que entre as mais diversas funções já exercidas, passaram a efetuar a catação, uma atividade dotada de contradições, construída sob condições desiguais e desprovidas dos direitos trabalhistas e dignidade humana. Uma vivência que, apesar de contribuir com a conservação dos recursos naturais, se constitui em injustiça socioambiental de opressões classista, racial e de gênero.

Ser mulher, filha, mãe, tia, avó, estudante, professora nunca foram suficientes à vivência feminina, pois a sociedade exige muito mais. Apresentar-se, dessa forma, na sociedade capitalista não se configura em algo comum; a regra seria se apresentar profissionalmente primeiro e, secundariamente, as demais funções. Uma lógica que ressalta o trabalho como sendo mais importante que as demais atribuições, ou será que, realmente, é? Quem nunca ouviu a frase, “por trás de um grande homem há uma grande mulher”? Mas qual será o tamanho do sacrifício feminino para torná-lo tão grandioso, assim? E por que não seria o contrário?

A vivência da mulher traz estereótipos que são fortalecidos erroneamente, até hoje, tornando a vida delas ainda mais difícil. Partindo do princípio de que não há homogeneidade na figura feminina e que cada uma pertence a um mundo singular de lutas e resiliências, umas sendo mais cruéis que outras. Logo, conjugado com a abordagem socioambiental emergente, as mulheres em análise serão as catadoras de materiais recicláveis e a relação de trabalho na extensão do cuidado. Mas, a quem realmente importam essas indagações? Foi a partir delas, dentre outras observações, que surgiram os primeiros ideários de pesquisa, desde a problemática do excesso de lixo ao trabalho relevante das catadoras, mulheres invisibilizadas na sociedade.

O estudo partiu da reflexão processual entre um passado em que cada moradora, principalmente da zona rural, mantinha no seu quintal um espaço pequeno destinado ao lixo doméstico que se tornou alarmante pelo aumento do lixo nas avenidas urbanas, nos lixões, no mundo. O crescente cenário do efêmero ao descarte instantâneo é evidenciado

nas estatísticas, em que o volume de resíduos no planeta alcança os 2,3 bilhões de toneladas (em 2023), projeta, para 2050, ao considerar o ritmo atual, um total de 3,8 bilhões de toneladas de resíduos jogados no planeta (Unep, 2024). Uma relação humana versus natureza transformada pela industrialização e pelo mercado de trabalho. Nesse sentido, compreender a dinâmica de trabalho na sociedade capitalista, a reciclagem como solução ambiental, ao mesmo tempo o trabalho desvalorizado da mulher se constitui objetivo para uma reflexão interseccional e histórica da sociedade.

A efervescência sobre os problemas ambientais, dentre eles, o descarte e o acúmulo de resíduos sólidos, principalmente, em lugares irregulares como o lixão, realidade comum às grandes, médias e pequenas cidades brasileiras, traz uma alerta sobre o aumento de resíduos e as temidas consequências ao planeta. O tema da pesquisa traz a vivência e relação de trabalho das catadoras de forma interligada, sendo o trabalho parte constituinte do cotidiano, ao mesmo tempo compreendendo que há poesia, em ser mulher, seja na superação resiliente dessas mães, filhas, esposas, tias, avós ou mesmo na tentativa de se reencontrar em algum lugar por meio da memória.

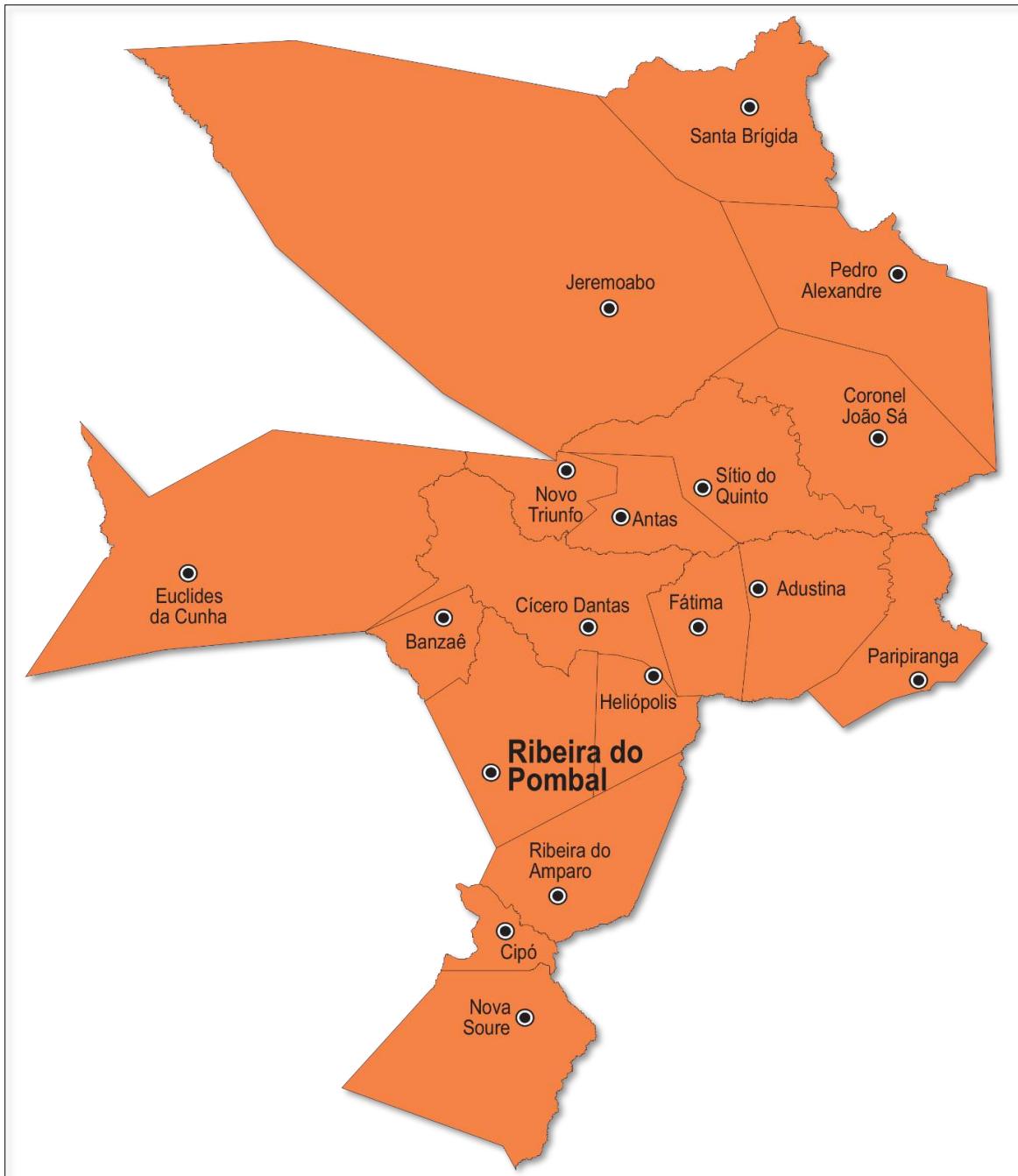
Sem a pretensão de mascarar a realidade, ao contrário, traçar um perfil dessas mulheres que a partir das mudanças no mundo do trabalho, nos anos 1990, em um contexto de aumento do desemprego e a expulsão das mulheres vulneráveis e periféricas do mercado de trabalho, bem como o aumento da feminização e do trabalho precário, tentam conciliar a vida privada (enquanto cuidadora da família) e o trabalho de coleta, no lixão. A presente pesquisa teve como amostra oito mulheres inseridas em um universo de doze catadoras.

A pesquisa ocorreu no município de Cícero Dantas/BA, que conta com 30.907 habitantes, segundo o censo de 2022, divulgado pelo IBGE. A cidade faz parte do território de identidade de semiárido Nordeste II, que se estende por 673,1 km² cuja densidade demográfica é de 48,3 habitantes por km². Vizinho dos municípios de Heliópolis, Fátima e Banzaê, Cícero Dantas se situa a trinta quilômetros ao Norte-Leste de Ribeira do Pombal, Núcleo Território de Educação-NTE-17, conforme a figura 01 (página 15).

Situado a 407 metros de altitude, Cícero Dantas tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 10° 35' 47" S, Longitude: 38° 23' 28" W (IBGE, 2022). O Estado da Bahia contendo 417 municípios, dividiu- se por meio do Decreto 15.806/14 em 27 núcleos regionais de Educação, visando uma logística organizacional considerando os aspectos plurais. O território é conceituado como um espaço físico, geograficamente

definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições.

Figura 01 - Localização da cidade de Cícero Dantas/BA.



Fonte: Núcleo Territorial de Educação - NTE 17

Cícero Dantas/BA trata-se de uma cidade centenária, proveniente de grandes heranças latifundiárias, provenientes de coronéis e fazendeiros; esses transmitiram seus legados familiar, político, religioso e agropecuário. Hoje, com 145 anos de emancipação, a histórica sociedade cicerodantense tem como principal fonte de renda o crescente comércio, a agropecuária e, principalmente, o funcionalismo público municipal. Apesar

de Cícero Dantas ser uma cidade considerada rica, em desenvolvimento econômico, segundo o IBGE (2021), o crescimento do IDHM (2010) - Indice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,525 (considerado médio) e o PIB (2021) - Produto Interno Bruto per capita alcança os R\$12.258,65; a cidade não possui fábricas, empresas, ou outras fontes de renda que contemplem os jovens.

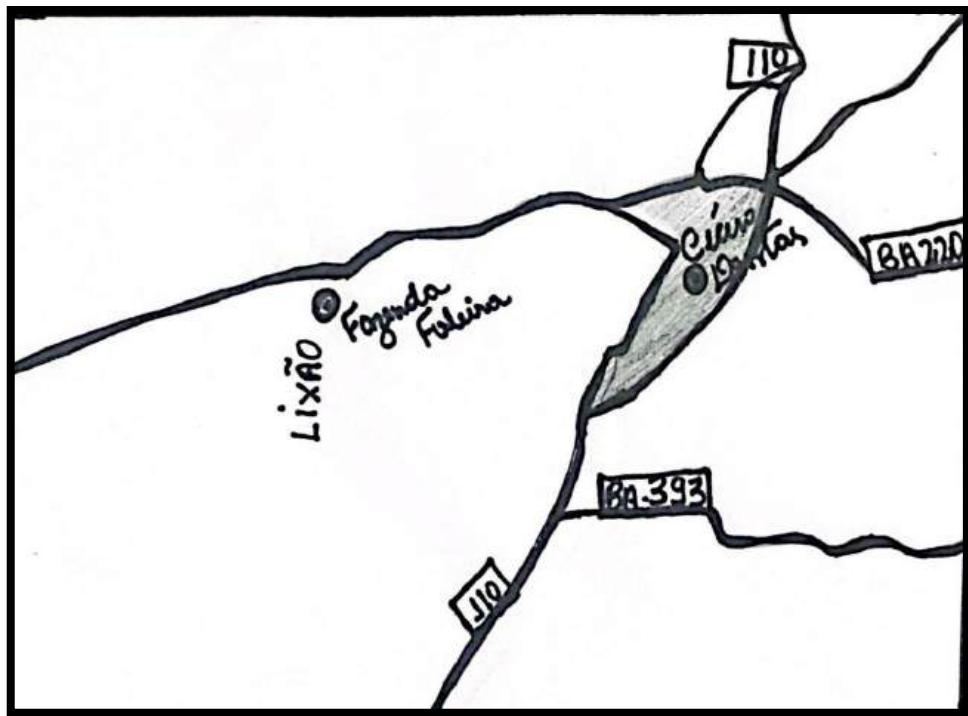
A cultura da cidade apresenta relação com a formação histórica, permeada de religiosidade acentuada nas diversidades. Há também, um fator relevante: grande parte dos adolescentes e jovens migram para continuar os estudos superiores, porém ao concluir os retornam para se efetivar profissionalmente como fisioterapeutas, fonoaudiólogas, odontólogas, farmacêuticas, advogadas, nutricionistas, professoras, dentre outras, na cidade de origem. Desta forma, acrescenta-se riqueza ao município, por meio das futuras profissionais.

Considerando-se que é na inter-relação complexa entre as estruturas sociais, econômicas e de discurso que circulam o poder, enquanto opressores interseccionais, os elementos sociais evidentes no município são: desemprego, violência, insensibilidade ao meio ambiente, vulnerabilidade familiar e da mulher e moradias irregulares periféricas, ou seja, escassez de condições humanas interpenetradas na qualidade de vida.

A complexidade em torno dos problemas ambientais chama, cada vez mais, a atenção da sociedade, dos cientistas, das organizações não governamentais e do mundo. A história mostra que mudanças negativas ocorreram desde a existência de uma natureza conservacionista a uma natureza utilizada de forma predatória como matéria-prima do sistema capitalista. Sobre as questões ambientais no município, um problema acentuado é o excesso e acúmulo de lixo nas ruas e nos povoados. Desta forma, na ausência de uma coleta seletiva e aterros sanitários, todo o lixo recolhido segue para um único destino: o lixão, lugar de contradições entre seres vivos humanos e descartes.

O lixão da cidade, como é popularmente conhecido, está localizado a um quilometro e meio da cidade. Trata-se de local distante do centro, porém, ainda na zona urbana e de crescente povoamento. O espaço *in loco* da pesquisa, como mostra a figura 02, tem aproximadamente quinze hectares coberto pelo lixo e fica situado na fazenda Faleira, local cedido por meio de um aluguel no valor de R\$ 43.200,00 anuais, firmado pelo contrato 007-2023 (Prefeitura Municipal de Cícero Dantas, 2024).

Figura 02 – Localização do lixão do município de Cicero Dantas/Bahia.



Fonte: Nascimento (2025).

O local da pesquisa se constitui em um espaço aberto, próximo à estrada que delimita a zona rural e urbana da cidade de Cícero Dantas/BA. Classificado popularmente como lixão, trata-se de lugar destinado a receber todo o resíduo sólido urbano e rural da cidade. Sem coleta seletiva, todos os rejeitos se misturam aos materiais recicláveis e reutilizáveis, contribuindo para a proliferação de roedores, aves, insetos, larvas e, até mesmo, vetores do *Aedes aegypti*, mosquito causador da dengue, assim como animais domésticos em estado de abandono, dificultando o trabalho das catadoras naquele ambiente.

Na legislação brasileira, a última data limite para extinguir os lixões das cidades de médio e pequeno porte era 02 de agosto de 2024. Sobre o plano de gestão de resíduos, o Brasil anda adormecido para a efetivação dessa logística. Segundo a Secretaria Municipal do Meio Ambiente SEMMA (2024), a prefeitura vem sendo pressionada pelo Ministério Público a acabar com o lixão o mais breve possível e construir, por meio de consórcios, o aterro sanitário, cumprindo as normas presentes na Política Nacional de Resíduos sólidos na Lei 12.305, inclusive o município vem pagando multas anualmente, por essa ineficiência ambiental. Entretanto, de acordo com a ABRELPE (2024), o Congresso Nacional prevê uma prorrogação de cinco anos para os municípios com até 50 mil habitantes, de acordo com a Lei 1323/24 que segue em análise, ainda sem aprovação.

Numa sociedade desigual, em que nem todas as pessoas obtêm os direitos humanos, trabalhistas, de saúde e qualidade de vida, logo surge o trabalho precário desenvolvido pelas catadoras de materiais recicláveis, trabalho exercido sem a devida proteção, remuneração, muito menos um ideário de qualidade de vida. Desse modo, a pesquisa trouxe como objeto de estudo as catadoras de materiais recicláveis por meio das vivências seguintes: i) as mulheres são maioria a desenvolver o trabalho de reciclagem no município; ii) trata-se de um público que sofrem as consequências da sociedade patriarcal na responsabilidade, muitas vezes solitárias, nas funções de cuidadora e de mantenedora da família; e iii) pela tripla jornada de trabalho e descaso às dores femininas, naturalizando o sofrimento, o ato de criar e cuidar inerente apenas à mulher, ou seja, reafirmando o estereótipo de que toda mulher é guerreira, mas na verdade são mulheres desassistidas pela sociedade e pelo poder privado e público.

As mulheres são a maioria entre os catadores de materiais recicláveis, representando 70% dos 800 mil trabalhadores em atividade no Brasil, de acordo com dados do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (Brasil de Fato, 2023). Segundo esses dados, as mulheres são maioria no trabalho da catação de resíduos sólidos no município baiano de Cicero Dantas, um dos motivos pela delimitação do gênero/sexo feminino na presente investigação.

Os sujeitos da pesquisa trazem como principais características fazer parte da amostra de 08 catadoras no universo de 12 mulheres, a faixa etária de 25 a 60 anos, sexo feminino, predominância da cor de pele preta, etnia parda e indígena, orientação sexual cisgênero, mães casadas e mães solas, moradoras da comunidade periférica, beneficiárias dos programas sociais do governo, fazem parte de uma classe com escasso poder aquisitivo, compondo um grupo social vulnerável e proletarizadas que servem ao capitalismo, mesmo sem a devida compreensão sobre esse sistema. A maior parte trabalha entre cinco e vinte e cinco anos, em média, na catação, além de ser maioria na coleta com um quantitativo aproximado de doze mulheres e seis homens.

Em virtude da informalidade do trabalho, há uma mobilidade contínua no número de trabalhadoras; quando encontram outro serviço, não retornam mais àquele espaço devido à inadequação do ambiente de trabalho, cenário que justifica a realização da pesquisa com oito mulheres, selecionadas por manterem uma regularidade e maior tempo no trabalho de catação. O critério de inclusão das catadoras de materiais recicláveis levou em consideração três fatores: a) ter maior tempo de trabalho no lixão; b) ser do gênero feminino e; c) haver disponibilidade em participar da pesquisa.

A análise da realidade das catadoras de materiais recicláveis se fez necessário por se tratar de uma condição social, ao mesmo tempo, desconhecida por muitos e invisibilizadas pelo poder público. Trata-se da primeira pesquisa a analisar a vivência das catadoras de materiais recicláveis no município, uma abordagem contra hegemônica que abarca um mundo de contradições, desde o ambiente de trabalho, à falta de gestão de resíduos, bem como de programas de incentivo, além da valorização da exploração da força de trabalho destas mulheres por empresas de reciclagem, as quais, equivocadamente, consideraram uma profissão autônoma, mas apesar de ser reconhecida como categoria profissional, oficializada na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), no ano de 2002, registrada pelo número 5192-05 (Ministério do Trabalho e Emprego, 2010), não passa de mais uma relação de trabalho nos moldes capitalista em que vendem a própria força de trabalho, o tempo livre e sua saúde, sem acesso à seguridade trabalhista e humana.

Grande parte das catadoras residem na mesma comunidade, conhecida como Cascalheira há 3 km de distância do lixão. Normalmente, elas saem das suas residências todas as manhãs, às oito horas, aproximadamente, seguem a pé até o local e esperam a chegada dos caminhões com os rejeitos e resíduos para que possam efetivar a coleta, colocando em sacos grandes chamados de *bag*. Em seguida, guardam em cabanas feitas por materiais reutilizados e, após concluírem o trabalho, retornam para suas casas. A estimativa de tempo de serviço decorre entre cinco a seis horas diárias.

Diante de tal conjuntura, as mulheres catadoras se dividem na missão de cuidar do outro, do meio ambiente e de si; ainda assim, quando visualizadas, são marcadas pelo olhar indiferente e preconceituoso sobre aquela realidade. Desta forma, surgiu, o questionamento da pesquisa: ‘Como ocorre a relação de trabalho, mediante as vivências das catadoras de materiais recicláveis, no município de Cícero Dantas/BA?’ A pesquisa busca, também, refletir sobre a vida cotidiana dessas mulheres que desenvolvem o trabalho de catadoras, e que mesmo imbuídas na precariedade, insalubridade, riscos físicos e psicológicos, mantêm a função de mãe, esposa, filha, avó e, muitas vezes, exercem o papel de provedora da família.

Os procedimentos éticos seguiram as normas de conduta ética, condizente à pesquisa científica, descritos na Resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 e da Resolução nº 510/16, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/1997, 251/1997, 292/1999, 304/2000, 340/2004, 346/2005 e 347/2005) que discorrem sobre a ética em pesquisas com seres humanos, bem como o envio e aprovação pelo Comitê de Ética e

Pesquisa e na Plataforma Brasil. É importante destacar alguns itens na conduta, a exemplo de: a) Grupos de pessoas em estados ou condições especiais exigem cuidados diferenciados, como gestante, crianças, prisioneiros, membros de comunidades vulneráveis, dentre outros; b) a adequada avaliação da relação risco-benefício, a obtenção do consentimento informado e a garantia da preservação da privacidade, por meio de termos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa preenchidos e assinados pelos participantes da pesquisa como: i) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); ii) Termo de compromisso e confidencialidade; iii) Termo de autorização para o uso de imagem e depoimento.

A metodologia da pesquisa foi embasada, inicialmente, na fundamentação teórica presente na pesquisa bibliográfica e em fontes secundárias. Considerado o primeiro passo de uma pesquisa científica, a bibliografia não se apresenta como mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas proporciona o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (Marconi; Lakatos, 2010, p. 166). Foram levantados dados secundários de diversas obras como livros, periódicos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tratam das temáticas em questão.

A pesquisa se configurou em empírica por se tratar de um estudo que exigiu o deslocamento, a obtenção de informações e a prática da escrevivência como construtora do conhecimento. Ou seja, houve além da observação da realidade, o diagnóstico através dos instrumentos de pesquisa, o reconhecimento das vivências subjetivas e visíveis naquele local.

A abordagem qualquantitativa foi a mais coerente a essa investigação científica por se tratar de uma abordagem que infere as variáveis sociais em que o imperativo estará na experiência e vivência da população pesquisada e não, prioritariamente, nos valores numéricos. Na pesquisa qualquantitativa, cabe ao pesquisador grande responsabilidade e ética, desde a coleta, a análise e a interpretação dos dados.

Como afirma Guerra (2014, p. 11) essa abordagem busca aprofundar a compreensão da situação, seja ela individual, grupal ou organizacional, sem se preocupar com representatividade numérica e relações lineares entre causa e efeito. Ainda, sobre a escolha da abordagem quali-quantitativa, alguns pressupostos o justificam: i) a realização da coleta é feita no contexto natural, resguardando informações, interpretações que dependem do contexto *in loco*; ii) o pesquisador é peça chave na análise e aprofundamento nos discursos textuais; e iii) a utilização dos múltiplos métodos de coleta que foram utilizados, enquanto triangular fonte de análise (Creswell, 2014).

A pesquisa foi de caráter exploratório-descritiva pelo processo de busca, curiosidade e exploração, essenciais à realização da pesquisa de caráter não linear, mas de inter-relação, junção, descrição e registro documental de todo o processo investigativo. De caráter descritivo, objetivou-se descrever os fatos de uma realidade, sem abdicar de um exame crítico das informações, ao mesmo tempo, trazendo os resultados com a maior exatidão possível. Ao combinar a pesquisa exploratório-descritiva foi possível ouvir histórias de vida e vivências cotidianas no ambiente de trabalho e na própria comunidade que residem. Em cumprimento aos rigores éticos da investigação científica, e fazendo-se uso dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termos de Autorização para uso de Imagem e Depoimento, houve um diálogo prévio com as participantes sobre o anonimato e descrição no processo da pesquisa.

A coleta de dados se definiu como uma etapa extremamente importante quando atrelada ao contexto da pesquisa. Neste caso, a pesquisa em evidência utilizou-se de três procedimentos de coleta: a) a observação direta intensiva por meio da técnica participante; b) a entrevista semiestruturada, modelo anexado no apêndice; e c) por meio de registro escrito e fotográfico, o diário de campo, também em anexo. O processo de observação ocorreu de forma participativa, previamente organizado por um cronograma e tabela de observação, constando a data e horário que abrangessem o cotidiano da mulher como: a chegada ao trabalho, o momento da coleta dos materiais recicláveis, a organização dos materiais, se havia momentos para refeições e descanso, compra e venda dos produtos recicláveis, término do expediente e retorno para suas residências.

O segundo procedimento de coleta utilizado foi a entrevista com as catadoras de materiais recicláveis. A entrevista se configurou em questões estruturantes e não estruturantes, com a intenção de facilitar o diálogo com as participantes, permitindo se expressarem e contribuírem com a coleta de dados. A referida entrevista ocorreu com as catadoras de forma individual e acolhedora, dividida em duas categorias seguidas de mais duas, a saber: a) trabalho e família; b) saúde e meio ambiente, para que em nenhum momento as participantes se sentissem pressionadas ou constrangidas com os questionamentos.

Para a aplicação das entrevistas foi necessária uma prévia organização. Por não pretender atrapalhar o trabalho das mulheres, foi escolhido o final de tarde para buscá-las em suas comunidades e, ao lado de uma capela desativada, próxima às suas residências, foram realizados os encontros. Desta forma, foram alcançadas seis participantes, sendo apenas duas mulheres que responderam ao questionário no próprio local de trabalho.

A escolha pela entrevista semiestruturada, como uma das técnicas desta pesquisa, levou em consideração a possibilidade de haver mulheres que não conseguiam ler e escrever, exigindo uma maior flexibilidade em repetir ou esclarecer as perguntas, além da possibilidade do registro de reações e gestos, compiladas às informações adquiridas (Engel; Silveira, 2009, p. 62;73). O olhar atento sobre o trabalho das catadoras e do próprio contexto *in loco* exigiu o registro consistente e fidedigno na descrição escrita e fotográfica, o diário de campo, enquanto terceiro método da coleta de dados. Com caderno e caneta em mãos, celular com câmera fotográfica foram registrados detalhes a serem analisados e interpretados. A utilização de gravador de voz não foi possível, pois as catadoras não se sentiram à vontade diante do aparelho.

Uma vez manipulados os dados, o passo seguinte foi a análise interpretativa dos resultados. Análise e interpretação são duas atividades distintas, porém estritamente relacionadas. A análise é a explicação da relação existente entre os fatos, enquanto a interpretação é uma atividade intelectual que procura dar significado ao material coletado. (Marconi; Lakatos, 2010, p. 151). Dessa forma, a análise e interpretação dos dados se concretizaram por meio da apreciação dos instrumentos de coleta, de acordo com a proposta de análise do discurso. “A análise do discurso é uma disciplina de entremeio, não positivista, que não acumula conhecimentos meramente, pois continuamente discute seus propósitos” (Souza, 2006, p. 65). Logo, por se tratar de um evento complexo nunca estará apenas atrelado à vontade, ou desejo do falante, mas à realidade social, às regras e meios de quem, quando, onde e se estará outorgado a falar.

A pesquisa trouxe em seu escopo a vivência das catadoras e como essas mulheres são afetadas pela sociedade capitalista e classicista emergente, uma visão incipiente de circunstâncias socioambientais que perpetuam no território *in loco* como falta de justiça social, degradação ambiental e dificuldades vivenciadas pelas mulheres inseridas em uma rotina exaustiva, sem o mínimo de proteção individual e coletiva, enfim, aquém de uma sociedade de direitos efetivos a todas. De acordo com Speck, (2021, p.04) Audre Lorde afirmava “não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes delas forem muito diferentes das minhas”, sendo assim, justifica-se a escolha do gênero/sexo feminino enquanto participante da pesquisa em educação ambiental crítica informal, traduzindo-se na abordagem socioambiental, a partir de questões reflexivas, como:

- Como as catadoras de materiais recicláveis veem e se relacionam com a natureza?
- Quais são os principais impactos socioambientais na vida e no trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis?

- Quais são as condições de trabalho na catação de materiais recicláveis e como as mulheres os identificam em suas vidas?
- Quais são os papéis das mulheres definidos pela sociedade patriarcal/capitalista?
- Como resgatar as memórias das mulheres experienciadas na vida e na relação de trabalho na cata de materiais recicláveis?

A realização do estudo com/no meio ambiente de trabalho se faz político e revolucionário na fala de mulheres para mulheres pela função colaborativa na diminuição dos problemas ambientais, retratados mundialmente, porém escasso de direitos trabalhistas, humanos e sociais. Desta forma, ampliando os conhecimentos socioambientais e o fortalecimento de saberes e conhecimentos interdisciplinares, o objetivo geral busca analisar a relação de trabalho da mulher por intermédio da vivência das catadoras de materiais recicláveis no município baiano de Cícero Dantas. Outrossim, os objetivos específicos estão discriminados a seguir:

- Compreender os conceitos de natureza na relação de trabalho com as catadoras de material reciclável;
- Reconhecer os principais impactos socioambientais na vida e no trabalho das catadoras de materiais recicláveis;
- Identificar as condições de trabalho das mulheres a partir do relato das suas vivências;
- Interpretar os papéis das mulheres definidos pela sociedade patriarcal/capitalista;
- Construir um caderno de memórias transcritas com histórias de vidas experienciadas pelas catadoras.

A pesquisa em relevo se dividiu em quatro seções, as quais trouxeram como subdivisão as imagens, símbolos da ancestralidade, do conhecimento e do desenvolvimento que permeiam a história da África, por meio da escrita e de tradições epistemológicas, os *adinkras*. Eles possuem em si aspectos da história, da filosofia e valores dos povos de Gana, lugar de origem do termo *adinkras*, que apesar de significar adeus, é usado como homenagem e festividade (Nascimento e Gá, 2022, p. 09). A escolha por esta estética se justifica pela presença e ensinamento da matriz cultural africana na ancestralidade, na luta, nas memórias e nas vivências das mulheres.

A seção I com o tema **Sankofa ambiental: um olhar no passado para entender o presente e esperançar-se com o futuro** traz uma revisão bibliográfica que se destaca por meio de um diálogo reflexivo entre a relação ser humano e natureza, desde os

primórdios, quando esse, em busca de sobrevivência se utilizava da caça, pesca, água e alimento advindo da natureza. Dentro da complexa relação estabelecida entre o ser humano, natureza, sociedade e suas contradições, no âmbito macro, o capítulo trilha pelas principais legislações, documentos e acordos (Inter)nacionais, assentados nas políticas públicas ambientais, um desafio à educação socioambiental, órgãos governamentais e instituições públicas e privadas para colocá-la em prática. Sob à luz de teóricos e teóricas como Antunes (2005; 2008; 2011) que trouxe a nova morfologia ou mutação do trabalho na transição da desestabilidade do emprego formal para o trabalho informal por meio da flexibilização, cooperativas, feminização do trabalho e a precariedade imbuída nessa relação. A desigualdade social como elemento potencializado dentro do sistema capitalista, destrói além da natureza o próprio ser humano, transformando-os em instrumento mercantilizado.

Layrargues (1998; 2002; 2014) enfatizou a importância de considerar os recortes sociais diante dos problemas ambientais, exteriorizando o quanto o capitalismo se apropria do discurso ambiental se refazendo-o. Enquanto isso, Theodoro (2022) nomeia a sociedade brasileira como uma sociedade desigual ao afirmar, que ela traz todos os ingredientes necessários à desigualdade, como a necropolítica, o biopoder, o racismo e a discriminação e, ainda, que as cidades se apresentam de maneira multiforme.

Loureiro (2006; 2008; 2019), por sua vez, retrata a gravidade da crise ambiental e societária e a importância de uma prática educativa reflexiva, a partir de uma visão socioambiental crítica. Akotirene (2019) e Creswell (2014) trazem a interseccionalidade como um viés de opressores que merecem atenção no âmbito da desigualdade como avenidas identitárias que se cruzam.

No mesmo cenário foram apresentados os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e como os dezessete objetivos corroboram com a realidade da população vulnerável, principalmente as mulheres nas mais diversas esferas de vivência, desde a exclusão, ao machismo, ao racismo e às cobranças que a sociedade impõe, negando o protagonismo feminino por meio de uma perpétua submissão colonialista.

A seção II reflete **A relação de trabalho e vivência da catadora de material reciclável, uma relação arbitrária** por meio da precarização, desemprego estrutural e feminização do trabalho, diretamente ligada ao sistema capitalista no quadro da reestruturação produtiva em curso. Desta forma, a análise se configurou por meio dos dados estatísticos e da literatura bibliográfica reforçada por Saffioti (1976; 1988; 1995; 2015) como o nó da desigualdade: gênero, raça e classe. O poder como potência e impotência; a sociedade capitalista enquanto acumulação, miséria e mercantilização das

relações sociais. Gonzalez (2020) discute sobre o lugar ocupado pelo dominador e pelo dominado, enquanto Evaristo (2016; 2021) versa sobre o poder da mulher, a ancestralidade e seus arrebatamentos para permanecerem vivas na sociedade racista, patriarcal e misógina, além de traçar o poder da fala feminina por meio da escrevivência. Sobre a vivência da mulher desde a missão de cuidadora à expansão dela ao mercado de trabalho, bem como ao aumento do processo de reciclagem diretamente ligado aos impactos ambientais causados pela industrialização e pelo capitalismo em reconhecer na reciclagem um recurso de vantagens financeiras. Sendo assim, a relação de trabalho das catadoras traz um caráter importante de conservação ao meio ambiente, de sobrevivência humana, e, ao mesmo tempo, de superexploração dos corpos femininos pela cadeia produtiva da reciclagem, portanto, uma relação contraditória e de desigualdade social.

A seção **III Do silêncio à palavra: a realidade das catadoras de materiais recicláveis no município de Cícero Dantas/BA** trouxe não apenas o diálogo com as catadoras de materiais recicláveis, mas a confiança, a interação, a troca de saberes e a harmonia. Nesse contexto, se configurou a presente pesquisa. Dividida em categorias como trabalho, família, saúde e meio ambiente foi possível abordar a vivência de cada uma delas, os sabores e dissabores da vida da mulher no universo invisível à sociedade capitalista e misógina da qual fazem parte.

A seção IV é o produto técnico educacional com o tema: **Elas escrevivências: A ciranda das catadoras**. Tal produto se constitui em uma atividade de extensão comunitária desenvolvida a partir de encontros e diálogos “descomprometidos” que trouxeram a vivência e memórias das mulheres partícipes da pesquisa e de suas ancestralidades por meio das histórias narradas e reescritas. Neste sentido, o presente capítulo traz desde a organização, as experiências de momentos singulares e de grande aprendizado coletivo, um convite a conhecer, de perto, cada história por meio do caderno de memórias impresso à parte.

O produto técnico buscou sintetizar as discussões sobre a vivência das catadoras de materiais recicláveis no ambiente de trabalho (no lixão), ao passo que trouxe uma reflexão sobre ser mulher na sociedade capitalista escassa de humanidade e de grande expropriação da natureza, compreendendo que, ao lado de grandes mulheres, há sempre outras mulheres, mãos femininas que se sustentam ao se entrelaçarem por meio da ancestralidade.

Nessa direção, as questões trabalhadas mostraram a ineficácia das políticas públicas de resíduos sólidos, assim como a inexistência da garantia dos direitos humanos e trabalhistas na vida dessas mulheres, confirmado que a injustiça socioambiental se

apresenta atrelada aos opressores de raça, gênero e classe da sociedade capitalista. Entretanto, como as estações do ano que chegam surpreendentemente para renovar o habitat, as catadoras se renovam a cada amanhecer, às vezes, como o outono, deixando as folhas secas caírem, até surgirem novas e florescerem, e quando se vê já é primavera. Ou não raro, molhando a face como chuva de inverno que escorre sem barulho, até que o vento chega e, aos poucos, seca. E então, logo é verão, outra vez.

Seção I



Fonte: Imagem produzida por inteligência artificial a partir da base de Adinkras, com referência a força da mulher.

SANKOFA¹

¹ “Nunca é tarde para voltar atrás e buscar o que ficou perdido” diz o provérbio que dá significado ao SANKOFA. Este ADINKRA representa o valor do passado e a necessidade de valorizar as raízes (Nascimento e Gá,2022).

1. SANKOFA AMBIENTAL: UM OLHAR NO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE E ESPERANÇAR-SE COM O FUTURO

A formação da sociedade brasileira é entrelaçada por cada período histórico estruturante, interligado e compenetrado um ao outro. Compreender o processo histórico social imbuído nas contradições de classe, gênero, e raça faz sentido, não como justificativa para uma realidade complexa, mas para apreender que é na interseccionalidade que todo o processo de relação humana, social e ambiental acontece. Um olhar no passado, na relação ser humano e natureza, no conceito de sociedade e seus emaranhados estruturantes, como uma aprendizagem significativa. Um olhar no presente, nas legislações ambientais em vigor, bem como, na deliberação da complexa dialética, em atender a emergência climática e o sistema capitalista, em que tudo se transforma em valor de troca ou lucro, como uma aprendizagem analítica. E, logo, esperançar-se com o futuro, a partir do presente edificante da verdadeira justiça social de igualdade, inclusão e antirracismo, versadas na relação de trabalho da mulher, em específico das catadoras de materiais recicláveis.

1.1 Brasil, uma sociedade imersa em contradição

O cenário populacional brasileiro traz, historicamente, elementos que se entrelaçam e formam a presente sociedade. Compreender como ocorreu o processo estruturante do Brasil desde o extenso período escravocrata, os movimentos e mudanças ínfimas ou grandiosas reflete sobre os percursos sociais não serem naturais, mas consequência das ações humanas. Para Theodoro (2022, p.89), no caso do território brasileiro, houve todos os ingredientes necessários à formação da sociedade desigual, o racismo como ideologia e prática dominante, a discriminação como práticas sociais corriqueiras, a branquitude, o biopoder e a necropolítica, circunstâncias propulsoras das opressões raciais, classista e de gênero.

É nesse contexto que a história do Brasil se funda e se retroalimenta, mudando nomenclaturas, modernizando ações, mas não distante do poder, da dominação colonialista e da tentativa de apagamento do ser humano descendentes da história trágica da escravidão. A chegada dos colonizadores, marcada por muita violência, impusera-se destruindo grande parte dos povos originários e africanos através do genocídio, apagamento da língua, apagamento de suas crenças, tirando sua paz, seu lar e, até mesmo,

vidas (Munanga, 2016, p. 16). “Animalizaram as pessoas e reduziram a um corpo caracterizando tudo aquilo que um corpo destituindo de pensamento é capaz de oferecer, sexo e força de trabalho, um corpo não pertencente a si” (Pinheiro, 2023, p. 39). O período escravocrata que vai desde o século XVI ao XIX enquanto formação da nação brasileira (século XIX, após a independência), deve ser considerada uma das maiores tragédias da humanidade, período que não se anula, mas que precisa ser superado e não perpetuado como um fim em si mesmo, estigmatizando a mulher negra como eterna submissa e incapaz na sociedade ocidental.

O cenário histórico abre espaço para a força cultural e intelectual de toda uma nação, que não se funda no ocidentalismo, mas, de modo geral, funda-se por meio de outros continentes como a América, Europa, África e Ásia”, incluindo em ênfase, os povos africanos e os povos originários. À luz de Nascimento (2021, p. 08-09) contra um colonialismo cultural afirma que “a história do Brasil foi escrita por mãos brancas” ao mesmo tempo que convida a um fazer científico aliado à subjetividade, elegendo a formação social dos quilombos como base de uma interpretação de nação e de mundo.

Com o tráfico negreiro ao chegar a essa terra, os negros e negras escravizados (as) foram obrigados(as) a esquecerem suas memórias, suas raízes, pois não as caberiam dentro de uma história sanguinária da escravização no Brasil. De seres livres, ancestralidade alta e potente nas suas terras de origem, realidade escondida por séculos na história eurocêntrica “vencedora”, esses foram reduzidos a máquinas, mercadorias, sem escolha, nem para se vender. Neste sentido, infere-se que, mesmo com a tentativa histórica de extermínio do negro e povos indígenas, esses resistiram e resistem aos atrozes de uma sociedade desigual. Hoje, negros, mestiços são predominantes no Brasil, como mostra os últimos dados do IBGE, (2022) “45,3% das pessoas são pardas; 10,2%, pretas e 0,8% declararam-se indígenas”.

Ao pertencer um período longo de práticas cruéis, desumanas, de trabalho forçado, homens negros e mulheres negras eram mercadorias de diferentes valores, entretanto, não se discerniam no trabalho escravocrata; a mulher realizava todos os serviços domésticos e, ainda, trabalhava na plantação ajudando seu companheiro, ou seja, o peso da escravidão, para as mulheres não foi aliviada pelo fato de ser mulher, ao contrário, as mesmas, ainda passavam pelo abuso sexual dos seus senhores brancos, gravidez e morte dos próprios filhos em detrimento dos filhos das mulheres da casa grande.

A chegada da “alforria” não amenizou as dores e desalentos desses povos, tendo em vista que apenas um percentual ínfimo dos negros e negras tiveram acesso a ela. Ao contrário, seguiu-se firme o abandono, o descaso e a violência. Mesmo com a tão

“sonhada” liberdade, uma grande quantidade de pessoas negras se viu em estado indefinido de servidão [...]” (Davis, 2016, p. 96). Dessa forma, comprehende-se que o processo escravocrata perpassou o advento da alforria, “a extinção da escravidão”, visto que a população negra resistiu a todo tipo de adversidade, dos mocambos às favelas, das palafitas à segregação social. Os (as) negros (as) sempre foram levados(as) para as pontas das cidades, com expulsões propositais de invisibilidade até formarem os quilombos, locais de fugas e resiliência. Da mesma maneira ocorreu com os indígenas, verdadeiros donos dessas terras, muitos dos quais foram extermínados e outros sofrem até hoje, por represália, por falta de direitos, enfim, o não direito à vida. Esses, enquanto resquícios do modelo escravocrata, insigne na sociedade atual.

Um dos principais motores de reprodução da sociedade desigual, a conquista do espaço vital onde negras e negros têm vivido e se reproduzido é uma história de exclusão e de apartação do território [...] na sociedade desigual, a cidade se apresenta de maneira multiforme. Para uns, ambiente de conforto, cultura e segurança, com pleno acesso a comércio, serviços, cultura e lazer. As classes médias e as elites comungam dos espaços restritos de *shoppings centers*, teatros, casas de *shows*, restaurantes etc. Para outros, a vida urbana é caótica, perigosa e hostil, sem direito ao mínimo de lazer e segurança (Theodoro, 2022, p. 234).

Apesar de profundamente racista, a sociedade brasileira ecoa o discurso da “democracia racial”, mas segue a prevalência da hierarquia branca, capitalista, fundada na colonização. “Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com a herança acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas” (Bento, 2022, p. 23). Portanto, “aprender e conhecer sobre o Brasil é aprender e conhecer a história e a cultura de vários povos que aqui se encontraram” (Munanga, 2016, p. 11).

Desde os povos originários (os indígenas) aos povos tradicionais (negros e pardos), apesar de majoritários no país, enquanto identificação fenotípica, pela cor da pele estética e não pela constituição genética sempre foram perseguidos, excluídos, tornando-se a população mais pobre e marginalizada de uma sociedade estruturalmente racista. (Pinheiro, 2023, p. 41).

As heranças anteriormente citadas mostram que existem “estórias” e “histórias”, sobre as quais precisam-se refletir enquanto educação formal e informal. A história eurocêntrica, a do branco, como fonte verídica e, muitas vezes, considerada como única e a história africana, a do negro, que por muito tempo foi propositalmente, desconsiderada e estigmatizada pelo poder, sendo omitida e transfigurada. As histórias de cunho africano deixam de existir a partir dos inscritos do colonizador. Nesse sentido, enquanto

aprendizado, a história dos africanos no Brasil, incluindo sua cultura, crenças, saberes e memórias são esquecidos e a história acaba sendo contada pelo “vencedor”.

O conceito de sociedade esbarra na relação dos seres humanos em sua diversidade. A questão é de que forma ocorre essa inter-relação complexa e contraditória? Uns superiores, outros inferiores. Seria uma lei da selva, uma caça aos predadores ou um salve-se quem puder? Nessa tentativa de entender a sociedade, talvez a afirmativa de que a sociedade seja classe e poder, faça-se mais coerente. Conforme Saffioti (1995, p. 54), “o poder tem duas faces: a da potência e a da impotência”. Compreender essa sociedade de contradições tem sido base de estudo de muitos pesquisadores, já que a humanidade provém do coletivo de multiculturalidade.

Uma sociedade é composta por muitas outras sociedades. Dentro de uma sociedade desigual, como a sociedade brasileira, o poder está centralizado numa minoria branca, privilegiada, elitista. Já na sociedade impotente estão os negros, pardos e pobres. Algumas sociedades estão acentuadas na desigualdade, privação de direitos socioeconômicos, educação, saúde, segurança, saneamento e moradia digna, ao mesmo tempo, aparelhada pelas desigualdades de gênero, classe e raça (Theodoro, 2022, p. 42). Nesse sentido, comprehende-se melhor, as contradições fundantes do Brasil, por meio da literatura de Lélia Gonzalez:

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao esforço físico ocupado pelo dominador e dominados. O lugar do grupo branco dominante são moradias saudáveis situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas [...] Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: das senzalas a favelas, cortiços, invasões alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (Gonzalez, 2020, p. 84-85).

A autora mostra que na medida que o ser humano se torna um ser “civilizado” contrai obrigatoriamente a negação, a exclusão e, ao mesmo tempo, a existência do outro servirá como comparativo, o diferente a partir de julgamentos. Com o capital, o ser passa a se comparar um ao outro, por meio da mercantilização universal, “uma vez que as relações sociais são fundadas na produção de mercadorias, na apropriação privada, na exploração do trabalho e na expropriação de meios de vida (territórios, técnicas, saberes e culturas) exigem a universalização de um padrão único de sociabilidade, valor e cultura” (Loureiro, 2019a, p. 39). Desta forma, passa-se a não considerar a diversidade, mas a homogeneidade padronizada pela civilidade do capital, exteriorizada em preconceito, racismo e ganância humana, sendo a civilização uma vertente do ter em detrimento do ser natureza.

Neste sentido, as categorias são mútuas ou se cruzam, reafirmando o privilégio de alguns e o descaso de outros, como afirma Davis (2016, p. 12-13): “É preciso compreender que classe informa raça. Mas raça também informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida”. É preciso refletir bastante para perceber essas intersecções e observar que a sociedade desigual é infundida pela sociedade patriarcal, propositalmente, pelo Estado, como uma sociedade hegemônica por limite territorial e de exclusão. Quem mora na comunidade periférica é considerado dentro da logística depreciativa como incapazes, violentos, usuários ou traficantes de drogas, desocupados, preguiçosos, dentre outros (Saffioti, 2015, p. 12). Na tentativa de permanecer com essa segregação entre preto e branco; rico e pobre, não há investimentos reais, por parte do poder público, ou seja, “o sistema de dominação social compreende os sistemas econômico, político, cultural e simbólico que mantém as desigualdades” (Saffioti *apud* Costa, 1988, p. 39). Afinal, a impotência existe porque o poder a faz sucumbir.

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado [...] o pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo (Bento, 2022, p. 24).

A partir da literatura, a autora reflete o caminho histórico-social que leva à interseccionalidade de opressões e, ao mesmo tempo, a compreender o quão essas heranças estão presentes na atualidade. O pacto mencionado não se mostra verbalizado, porém entrelaçado, cotidianamente, na sociedade vigente, a partir das críticas sobre políticas públicas afirmativas por atravessar o olhar para a classe menos favorecida. A ascensão do pobre e do negro viajando de avião, o ingresso do negro e negra nas universidades, a aquisição de bens materiais como a casa própria, incomoda a classe branca e privilegiada, essa ainda, se apropriando desses benefícios, se angustia na possibilidade de perder seus privilégios ou ter que dividir o mesmo espaço.

O verdadeiro receio da igualdade social surge exatamente na elite branca e privilegiada, que muitas vezes, na sociedade já tem cartas marcadas, limitantes à inclusão do “inferiorizado” e não eurocêntrico à classe social superior. Um dos exemplos de resistência e de luta dos negros e indígenas é o ingresso à educação superior, um espaço antes destinado a elite, hoje, um espaço de ascensão à voz da diversidade intelectual, essencial à potência dos(as) estigmatizados (as), força suficiente para abalar e se mostrar

como ameaça a uma branquitude europeizada, herdeira do legado escravocrata e que usa a máscara da inclusão e da diversidade para consolidar seu poder social diante da opinião pública, os quais se beneficiam com o silêncio e o mito da democracia racial. Essa última se constituindo em nova linguagem do racismo.

Donos de uma diversidade cultural, intelectual e de civilização, a herança africana, por muito tempo, foi apagada da história, juntamente com milhares de negros, negras e indígenas que foram extermínados ou subjugados. Mesmo assim, as raízes africanas e indígenas insistem em emancipar-se verdadeiramente, a partir das suas ancestralidades, como poeticamente, impõe Evaristo (2021, p. 24): “a voz da minha bisavó ecoou lamentos de uma infância perdida [...] A voz de minha avó ecoou obediência [...] A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta [...] A voz da minha filha se fará ouvir a fala e o ato”. A verdadeira liberdade acontece pelo pertencimento e luta das mulheres trazidas das suas ancestralidades e vivências, até porque não há muita escolha quando se é mulher, outrora se assemelha à batalha.

Ser mulher numa sociedade machista que ditam as regras de formação feminina já se trata de uma tarefa árdua; ser mulher preta ainda é mais difícil e sendo mulher preta e pobre é travar uma luta diária de resistência. Sobre a relação entre liberdade e trabalho, Antunes afirma ser imprescindível uma nova ordem social, dotada de sentido dentro e fora do trabalho, estando vinculada à necessidade de eliminar integralmente o capital e seu sistema de metabolismo social em todas as formas (Previtali, 2013, p. 04). O branco, eurocêntrico, hegemônico com poder de escolha recebera os privilégios que se perpetuam até os dias atuais. Já na divisão racial, “enquanto contrato social” (Pinheiro, 2023, p. 43), o negro segue um destino predefinido pelo poder e atuação do aparelho opressor, o Estado. “O que Nun (1978) caracterizou como *desenvolvimento desigual e combinado*” (Gonzalez, 2020, p. 95).

As relações estabelecidas entre sociedade-indivíduo-natureza, principalmente, ao considerar que “a essência do ser humano se define na totalidade das relações sociais” (Tertulian, 2004, p. 7) seria uma relação permeada pelo poder. Para Foucault, (1981, p. 183) o poder na sociedade é atribuído não como um objeto do qual se possa apropriar-se definitivamente, mas como algo que flui, que circula nas e pelas relações de privilégios ou não, pela utilização do discurso ou pelo silenciamento, afinal, no contexto social, nada é estático, mas dinâmico e mutável.

Consequentemente, a lógica na sociedade capitalista é de que não há espaço para todos e todas, alguém precisa pagar o preço da desigualdade, cada vez mais escancarado, através das marcas raciais, desumanas presentes na sociedade brasileira. Ao compreender

que “o *racismo é sempre estrutural*, elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (Almeida, 2019, p. 12, grifo do autor), apesar de ser imperativo na construção dessa mesma sociedade, não deverá ser um argumento para manter a crescente realidade excludente e racista. Ao contrário, enquanto racismo estrutural deverá ser reverberado em ações antirracistas que possam modificar condutas individuais e coletivas nos mais diversos ambientes sociais, inclusive nas instituições de ensino expressa na Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de cultura e história afro-brasileira.

1.2 A relação humana com a natureza: uma trajetória decrescente

A natureza era vista pelo indivíduo como um organismo vivo de belas paisagens estéticas a serem utilizadas na sobrevivência humana como fonte essencial à vida. Com o passar do tempo, essa relação entre homem e natureza se modificou; aquilo que era belo, intocável, “um organismo vivo passa a ser um sistema mecânico” (Instituto Ar, 2023) utilizado pelo ser humano apenas como matéria-prima mercantilizada. O capitalismo reconfigurou a relação sociedade e natureza, na qual, o ser humano se vê como *dono de tudo, senhor da verdade e do mundo*. “A simbiose orgânica do meio natural é substituída por uma lógica de natureza como recurso, fonte de riqueza, acumulação e desigualdade” (Santos, 2023, p. 39) ratificando que por meio dessa intimidade entre ser humano e natureza houve a domesticação desprovida de zelo e amor. Há muito tempo se discute o conceito de natureza e a relação do ser humano com ela. Na antiguidade grega, a concepção ocidental de natureza surge a partir de quatro momentos:

Na origem do pensamento filosófico grego pode ser contrastada com a compreensão mítica grega e com a prática da experiência, que caracteriza os procedimentos considerados científicos, o segundo diz respeito à teoria atomista sobre a constituição das coisas, influenciou a concepção moderna de natureza. No terceiro identifica- se o surgimento da idade média, uma compreensão ambígua da natureza, ao mesmo tempo criada por Deus e inhabitada por ele, e quarto momento consolidação do pensamento mecanicista, cuja influências se fazem sentir até o presente (Gonçalves, 2006, p. 81).

Os filósofos e religiosos traziam visões e conceitos sobre a natureza que em parte se assemelhavam e em outras, não. Esses, foram se modificando e perdendo a essência, como mostra Castro (2019, p. 30) “considerando uma natureza não desnaturada, pode-se afirmar que a natureza é tudo, são os objetos, somos nós em nossas diversas ações no mundo vivido”. E Eagleton, (2003, p. 15) “como cultura, a palavra natureza significa tanto o que está à nossa volta como o que está dentro de nós”. A natureza está atrelada à

existência humana, enquanto ser vivo que necessita de fatores externos e internos para sua sobrevivência, como o ar, o alimento, o sol, a água, compreendendo que diante dessa essência não haveria hierarquia, mas harmonia, se reconhecendo enquanto natureza. Ainda, na busca por maiores entendimentos de como a natureza é vista por diversas tradições, temos:

a tradição chinesa, “que vê como inextricavelmente, unida aos ritmos, processos e fenômenos do mundo natural”. As tradições hindus “ligadas a um sentimento de respeito com o meio ambiente”. Até a tradição judaica “em que a natureza é vista meramente como um recurso para satisfação dos interesses, carências e necessidades humanas”. Este se parece muito com o modo de pensar ocidental contemporâneo (Camponogara; Ramos; Kirchhof, 2017, p. 486).

Através da valorização da diversidade, os pensamentos multiculturalistas desempenham um papel crucial na formação de ideias mais enriquecedoras sobre a concepção de natureza. É importante compreender que nada existe de forma isolada, tudo se complementa e se reorganiza. Como afirmam Marconi e Lakatos (2010, p. 84), “todos os aspectos da realidade (da natureza ou da sociedade) prendem-se por laços necessários e recíprocos”. Silva e Schramm (1997, p. 355-365) corroboram afirmando que “a discussão sobre a questão ambiental deve se dar por intermédio das relações e interpretações que se estabelece, historicamente, entre o ser humano e a natureza”. Sendo assim, a inter-relação entre o conceito de natureza na perspectiva cultural e sustentável são diversas e depende fundamentalmente da sociedade a que pertence e suas imbricações de classe, gênero, etnia racial e religiosa.

A partir da Idade Média há uma ruptura das ciências filosóficas com as ciências quânticas, uma ruptura em que o ser humano se eleva à posição de dono da natureza (objeto de dominação e manipulação da ciência), com aprofundamento à tradição experimental na pesquisa científica sobre a natureza. Cientistas como Bacon (1521-1626) “a aspiração de poder sobre a natureza”; Descartes (1596-1650) “cisão entre homem e natureza” e a chegada da Revolução Científica marcada pela separação da Idade Medieval do mundo moderno, ou seja, “a ciência dita as regras do mundo moderno” (Camponogara; Ramos; Kirchhol, 2007, p. 491).

A relação entre seres humanos e natureza se modificou ao longo do tempo, passando por diversas fases e continua a se modificar dentro de uma sociedade capitalista que se define como “acumulação e miséria, caso contrário, o capitalismo não se sustentaria, ou melhor, não seria capitalismo” (Saffiotti, 2015, p. 14). À medida que se

busca uma compreensão maior sobre o conceito de natureza, já a percebe indissociável ao ser humano, desde os tempos primitivos.

A historicização humana, desde a mais natural possível até à sociedade atual, configura-se de trajetória com elementos que fundamentam a existência da espécie humana e sua capacidade de aperfeiçoamento. Em outras palavras, pode considerar que a natureza possui dois marcos temporais que nos permitem contextualizar como o rústico, que seria representado pelo natural e o artificial, em oposição. Esse último, como resultado das ações humanas, do uso e aprimoramento da razão, propôs culturalmente, uma divisão entre natureza natural (conservação) e natureza racionalizada (expropriação).

No Brasil, anterior ao momento histórico da colonização escravocrata, os povos indígenas, verdadeiros guardiões das florestas, já cuidavam e conviviam pacificamente com a natureza. Não obstante, com a invasão dos colonizadores desconsiderando qualquer aprendizado e os tratando como seres inanimados, eles sempre ensinaram qual seria a verdadeira relação entre o ser humano e a natureza. À luz das proposições de conservação, sustento e cura física/espiritual, os povos originários viviam em seus territórios o conhecimento ancestral e do seu universo até sofrerem toda retaliação da civilização europeia. “Na medida que um povo é inerente ou pertence à terra, também está ligado à ela ontológica e moralmente. O seu papel como guardiões da terra é indispensável, é essencial para a completude e continuação do mundo natural” (Whitt, 2003, p. 30). Quando a relação humana se torna puramente capitalista, advinda da aquisição de poder, prevalecendo o ter no lugar do ser, os ensinamentos indígenas já não cabem, rompe-se a harmonia estabelecida enquanto essência humana com a natureza.

Um longo processo de devastação física e cultural eliminou grupos gigantescos e inúmeras etnias indígenas, especialmente através do rompimento histórico entre os índios e a terra (Silva, Araujo, 2018, p. 481). Mesmo com o extermínio de vidas e culturas dos povos indígenas, os dados do IBGE (2022) mostraram um aumento significativa no número de indígenas residentes no Brasil. De 896.917 mil indígenas, ou 0,47% em 2010, passou para cerca de 1.693.535 pessoas em 2022, o que representa 0,83% da população total do país. Esse aumento expressivo está relacionado, principalmente à mudança da metodologia da pesquisa, alcançando maior número de declarantes indígenas.

A luta pela terra e pela sobrevivência dos povos originários é uma realidade brasileira histórica de desprezo, preconceito e violência, perpassando séculos de resistência até a atualidade. Apesar dos avanços legislativos,” os povos e indivíduos indígenas têm direito a não sofrer assimilação forçada ou a destruição de sua cultura (Nações Unidas, 2008, art. 81) embora ainda vivem os percalços dos pequenos

(indígenas) versus os grandes (agronegócio, mineradoras, eletricistas, garimpeiros) transgredindo, o direito fundamental à vida humana.

O ser humano, ao transformar a natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo, em processo cíclico. Essas transformações são marcas que exprimem os diferentes hábitos, costumes, saberes, técnicas e culturas. Um outro “marco de referência na relação ser humano natureza foi a Revolução Industrial, no século XVIII, que com a mecanização dos processos de produção de bens, intensificou a extração e o uso de recursos naturais e modelou a organização da sociedade, naturalizando a estratificação em classes sociais e, com isso, acentuou as desigualdades” (Conferência Nacional de Educação-CONAE, 2024, p. 169). Marcado por políticas neoliberais, o Brasil se vê partícipe do processo de “desenvolvimento” industrial, alcançando de forma deliberada dívidas externas, expansão da desigualdade social, se tornando uma porta de entrada para indústrias e empresas internacionais que extraem de forma desregradas os recursos naturais e descartam resíduos e rejeitos indiscriminadamente. Ou seja, um sistema capitalista centrado no comando dos países centrais do mundo, mesmo que parte das riquezas se defronte aqui.

Diante do exposto, o conceito de natureza encontra-se condicionada à uma visão de classe. Verifica-se que a classe dominante vê a natureza como utilitária em meio à produção, industrialização, tecnologia, turismo e estratificação, enfim, acúmulo de riqueza. Enquanto para classe dominada pelo sistema econômico brasileiro, os menos favorecidos, os trabalhadores com emprego subumanos, veem a natureza como uma espécie divina de contemplação, compreendendo-a, como paisagem, extensão do lar e de um bem comum à sobrevivência humana.

1.3 Desigualdade social: elemento central do capital

O incansável interesse da expansão do capital por meio da acumulação e renovação das formas de exploração ameaça a natureza e a vida humana no planeta Terra, sendo o principal responsável pela desigual realidade socioambiental. Povos que vivem uma relação harmoniosa com a natureza não mercadológica vivem sob pressão, como as comunidades ribeirinhas, pesqueiras, quilombolas e indígenas. Além dos povos negros, os desempregados, as mulheres, os menos favorecidos que residem nas grandes, médias e pequenas cidades, os quais são expulsos para as favelas, palafitas e ruas na contramão do desenvolvimento capitalista. Ao analisar a tendência incontrolável de expansão do capital, Fontes (2010, p. 22) afirma que "a expropriação massiva é, portanto, a condição inicial, meio e resultado da exploração capitalista". A autora continua:

[...] expandir as relações capitalistas corresponde, portanto, em primeiro lugar, à expansão das condições que exasperam a disponibilidade de trabalhadores para o capital, independentemente da forma jurídica que venha a recobrir a atividade laboral de tais seres sociais (Fontes, 2010, p. 44).

Para o capital, alguns seres sociais só servem como força de trabalho, para a disponibilidade laboral; com isso, ao analisar a desigualdade social, precisa considerar as estruturas expansiva dessa mesma injustiça. Caso contrário, “estaremos dando mais atenção às consequências do que às causas do fenômeno” (Layrargues, 1998a, p. 108-113). A partir de uma lógica de desenvolvimento socioeconômico em que a conservação da natureza estaria como plano secundário e o capital em primeiro plano, “a maneira como o indivíduo ou grupo social entende a natureza tem relação direta com suas atitudes no mundo vivido, atitudes que são construídas culturalmente” (Castro, 2019, p. 17). E, principalmente, ao entender que é a partir da conjuntura social que surgem os problemas ambientais e não o inverso.

O relatório sobre desigualdade, divulgado recentemente pela Oxfam, chama a atenção sobre o poder das grandes empresas que dividem o mundo e quão necessário se faz uma nova era de ação pública. Ao mesmo tempo, mobiliza a sociedade sobre o poder que emana do coletivo, dos movimentos sociais.

O aumento acentuado da riqueza bilionária e o crescimento do poder de empresas e monopólios estão profundamente interligados. Este informe revela como o poder empresarial e os monopólios fizeram explodir a desigualdade e como esse poder explora e amplia as disparidades de gênero, raça e etnia, bem como econômicas (Oxfam, 2024, p. 10).

Na lógica do capital, a desigualdade social se caracteriza como uma estrutura natural, em que alguns se apropriam de bens, outros apenas do trabalho retroalimentando o sistema da desigualdade *“trabalha para viver ou vive-se para trabalhar”*, um duplo sentido contraditório e alienante. “Nunca, na história da humanidade, houve tanta desigualdade de renda e patrimônio” (Sanders, 2024, p. 5) como na atualidade. Há uma estrutura do poder que unifica as três ordens: a classe, raça e gênero/sexo feminino, caracterizada como um nó, um nó frrouxo, deixando mobilidade no entrelaço para que de acordo com a dinâmica cada um condiciona à nova realidade, presidida por uma lógica opositora dentro do patriarcado e capitalismo (Saffioti, 2015, p. 133). Esse mesmo capitalismo, que segundo a autora, também mercantiliza as relações sociais. Os laços afetivos passam a se constituírem em oportunidades, de certa forma, servindo como

moeda de troca de valores. Em outras palavras, as relações nem sempre são por afinidade, mas por comodidade, elevação de classe ou *status quo*.

A natureza fala e devolve todo mal que esvaziam sobre ela. No âmago do cenário atual, atravessada pelas mudanças climáticas abruptas, aquecimento global, catástrofes ambientais, lugares com extrema seca ou chuvas em excesso, tudo isso é uma comunicação da natureza com os humanos que habitam no planeta terra. Mas quem realmente a escuta? Quem dá a devida importância? A quem realmente interessa esse debate?

Cada comunidade, família e pessoas são afetadas de forma diferente pelas catástrofes ambientais, muitas vezes, correlacionadas pela tríade de opressões raciais, classistas e de gênero, em que de forma antagonista quem causa os maiores prejuízos à natureza são os que menos sentem os impactos, talvez uma realidade que justifique o descaso e a negação do capital às emergências climáticas. As sequelas relacionadas aos desastres ambientais se diferem, as pessoas que residem em áreas de riscos, como morros, ribeirinhos, próximos a rios e mares, habitações frágeis com o mínimo de cômodos e estrutura são as mais prejudicadas emocional, econômica e fisicamente.

As consequências sociais resultantes dos transtornos ambientais são abissalmente diferentes, a depender do lugar e da condição social de cada pessoa, família ou comunidade afetadas (Linera, 2017, p.4). Segundo a Confederação Nacional dos Municípios, no Brasil, país de terceiro mundo, “5,8 milhões de brasileiros foram diretamente afetados pelo impacto das chuvas e das secas em 2023, incluindo casos de perdas de vidas, desalojamentos e perdas econômicas significativas” (Resende, 2023). Compreende-se que quanto mais vulnerável é a sociedade, mais difícil é não ser atingido pelos efeitos climáticos.

Os impactos ambientais se tornam paradoxais e, inclusive, moralmente injustos, quando se comparam os dados das populações afetadas versus populações causadoras. Melhor esclarecendo: quem sofre com efeitos climáticos, normalmente, não são os que contribuem para a degradação ambiental. Ou seja, segundo o Instituto Ar (2023) “a crise climática é uma questão relacionada à desigualdade, tanto nos impactos como em sua causa”. As grandes potências sociais são as principais responsáveis pela poluição e emissão dos gases de efeito estufa. Contudo, a sociedade vulnerável, “que não tem nada a ver com isso”, são as principais atingidas, de acordo com os dados elencados:

Quênia contribui com 0,1% dos gases do efeito estufa, mas as secas provocadas pelo impacto do aquecimento global levam à fome mais de 10% de sua população. Ao contrário, nos Estados Unidos, que contribuem com 14,5%, a

seca só provoca um maior custo no preço da água, deixando intactas as condições básicas de vida de seus cidadãos. Em média, um alemão emite 9,2 toneladas de CO₂ por ano; enquanto um habitante do Quênia, 0,3 toneladas. Não obstante, quem leva em suas costas o peso do impacto ambiental é o cidadão queniano e não o alemão (Banco Mundial, 2013).

No âmbito de um sistema capitalista preponderante, a natureza, o discurso, a gestão são altamente econômicos, entretanto, todo o discurso fica a cargo da mesma elite dominadora, que segregá pessoas e natureza, assumindo o individualismo social sem espaço ao pensamento e ação das principais afetadas, como as mulheres negras, mães, moradoras de favelas ou lugares ambientalmente frágeis pela localização. A sociedade capitalista vê a natureza apenas como matéria-prima e “transforma a defesa da ecologia nos países do sul em um rentável mercado de bônus de carbono concentrado pelas grandes empresas e países poluidores” (Linera, 2017, p. 5). Nesta relação imbricada pela expropriação do superlucro em que tudo é definido pelo valor de troca, as comunidades inviabilizadas sofrem duplamente pelas reais circunstâncias e pela ansiedade do que possa vir.

Na relação incoerente do capital, a esfera discursiva do imaginário social entre desenvolvimento e meio ambiente, ambos seriam inconciliáveis entre si. Desta forma, a sustentabilidade passa a ser uma proposta também capitalista e não apenas refletida na urgente necessidade ambiental e humana. O que, por vezes, no processo civilizatório sustentável o discurso de ideário ecologista empresarial faz parte. Até porque, como Layrargues, (1998, p. 13) reflete a partir das formações discursivas dominantes, ser ecológico emite uma significativa vantagem no espaço competitivo.

O capitalismo destrói, individualiza, culpabiliza o ser humano e, ainda, sai no lucro; essa é a verdadeira contradição social. A democratização geográfica dos efeitos do aquecimento global se traduz, instantaneamente, em uma concentração nacional, classista e racial do sofrimento e do drama causados pelos efeitos climáticos” (Linera, 2017, p. 6). Pensar sustentabilidade é abrir espaço para refletir sobre desigualdade social, racismo e relação da mulher, além e, no trabalho, ou melhor, o desenvolvimento sustentável passa a ser sinônimo de justiça socioambiental quando se sustenta na equidade de direitos humanistas, inclusivos e solidários, de base material e imaterial (Conferência Nacional de Educação, 2023, p. 10).

É preciso compreender que a natureza não é a única a sofrer exploração, mas o próprio ser humano, esse transformado numa engrenagem que move o capitalismo, sendo força de trabalho, um mero consumista, quando consome, dentro de um ciclo que o define, onde socialmente está e que não passará disso. Uma divisão insidiosa entre os povos, uma

segregação que apesar de ser camuflada está em todos os lugares, ou seja, na sociedade capitalista, a população é bombardeada com estímulo ao consumismo, até porque um dos discursos do capital se constituiu a partir da reciclagem, que não se precisa deixar de comprar, basta reciclar. Nesse ciclo, trabalha-se para obter bens, o que por vezes, não será possível usufruir, já que lhes falta salário e tempo livre, pelo excesso de trabalho, uma tentativa enganosa de satisfação humana, intensificada nos moldes da nova relação de trabalho precarizada dos proletariados.

1.4 “O lixo que você joga na rua diz muito sobre você”. Será? Uma reflexão socioambiental para além da ação

Os seres humanos enquanto aprendentes contínuo se desenvolvem de forma reflexiva e socialmente por meio da vivência, exemplos éticos do próprio meio, comunidade, escola, família, ou seja, através da cultura viva, carregada na ancestralidade imersa naquele lugar. Neste sentido, a reflexão humana sobre as ações, necessariamente, se faz presente desde as mais simples às complexas situações. Atrelado ao cotidiano, a depender das atitudes individuais, essa poderá interferir na vida social, o que torna insubstituível o pensamento coletivo sobre a comunidade, a rua, o parque e a cidade a que pertence.

Uma ação individual numa crise ambiental poderá não trazer grandes alterações no cenário macro, mas poderá contribuir com um cenário menos desigual, político e de mobilização, instigante às mudanças governamentais e sociais. A afirmativa didático-pedagógica anterior traz uma reflexão sobre a atitude de não jogar lixo em qualquer ambiente, entretanto, se faz necessário o esclarecimento sobre o conceito de lixo, popularmente definido como restos de atividades humanas, considerados pelos geradores como descartáveis, inúteis ou indesejáveis.

Tecnicamente o termo lixo não é mais aceito e é substituído por rejeito. A partir do momento que surge a perspectiva da reciclagem como solução aos problemas ambientais, este o excesso de lixo no planeta. No viés capitalista houve o aumento expressivo do número de trabalhadoras na catação, o que fez garantir ao capital a maximização dos lucros, já que o trabalho das catadoras corrobora para equilíbrio ambiental do processamento industrial dos materiais, assegura maior ganho baseado na exploração da mão de obra trabalhadora, auxilia na diminuição do uso de matérias-primas, dentre outras garantias que o trabalho da catadora traz para a cadeia produtiva, mas que não ganha por isto. (Bosi, 2008, p. 105).

A partir dos anos 1990, o capitalismo começa a se utilizar da reciclagem, enquanto recurso comercializável, substituindo a nomenclatura lixo por rejeito, um tipo de resíduo que não pode ser reciclado, reutilizado ou compostado. Por rejeito entende-se “os resíduos sólidos que depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada” Lei nº 12.305/10 art. 3º da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Já resíduos sólidos são materiais, substâncias ou objetos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos exigindo para isso soluções técnicas, em face da melhor tecnologia disponível (Brasil, 2010).

O conceito de lixo assim como o conceito de rejeito se difere de resíduo sólido ao mostrar que a principal característica se constitui por sua inutilidade. O resíduo sólido caracteriza-se como “material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade e que, ao mesmo tempo, quando não lhe servir, poderá servir a alguém, dentro de um processo de reutilização ou reciclagem. Enquanto, o termo lixo passa a ser “rejeito, criado para designar algo que não pode ser reutilizado, reciclado ou compostado, como o papel higiênico, absorvente, fio dental, fraldas, elástico, esponja, dentre outros” (Kaku, 2021). Esses jogam-se fora. Mas fora, onde? Nas ruas, rios, mares, lixões e aterros sanitários, de modo preciso, na casa comum à humanidade, o planeta Terra.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos inquiriu ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis- IBAMA a padronização da linguagem e terminologias utilizadas no Brasil para a declaração de resíduos sólidos junto ao Cadastro Técnico Federal. Com isso, o Instituto publicou a Instrução Normativa n.º 13, de 18 de dezembro de 2012, a lista brasileira de resíduos sólidos, instrumento auxiliador na gestão e na identificação de resíduos perigosos, tóxicos ou não tóxicos e recicláveis, com o propósito de contribuir com o destino adequado a ser dado para cada tipo de resíduo (Ibama, 2012). Mesmo que, por muitas vezes, as empresas, fábricas, indústrias, instituições públicas e privadas, gestões municipais desconsiderem as normativas e camuflam o descarte correto desses resíduos, como os resíduos hospitalares, de mineradoras e de agrotóxicos.

Em observância às características específicas de cada resíduo sólido, os mesmos recebem uma classificação de acordo com: i) a origem, como: resíduos de limpeza urbana; resíduos sólidos urbanos; resíduos de estabelecimentos comerciais; resíduos de serviços públicos e saneamento básico; resíduos industriais; resíduos de serviços de saúde; resíduos da construção civil; resíduos agrossilvopastoris; resíduos de serviços de

transportes e resíduos de mineração e ii) à periculosidade, como: resíduos perigosos-classe I, resíduos não inertes-classe IIa e resíduos inertes- classe IIb. (Ibama, 2013). A especificidade de cada resíduo sólido tem por objetivo auxiliar nos planos de gestão de cada meio ambiente de trabalho público e privado, todavia o que acomete é o descarte indiscriminado, sem nenhum tipo de separação, de resíduos e rejeitos no espaço também irregular, o lixão

O lixão a céu aberto também difere do aterro sanitário, sendo o primeiro considerado um espaço inadequado, poluente, de aparência e cheiro desagradável, criadouro de larvas, insetos e de igual desumanidade para aquelas que sobrevivem naquele espaço, um meio ambiente irregular e construído pela alienação humana. Destarte, a Lei n.º 12.305 prevê, desde 2 de agosto de 2010, que todos os rejeitos do país deveriam ter uma disposição final ambientalmente adequada em quatro anos (Brasil, 2010). Entretanto, há uma larga escala contraditória entre o que ditam as leis e a não efetividade delas por meio do tratamento dos resíduos, da sensibilização coletiva humanitária na coleta seletiva dos descartes.

O aterro sanitário previsto em lei é considerado um local planejado, operado e monitorado de acordo com normas e regulamentações ambientais rigorosas. “Isso garante que os resíduos sejam gerenciados de forma a minimizar os impactos negativos ao meio ambiente e na saúde pública” (Medeiros, 2023, p. 4). A regularização do descarte do lixo, ainda é um grande desafio para o Brasil, principalmente, quando visualizado como uma estratégia unificada, não sendo suficiente, justamente por se tratar questões socioambientais complexas e integradas, as quais exigem ações interventivas nas empresas, indústrias, gestões que servem ao capital e visualizam apenas o lucro e o super lucro.

O relatório “Extreme Carbon Inequality” desenvolvido pela Oxfam aponta a desigualdades de emissões dos gases de efeito estufa (em CO₂ equivalente). “Os dados mostram que os 10% mais ricos do mundo respondem por 49% das emissões, enquanto os 10% mais pobres emitem apenas 1% dos gases efeito estufa. Ou seja, 1% dos mais ricos poluem 175 vezes mais do que os 10% mais pobres” (Instituto Ar, 2023). Sendo assim, a ação individualizada é de grande relevância, salvo ser fundamental a construção de uma educação crítica social e coletiva sobreposta à atitude, para que não se esvazie no discurso capitalista em fazer cada cidadão se sentir culpado por todos as mudanças ambientais existentes.

Há uma hegemonia no discurso do capitalismo em responsabilizar o crescimento populacional, a naturalização dos eventos climáticos e ação individual como

intensificadores das questões ambientais, o que não corresponde à realidade. Mas, sim, uma ideologia negacionista e insuficiente à resolução “da gravidade da crise ambiental e societária que estamos mergulhados” (Loureiro, 2019b, p. 37). A educação ambiental, no âmbito do Estado, se enquadra no que Bourdieu (1998, p. 7) chama de “mão esquerda do Estado” que reúne trabalhadoras sociais, educadoras, professoras e cuja ações são ignoradas e execradas pela chamada “mão direita do Estado”.

O Estado, ao descumprir a responsabilidade, enquanto edificador de políticas públicas, transfere o compromisso apenas ao cidadão comum, como se apenas atitudes isoladas resolvessem as situações ambientais. O papel do Estado na educação ambiental brasileira “poderá ser subsidiário e definido por meio de um diálogo democrático com os diferentes sujeitos.” E/ou na “modalidade de intervenção, regulamentação ou contratualismo, por meio das políticas públicas” (Sorrentino *et al.*, 2005, p. 290). Por conseguinte, o discurso não é para todos na sociedade neoliberal, os interesses particulares justaposto ao Estado se apresentam como mitigadores de conflitos em total consonância ao poder capitalista.

Pensar sustentabilidade na sociedade capitalista, consequentemente é pensar a soma do individualismo, do poder e da desigualdade social, estes verdadeiros precursores da acentuada crise ambiental. A humanidade se esvaziou no seu próprio ego não compreendendo a dinâmica da existência humana, como um rizoma, em que tudo está interligado, múltiplo e interconectado (Gallo, 2011, p. 46). Os marcadores de desigualdade de gênero, raça e classe passam a ser observados nos mais distintos indicadores. “A mulher negra convive com mais precariedade habitacional e mais insegurança alimentar, além da discriminação no mercado de trabalho, em que a mulher negra ganha, em média, 42% do que recebe o homem não negro”. Além de outros marcadores como, “pessoas negras representam 76,9% das vítimas de mortes violentas intencionais e são 83,1% das vítimas das mortes decorrentes de intervenções policiais”, segundo o Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades (Cebrap, 2023, p. 5).

Os tipos de resíduos descartados nos mais diversos ambientes, praças, ruas, escolas, rios e mares, requerem ações educacionais de sensibilização humana, de entendimento sobre o processo de reciclagem não se constituir a salvação de todos os males causados à natureza. “Melhor do que reciclar é não gerar o resíduo, pois a reciclagem também consome energia, água potável e recursos naturais” (Kaku, 2021). O ato de jogar o lixo no chão acaba sendo primitivo se comparado às problemáticas socioambientais existentes na sociedade predatória atual.

A atitude reflexiva nas relações sociais potencializa a educação ambiental formal e informal. Um processo essencial à libertação das opressões, mesmo que, na maioria das vezes, essa mesma educação, apenas reproduza os interesses do Estado, vale a pena a compreensão socioambiental emancipadora. Como bem nos ensina Freire (2000, p. 16), “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Em outras palavras, uma ação individual para ser completa precisa considerar o âmbito da convivência, da coletividade.

A construção do conhecimento não se dá por uma atitude passiva, mas pela interação, “a vida é necessariamente interpessoal, porque não é possível viver sem o outro. É ele quem confirma a nossa existência” (Mariotti, 2004, p. 41). O aprendizado é contínuo, relacional e reflexivo. Como reforça Loureiro:

A prática não reflexiva facilita a reincidência de comportamentos racistas, sexistas, intolerantes com religiões não dominantes, e o reforço de ideologias que cabem o indivíduo como um sem o outro, que se basta e que concebe, representa, significa e age sem o outro [...] é como se tudo começasse e terminasse no interior de cada um em sua individualidade e racionalidade, sem mediações (Loureiro, 2019b, p. 27).

O papel de cada um na sociedade contemporânea pressupõe ações individuais em correspondência com outros cuidados com a natureza, sem tirar a responsabilidade coletiva e direcionada às instituições competentes, o Estado, as grandes empresas e às indústrias com selos verdes expositivos. A superexploração do ser humano como força de trabalho, mercadoria acessível e de exclusão produz cada vez mais, o crescimento econômico para poucos e a pobreza estrutural para muitos.

Realidade que se despeja, primeiramente, sobre a classe dominada, como mulheres negras, desempregadas e periféricas, que já vivenciam a realidade da desigualdade social, historicamente acentuada. “Supor que o comportamento humano se define exclusivamente no momento de uma escolha feita racionalmente, com base em conhecimentos e valores fora das relações sociais, é desprezar que a possibilidade da escolha ou a falta dessa possibilidade é socialmente condicionada” (Loureiro, 2019b, p. 28). Embora, seja importante a atitude de não jogar lixo no chão, comparar com a complexidade das questões socioambientais apresentadas nos últimos tempos, tornam-se quase insignificante, sendo mais uma questão de sensibilidade humana de respeito ao meio ambiente público, do que propriamente uma mudança da realidade socioambiental mundial.

Desta forma, a redução à produção do lixo, torna-se mais eficaz do que um ato individual de não jogar lixo no chão. Cabe aos movimentos sociais e à educação ambiental

formal e/ou informal comprometida com a melhoria da humanidade, “a convicção de que a participação social e o exercício da cidadania são práticas indissociáveis; [...] Além do necessário diálogo entre ciências e cultura popular, redefinindo objetos de estudo e saberes” (Loureiro, 2006, p. 134). Não existe no seio da abordagem teórica interseccional cuidar do meu quintal e jogar o lixo na rua, assim como não há sentido cuidar da rua e esquecer o quintal, a ação humana, individual e coletiva afetará em determinada proporção a vida do outro. Neste sentido, é importante analisar de que forma os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável corroborarão com a humanização da espécie humana, não a partir de uma atitude involuntária, mas reflexiva e política, por se tratar de objetivos relacionais.

1.5 Objetivos de desenvolvimento sustentável, sociedade e meio ambiente. Como anda esta relação?

As demandas sociais, econômicas e de natureza, na heterogeneidade se entrelaçam pela visão macro das situações socioeconômicas em nível mundial. Durante a 70ª Assembleia Geral das Nações Unidas, os países e regiões independentemente do nível de desenvolvimento das suas economias firmaram um compromisso de superação aos problemas socioambientais (Maia; Leite, 2022, p. 277). Os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) corroboram com a visão relacional ao se constituírem dezessete objetivos, com cento e sessenta e nove metas relacionadas a fatores sociais, econômicos e ambientais, simbióticas entre si, abrangendo 193 países-membros da ONU, incluindo o Brasil.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável trazem para a realidade uma leitura significativa das desigualdades do meio ambiente. A cada realidade objetiva e subjetiva caberá desenvolver ações conjuntas para que se alcance não apenas as metas pré-estabelecidas, mas uma mudança sustentável aos olhos do mundo.

A UNESCO, por meio da Agenda 2030, instituiu a Educação para o Desenvolvimento Sustentável. É um instrumento ambicioso para se atingir os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, visando à superação da desigualdade e da pobreza, e, também, para contribuir com o enfrentamento das questões ambientais urgentes e globais – como a mudança do clima – as quais exigem políticas públicas igualmente ambiciosas, e para buscar transformações em nosso modo de pensar e agir (Conferência Nacional de Educação, 2024, p. 171).

O cumprimento dos ODS passa a ser obrigatório a todos os países com prazo a se cumprir até 2030, entretanto, de acordo com a avaliação do VII Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, o desafio do Brasil não é pouco. O ano de 2022 mostra 102 metas (60,35%) em situação de retrocesso, 14 (8,28%) ameaçadas, 16 (9,46%) estagnadas em relação ao período anterior, 29 (17,1%) com progresso insuficiente, apenas 3 (1,77%) com progresso satisfatório e 4 (2,36%) delas sem dados suficientes para classificação, sendo que 1 (0,59%) não se aplica ao Brasil. “Tais dados refletem a trajetória de um ciclo de destruição de políticas públicas, com avanço neoliberal, erosão dos orçamentos e de sistemas de monitoramento essenciais para o alinhamento nacional à Agenda 2030” (VII Relatório dos ODS, 2023, p. 7). Sendo assim, podemos inferir como critério de relevância, à presente pesquisa, os seguintes ODS:

ODS 1 Erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; ODS 2 Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; ODS 5 Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; ODS 10 Reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles e, ODS 11 Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis (VII Relatório dos ODS, 2023, p.11).

Dentre os ODS é perceptível uma interdependência no cumprimento das metas, em que se concentre na resolução de um determinado objetivo. Outros poderão ser também sanados, como o ODS 01 e 02 que traz de forma muito clara a erradicação da pobreza e da fome; ambos se concretizando, se traduz na diminuição das desigualdades, ODS 10. Com relação ao ODS 05, alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, o relatório das Nações Unidas afirma que a igualdade de gênero no mundo só ocorrerá em 300 anos, se mantido o ritmo atual de políticas públicas, e ainda, que o Brasil é o 92º de 153 países no ranking de garantia de equidade para mulheres (VII Relatório dos ODS, 2023, p. 38). Situação complexa de retrocesso que mostra apesar de alguns avanços, o distanciamento na conquista dos direitos das mulheres.

Sobre o décimo ODS, a redução das desigualdades se traduz em verdadeira contradição e fonte de conflitos na sociedade capitalista. Entende-se como igualdade de direitos, em que independente da raça, classe ou gênero todos tenham acesso a bens materiais e imateriais, todavia, o capital se retroalimenta justamente da contradição entre riqueza apropriada privadamente e pobreza universalizada. É preciso que haja o ser inferiorizado para que exista o ser superior. “A superação só é possível quando a sociedade alcançar outro estado, negando de *facto* e de *jure*, o *status quo*. Nesse estágio

superior, não haveria mais contradições presentes na atualidade" (Saffioti, 2015, p. 40). Nesse sentido, a natureza como uma responsabilidade humana seguramente seria um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética poderia ser pensada (Jonas, 2006, p. 39).

A educação ambiental, como política pública, precisa considerar as diferenças existentes numa mesma sociedade, bem como primar pelas questões sociais, dentre elas, o décimo primeiro ODS, como sinônimo de superação as causas ambientais, principalmente enquanto prevenção aos desastres ambientais que afetam drasticamente o público vulnerável. Nessa perspectiva, "o panorama do ODS 11 é a expressão das frágeis políticas habitacionais, de mobilidade urbana, de saneamento (ODS 6), trabalhistas (ODS 8) e climáticas (ODS 13), que se somam ao congelamento de assentamentos rurais e urbanos para populações indígenas, quilombolas e sem-terra" (VII Relatório dos ODS, 2023, p. 75).

As metas estabelecidas no ODS 11 se comprometem com: i) a redução dos impactos ambientais; ii) a diminuição do número de mortes causadas pelos desastres ambientais; e iii) proporcionar ambientes seguros, inclusive para mulheres e crianças, principais vítimas nos desastres climáticos (VII Relatório dos ODS, 2023, p. 82). O ODS 11 está em consonância com o Marco de Ação de Sendai definido na Assembleia do Escritório de Redução de Riscos de Desastres da ONU, realizada na cidade de Sendai, no Japão, em 2015. Logo, o Quadro de Sendai descreve sete metas globais a serem alcançadas entre 2015 e 2030, o qual também, se propõe de forma objetiva reduzir riscos de desastres existentes e prevenir novos riscos por meio da implementação de medidas integradas e inclusivas em âmbito econômico, estrutural, legal, social, cultural, educacional, ambiental, tecnológico, político e institucional que previnem e reduzem a exposição ao risco e a vulnerabilidade a desastres (Marco de Sendai, 2022). Trata-se de um marco definido pelas Nações Unidas em resposta aos imperativos desastres ambientais em nível mundial.

Sobre o ODS 12, dentro da interdependência dos objetivos, esse poderia ser caracterizado como a ponta do aspiral para a solução. Objetivando assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis é se colocar contra a hegemonia capitalista em expansão. Desde a falta efetiva do plano ecológico, o uso indiscriminado de agrotóxico, o desperdício de alimento que chega a alcançar 30% dos alimentos produzidos, jogados fora (46 milhões de toneladas de alimentos por ano) a insuficiência da geração de energia renovável, o ínfimo avanço na taxa de recuperação de materiais recicláveis de 2,31%, em 2021 para 2,37% em 2022 e o aumento montante de recursos destinados à produção e consumo de combustíveis fósseis são fatos que requerem uma transformação por meio de

metas, as quais, segundo o VIII Relatório Luz (2024, p. 85-87), se encontram estagnadas na avaliação do Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030, caracterizando-os como insuficientes, ameaçados ou em retrocesso.

Os ODS precisam considerar o racismo, o machismo, capacitismo, etarismo, e outros marcadores sociais de desigualdades para que realmente possam sair da objetividade teórica para ação. “Nessa direção, deve-se incluir a valorização das práticas, saberes e valores das comunidades afrodescendentes” e da intersecção de gênero, raça e classe, assim como alcançar as mulheres que desenvolvem a profissão de catadoras de materiais recicláveis. Nesse contexto, como os ODS contribuiriam efetivamente com as vivências dessas mulheres? A iniciativa do governo federal do Brasil em propor a criação do ODS 18, com foco exclusivo nas questões relacionadas à raça, (VIII Relatório Luz, 2024, p. 126-130) apesar de bastante positiva, só haverá avanço, assim como os demais objetivos, quando as mulheres forem ouvidas e forem protagonistas dentro das resoluções socioambientais, visualizadas como seres altamente prejudicadas pelos desastres ambientais emergentes. Como afirma Evaristo, (2021, p. 76) Tem-se pressa, “venha sem mais demora, venha antes que a tormenta dos tristes dias nos abrace”. É nessa pressa expressa pela autora que as mulheres requerem soluções à desigualdade de raça, gênero e classe, seres em constante labutar de esperança e de melhores dias. Os objetivos existem para serem alcançados e não para serem pano de fundo projetáveis. No espaço desigual que muitas mulheres ocupam, o que importa é o hoje, o agora, a emergente vida.

1.5.1 Educação ambiental: um espiral em uso

A educação ambiental surge em meio à crise ambiental no final do século XX, na tentativa de resolver os conflitos já existentes de forma reducionista, individual e fora do modelo sócio-histórico. A ética tradicional já não se enquadra no padrão de natureza humana, já que houve um *apartheid* entre ser humano e natureza. Atravessada pelo conservacionismo, manifestava-se esvaziada de todo ato político, social, econômico; apenas traduzia-se no discurso naturalista, nos braços dos cientistas naturais, num aporte conservacionista, em que pouco se apropriava a sociedade civil.

A educação foi direcionada para o campo do “adestramento ecológico”, respaldada em ações como o diminuir o uso da água, desligar a torneira na hora de escovar os dentes, evitar chuveiro elétrico, não jogar lixo no chão, dentre outros. Por relevante que seja “a ação individual, a educação ambiental dualista entre indivíduo-sociedade e sociedade-natureza” (Loureiro; Cunha, 2008, p. 239) não conseguiu abarcar a

problemática ambiental existente. O conservadorismo e sacrifícios pessoais intensificam ainda mais a vulnerabilidade de grande parte da sociedade, os quais já vivenciam a escassez desses e outros recursos pela própria desigualdade instalada.

A tendência conservacionista orientada pela lógica do pensamento sistêmico e linear, separa ecologia, cultura, poder, meio ambiente e desenvolvimento “por reduzirem a complexidade do modelo ambiental a uma mera questão tecnológica e, por acreditarem que o regime mercadológico é capaz de promover a transição do contestável à sustentabilidade” (Layrargues; Lima, 2014, p. 30). Sobre o discurso de responsabilização individual, de que “cada um deve fazer a sua parte”, os autores afirmam se tratar de uma prática:

a-histórica, a política, conteudista e normativa, não superariam o paradigma hegemônico que tende a tratar o ser humano como um ente genérico e abstrato, reduzindo-os à condição de causadores da crise ambiental, desconsiderando qualquer recorte social (Layrargues; Lima, 2014, p. 29).

Como tentativa de compreender melhor os estágios e mudanças na educação ambiental, formal e/ou informal, comunitária e/ou escolar, a educação ambiental perpassa por dois momentos, a saber: comportamentalista e individualista, ambas têm em comum a omissão do processo de desigualdade e injustiça social. A primeira, traz uma versão “ingênua” ligada às ciências naturais. “São representações conservadoras da educação e da sociedade, por que não questionam a estrutura social vigente em sua totalidade.”. Já a segunda, ajustada ao neoliberalismo, afeta a execução do conjunto de políticas públicas.

A questão ambiental é típica do paradoxo vivido pelos Estados. Nas décadas de 1970 e 1980 vivemos um período no qual a doutrina neoliberal impôs o conceito de Estado mínimo, de regulação mínima, ao mesmo tempo em que a crescente complexidade da sociedade exigia mais regulação e maior inserção do Estado em novas questões (Sorrentino *et al.*, 2005, p. 287).

Com a ausente reflexão socioambiental emerge o conceito de reciclagem enquanto ação de resultados factuais e a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, ressaltando a ambiguidade e as contradições na própria proposta de sustentabilidade. Entretanto, dentro da argumentação discursiva haverá o que é permitido ou proibido falar. A realidade delimita a vertente pragmática que é definida pelo capitalismo (Layrargues, Lima, 2014, p. 31-32), esse sempre se apropriando do discurso em que se refaz e se retroalimenta de forma dinâmica.

A partir dos anos 1990, de forma tardia, a educação ambiental passou a ser questionada, principalmente, pelas Conferências Nacionais e Internacionais, inclusive a Conferência das Nações Unidas Rio-92. Neste âmbito, a educação ambiental pôde se

ressignificar como identidade plural de análise e propostas múltiplas, uma reconfiguração da educação ambiental à adjetivação crítica, englobando ações coletivas e revolucionárias, nunca individual e passiva, bem como um meio de enfrentamento e mediação aos conflitos ambientais (Loureiro; Cunha, 2008, p. 238).

A educação ambiental irrompe um novo olhar sobre as dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas e ecológicas. Ao refletir que não há justiça ambiental sem justiça social, não há como separar: i) ecologia, cultura e política; ii) individuo, sociedade e natureza; iii) técnica e ética; iv) conhecimento e poder; v) meio ambiente, economia e desenvolvimento (Layrargues; Lima, 2014, p. 30). A interligação dos fatos sociais reverbera comumente na população vulnerável, talvez essa seja a explicação da mitigação a emergente crise socioambiental, a morosidade, a busca por soluções isoladas e tardias, nunca ações preventivas, mas sempre depois que ocorre um desastre. Há um descaso proposital do poder público e privado sobre os oressores interseccionais, desconsiderando uma reflexão concernente a que classe, gênero e raça fazem parte a população mais afetada pelas questões socioambientais.

1.5.2 Legislação Ambiental no Brasil: um caminho a trilhar

A natureza sempre foi utilizada pelo ser humano, desde a sua origem. Mas é na descoberta da sua finitude e da destruição do próprio ser, que a legislação surge como forma de disciplinar essa relação (Borges; Rezende; Pereira, 2009, p. 449). Mas a relação ser humano-natureza não deveria ser unidade? Sem dúvida, sim, caso não houvesse um terceiro componente nesta relação: o capitalismo. Esse, mesmo sem denominá-lo, Rousseau (1999, p. 25) já previa que a passagem da vida naturalizada para a vida social levaria o homem à infelicidade, ao individualismo exacerbado, ao vazio existencial da busca pelo poder.

Numa construção lenta, linear, a legislação referente às questões ambientais se apresenta a partir da década de 1960 a 1970 com discretos instrumentos legais nos setores florestais, hídricos e de patrimônio histórico. Esses e outros movimentos ambientalistas se manifestaram com maior rigor em resposta ao processo de industrialização em que,

Após a Segunda Guerra Mundial, a era nuclear fez surgir temores de um novo tipo de poluição por radiação. O movimento ambientalista ganhou novo impulso em 1962, com a publicação do livro de Rachel Carson, “*A Primavera Silenciosa*”, que fez um alerta sobre o uso agrícola de pesticidas químicos sintéticos (ONU, 2020).

A partir da Conferência de Estocolmo, em 1972, se expõem as primeiras ‘vozes’ com sentimento ambientalista em várias partes do globo. Nessa fase, conhecida como o milagre na economia, o Brasil, ansioso pelo progresso, considera que decidir pela conservação ambiental poderia se constituir em obstáculo ao crescimento econômico e declara “que o país está aberto à poluição, porque o que precisa é de dólares, desenvolvimento e emprego” (Borges; Rezende; Pereira, 2009, p. 449-450). Um verdadeiro equívoco, enquanto nação, talvez mais um erro histórico num país já explorado ambientalmente.

No período Republicano surgiram, no Brasil, as normas jurídicas de proteção ambiental, chamado de Direito Ambiental; esse se construiu a partir dos anos 1920 com a criação do código florestal, em 1934, e com a implantação do Estado Novo, norma que regula o uso das florestas. Na década de 1930, é escrito o Código de Águas, criação de quatorze parques nacionais, elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento, dentre outros. Contudo, “o ponto que representa a evolução dos direitos ambientais no Brasil foi a criação da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), disposto na Lei nº 6.938/81” (Borges; Rezende; Pereira, 2009, p. 454-457). Neste período, segundo os autores surgiram leis, decretos e resoluções que propuseram a utilização dos recursos naturais de forma protetiva e racional. Mas é com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que o meio ambiente se torna um direito e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade de todos os agentes sociais, desde o Estado aos grupos empresariais e à comunidade em geral, como define o artigo 225:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (Brasil, 1988).

A Constituição Federal – Lei Magna foi o marco da consolidação do “Direito Ambiental” no Brasil, resguardando um tratamento especial ao meio ambiente como essencial à qualidade de vida, além de atribuir o dever de proteger o meio ambiente ecologicamente equilibrado, ao Estado e à sociedade como um todo (Borges; Rezende; Pereira, 2009, p. 464). Teoricamente, passa a existir um maior comprometimento aos princípios legislativos, mesmo que na prática, aja àqueles que costumam desconsiderar ou burlar as leis ambientais, como a elite dominadora dos bens naturais, empresas, grandes indústrias, latifundiários, enfim, o poder engendrado ao capitalismo.

Como mecanismos legais de proteção à natureza, temos a Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/1998); a Política Nacional dos Recursos Hídricos, entretanto, foi

a partir da Política Nacional do Meio Ambiente – PNMA, disposta na Lei n.º 6.938/1981, que as questões ambientais ganharam força enquanto debate político, educacional e social. A criação da Agência Nacional das Águas (ANA) – Lei n.º 9. 984/2000 contribui na solução de dois problemas: secas prolongadas e a poluição dos rios (Borges; Rezende; Pereira, 2009, p. 464). Este órgão tem como missão implementar e coordenar a gestão compartilhada e integrada dos recursos hídricos e regular o acesso à água, além de pleitear cursos formativos e projetos com temáticas ambientais que favoreçam uma educação ecológica responsável.

Na linha do tempo dos principais movimentos ambientais legislativos deve-se inferir a promulgação da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) – Lei nº 9.795/1999, criada pelo Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente, instâncias executivas das ações condizentes a essa política. Para Sorrentino, (2005, p. 290), a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA se consolida numa “organização da ação do Estado para a solução de problemas ou atendimento de uma demanda específica da sociedade. Enquanto modalidade, as políticas públicas se dão por intervenção direta, por regulamentação, ou contratualismo”. A PNEA traz no artigo 1º a Educação Ambiental como um processo individual e coletivo de construção de valores sociais, conhecimentos e habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, além de enfatizar a interdisciplinaridade e a responsabilidade coletiva.

A Política Nacional de Educação Ambiental traz um leque de possibilidades por meio de programas e projetos na educação formal e informal, no entanto, as ações ambientais educacionais costumam-se amortecer diante das primeiras dificuldades ou, até mesmo não serem efetivadas, em decorrência da própria ineficiência do Estado. Dentro do processo de responsabilidade ambiental individualizado, discurso extremamente capitalista de estímulo ao consumo e a naturalização dos eventos climáticos extremos, torna-se relevante a sensibilização da própria sociedade para as questões ambientais como consumismo, descarte irregulares dos resíduos sólidos, uso consciente da água. Mas, insuficiente enquanto Educação Ambiental Crítica, ou melhor, na superação das injustiças ambientais imbricadas nas desigualdades sociais como racismo, feminicídio, desemprego e violência.

A perpetuação de situações conflitantes, a falta de informações e de direcionamentos para que a população possa acessar os aparelhos públicos ou privados, garantidos em leis são ineficientes, quando não há educação para o uso desses espaços. A sociedade precisa ter ciência dos seus direitos, maiores investimentos e ações amplas de

combate aos problemas estruturais socioambientais. Ao mesmo tempo, o Instituto da Fiocruz (2023, p. 24-25) afirma que a garantia de direitos em um território com muitas fragilidades, por vezes, soa como algo fora da realidade, portanto, essa oferta precisa ser de forma digna e humanizada, sempre.

1.5.3 Política Nacional de Resíduos Sólidos, uma política ainda desconhecida

Nunca, a sociedade esteve tão bombardeada pelo estímulo ao consumismo numa contradição expoente ao capitalismo, vende-se a força de trabalho, o tempo livre, a sua vida em troca, muitas vezes supérfluo, do prazer pela compra. O que, por muitas vezes, na euforia do ter, não reflete o consumo dentro de uma cadeia produtiva de descarte que vai ficando pelo caminho, se transformando em lixo, rejeitos ou resíduos sólidos.

A soma de interfaces atribuídas ao consumismo, desmatamento, industrialização, vida útil efêmera dos objetos, principalmente os tecnológicos, baseado no discurso penetrado na vida de todos e todas de que para ser feliz é preciso consumir, ter, apoderar-se, não apenas o essencial, mas de bens e objetos de última geração, dentro de uma constante relação capitalista, perversa e de “concorrência generalizada” (Theodoro, 2022, p. 51). De acordo com ABRELPE (2022, p. 19-22), “a geração de Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil em 2022 foi de 81.811.506 t/ano.

O Brasil é um dos países que mais produz resíduos sólidos no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e Índia”. Um dado assustador. Sobre a disposição final dos resíduos sólidos em cada região do país, afirma haver desigual geração e atendimento ao procedimento de coleta. No Nordeste, 6.214.527 t/ ano de resíduos recebem atendimento adequado, equivalente a 37,2%, enquanto a disposição inadequada de resíduos sólidos é de 10.491.191 t/ano equivalente a 62,8%, confirmando que há muito a ser feito com a problemática do excesso de lixo no Brasil e suas regiões principalmente, com relação a efetivação de políticas públicas ambientais em regiões privilegiadas em detrimento aos territórios vulneráveis.

No Nordeste, são 40 milhões de pessoas sem esgotamento sanitário, representando 42% do déficit do país. São apenas 29,4% da população atendida contra 81,4% que contam com o serviço na região Sudeste, segundo o Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades (2023, p. 7). “Temos um déficit no Brasil de lixão a céu aberto em todas as regiões e pouca coleta seletiva nas cidades” (ABRELPE, 2019). A Região Nordeste, apesar de produzir menos resíduos sólidos, encontra-se presente nos dados

estatísticos como a região que mais sofre pela falta de investimento na gestão de resíduos sólidos.

Com base nos moldes de produção e descarte dos resíduos sólidos, o meio ambiente tem sido cada vez mais impactado pela mão humana, principalmente por estar relacionado ao sistema capitalista formado por “capital econômico, capital social (os contatos) e capital simbólico (o prestígio) que juntos formam as classes sociais ou o espaço multidimensional das formas de poder” (Silva, 1995, p. 24). O nó interseccional se encaixa perfeitamente nas esferas capitalistas em que a relação humana se transforma em mercadoria. Compra e venda versus privilégio e status torna a relação socioambiental rentável, aproxima-se do contato influente, daquele que tem prestígio para resolver algo ou até mesmo, do que tem dinheiro para sentir-se alguém. O que sempre representará uma relação submissa do pequeno ao grande, um *status quo* preservado pelo pacto da elite brasileira.

O excesso de resíduos sólidos no planeta torna-se insustentável e inalcançável por um único viés de solução: a reciclagem. Tal conjuntura é abastecida pelo discurso individualizado e capitalista de forma apolítica, sem haver um aprofundamento sobre os efeitos desse processo. O presidente da ABRELPE, Carlos Silva Filho, afirmou haver um aumento exacerbado de consumo e descarte indiscriminado no país. Ao mesmo tempo, não há uma separação correta de resíduos nos descartes e não há um processo de sensibilização da população para consumir produtos sustentáveis (ABRELPE, 2019).

O aumento dos resíduos e o descarte irregular enquanto problemas ambientais sempre chamaram a atenção, entretanto, somente após vinte anos de criação da Política Nacional do Meio Ambiente – PNMA e onze anos depois da Política Nacional de Educação Ambiental, surge a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) – Lei 12.305/2010, regulamentada pelo Decreto 10.936/22 (Brasil, 2022), que especifica a responsabilidade e as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos. Como instrumento condutor das políticas, instituiu-se por meio do Decreto n.º 11.043, de 13 de abril de 2022, o Plano Nacional de Resíduos Sólidos se materializa por meio de metas, diretrizes, estratégias e ações da presente política. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos possui como protagonistas o governo, a indústria, a empresa e o consumidor objetivando,

A redução da geração de resíduos sólidos; a redução do desperdício de materiais; a redução da poluição e a redução dos danos ambientais. Abrangendo, desta maneira, a fomentação de investimentos por parte dos fabricantes, dos importadores, dos distribuidores e dos comerciantes no desenvolvimento, na fabricação bem como a colocação no mercado de produtos aptos à reutilização, à reciclagem e à logística reversa (Rodrigues; Menti, 2016, p. 60).

As políticas públicas são constituídas por legislações que agregam um conjunto de normas e leis por meio de decretos. Não se trata de algo acabado, mas modificável de acordo com interesses específicos e essenciais, “se destina à resolução pacífica de conflitos, assim como o aprimoramento do bem comum” (Sorrentino *et al.*, 2005, p. 289). Dentro do discurso, há sempre uma contradição que faz parte do capitalismo, mostrando uma ilusória preocupação do mercado e do Estado com as questões ambientais, relacionando à responsabilidade individual e paliativa, o que do ponto de vista capitalista são políticas “com gastos eminentemente improdutivos, embora sejam necessárias à preservação das condições sociopolíticas de continuidade do processo de acumulação de riqueza abstrata” (Carneiro, 2005, p. 30). Exemplo disso é o modelo de produção agrícola que envenena a população para encher os bolsos do agronegócio.

Assim, a atividade estatal vem se expandindo historicamente como condição necessária a uma reprodução econômica autocontraditória [...] quanto mais total for o mercado, tanto mais total será o Estado, quanto maiores serão os custos, maiores serão também a atividade e a demanda financeira do Estado. Este, entra necessariamente em contradição consigo mesmo, “agindo, por conseguinte contra sua própria finalidade [...]” (Kurz, 1997b, p. 102-104).

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, assim como a grande maioria das leis, traz uma logística mais técnica do que proativa, apesar de estar claro o fator da “responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos: dos fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, o cidadão e titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos [...]” (PNRS, 2010). Entretanto, soluções às causas de problemas crescentes como o aumento da desigualdade social, catástrofes ambientais, desemprego, moradia irregular, chegam muitas vezes como estruturas normativas contraditórias, beneficiando a camada social brasileira elitizada, como os empresários do agronegócio, empresários de grandes indústrias e empresas em geral do que propriamente a camada social desprotegida.

Trata-se de uma falsa segurança, que significa a alienação da realidade, a qual cumpre a função de gerar a sensação de que um comportamento ambientalmente correto - a reciclagem - contribuirá para a resolução de um problema, quando, na verdade, camufla a crítica ao consumismo. Recicla-se para não se reduzir o consumo. Afinal, a reciclagem representa, além da salvação da cultura do consumismo, a permanência da estratégia produtiva da descartabilidade e da obsolescência planejada, permitindo a manutenção do caráter expansionista do capitalismo (Layrargues, 2002, p. 6).

As leis ambientais vigentes, referências constitutivas de amparo legal, fazem-se relevantes, apesar do grande descompasso na efetivação das suas próprias normas legais, principalmente quando se referem à população vulnerável como as catadoras de materiais recicláveis, as quais, mesmo sendo grandes contribuintes do processo de reciclagem e preservação ambiental, continuam invisíveis aos olhos da relação de poder, das políticas públicas e da sociedade como um todo.

É possível perceber que as catadoras de materiais recicláveis não aparecem como contribuintes, muito menos, como profissionais participantes deste processo, ou melhor, enquanto base da política ambiental, elas não são prioridades. Talvez por se tratar de uma política voltada para questões sanitárias e não trabalhistas, as mulheres que retiram dos rejeitos os materiais recicláveis, logo o sustento da família, nunca foram assistidas como deveriam, na ótica da justiça socioambiental.

Neste sentido, faz-se necessário considerar a relação da mulher no trabalho, o rigor de organização funcional da prestação de serviço das catadoras por meio de cooperativas, associações e meio ambiente de trabalho adequado, não permitindo os crescentes lixões a céu aberto, visualizados em grande parte dos municípios brasileiros. Um movimento que não se constituirá como uma redenção aos reais problemas, mas como passo inicial para melhoria da realidade, inclusive das leis trabalhistas com o cumprimento dos direitos para cada mulher pertencente à atual profissão descartada: as catadoras de materiais recicláveis.

Em síntese, sobre as legislações, conferências e documentos relativos às questões ambientais, o Brasil se encontra no caminho certo, todavia é preciso compreender que a existência de leis não será suficiente, como afirma Meszáros (2008, p. 162), "nada se resolve apenas pela proclamação de direitos, nem mesmo pelo mais solene dos direitos humanos. A esfera legal se torna eficaz na medida em que se introduz profundamente no corpo da sociedade civil". Caso contrário, o discurso ideológico dominante seguirá bem sem ameace o seu *status quo*. O ideal seria um discurso ecológico que entende a questão do lixo, antes de tudo, como um problema de ordem técnica, e não de ordem desigual, excludente, social e cultural em expansão (Layrargues, 2002, p. 6). Em outras palavras, os entraves das legislações ambientais, sobretudo a falta de efetivação dos documentos instrucionais e de ações coletivas sugere um olhar atento às desigualdades, aos direitos trabalhistas da mulher e maiores fiscalizações no cumprimento, otimizadas pela Educação Ambiental Crítica revolucionária.

Seção II



Fonte: Imagem produzida por inteligência artificial a partir da base de Adinkras, com referência a força da mulher.

DUAFE²

² É um pente de madeira que traz o significado da limpeza, beleza e também de características associadas ao feminino, como amor e cuidado (Nascimento e Gá, 2022).

2 RELAÇÃO DE TRABALHO E VIVÊNCIA DA CATADORA DE MATERIAL RECICLÁVEL: UMA RELAÇÃO ARBITRÁRIA

Enquanto prática científica se faz necessário a potencialização à crítica, a alerta e à indignação sobre as mais cruéis variáveis desde o processo da escravatura, primeiros corpos invisíveis, os corpos das mulheres negras, cuja exploração era indissociável da reprodução social, perpetuada pelo colonialismo extrativista que constitui a cumulação primitiva do capital.

O termo mulher não se restringe ao conceito biológico, mas a uma posição social e política. A mulher não é homogênea, já que há diversas mulheres dentro de uma só, numa relação dialética ancestral e indefinível. A escuta às mulheres exploradas em sua luta decolonial eleva a ancestralidade ao conhecimento do ser, ao poder que emana da mulher e que contribui com o crescimento da sociedade, apesar da invisibilidade e “naturalização” da economia, do desgaste e da fadiga dos corpos das mulheres, principalmente as racializadas.

Há uma acentuada distinção entre o trabalho da mulher burguesa branca, normalmente destinadas aos postos superiores, e a mão de obra feminina extraída do Sul, destinadas a serem domésticas e babás dos filhos da burguesia. A mulher negra no mercado de trabalho se apresenta por meio da história colonial, base estruturante da atual sociedade. Dentro de uma hierarquia social, existiam os senhores donos das terras, os quais continham o poder econômico e político, do outro lado os escravos, a força de trabalho efetiva dessa sociedade e as mulheres “livres” que viviam em situação precária. Dessa forma a sociedade colonial se reveste de um caráter patriarcal “um sistema de poder análogo ao escravismo”, segundo Pateman (1988), refletida de maneira extrema sobre a vida da mulher.

O movimento da vida não linear constrói e se reconstrói no fazer e na “escrevivência” como fundamento que capta o fluir, em que os entraves vão sendo desmistificados, exigindo um olhar no passado, presente e futuro com respeito e generosidade, observando essas ramificações. Só assim, no viés oposto ao capitalismo patriarcal, a mulher poderá ser apresentada como poesia, numa sociedade que ainda não permite vê-la assim. “O cuidado de minha poesia aprendi foi de mãe, mulher de pôr reparo nas coisas e de assuntar a vida” (Evaristo, 2021, p. 79). Por reparo, observar a realidade e refletir sobre a vida se constitui no ensinamento ancestral que passa de mulher para mulher.

2.1 O trabalho e suas definições

O trabalho, enquanto luta pela sobrevivência, condição para a existência social, de dignidade e autonomia da vida adulta, conceitua-se como uma atividade vital. A lógica trabalho capitalista não existia na cabeça dos povos originais; para eles, a função camponesa de extração do alimento, da construção de moradias era apenas um meio de sobrevivência. Não existia a ideia de posse, mas de serem guardiões daquele lugar. Até que, com a chegada dos colonizadores, tudo mudou. Tanto os povos originários quanto os povos trazidos para serem escravizados passam a conhecer o trabalho pelo viés de produção e exploração. Desse modo, com a noção de posse sendo instituída historicamente, confirma que a produção pelo trabalho será sempre determinada pela técnica e pela sociedade, essa última se sobrepondo à técnica.

Com o fim da escravidão, “homens e mulheres livres”, porém desprovidos de tudo, passam a se submeterem à continua exploração pelos donos das terras e dos meios de trabalho, como bem nos lembra Ângela Davis, afinal, não há liberdade quando existe necessidade humana. O trabalho camponês, artesão, enquanto uma realização pessoal e de sobrevivência subjugado à lógica do mercado, está infundido na intensa exploração do proletariado e expropriação do capital.

Atrelado à disputa e à materialização em detrimento do ser, o capitalismo se apresenta num cenário propício à sua efetivação. Extensa massa desempregada, despossuída de casas, terras, sem domínio de técnica ou ferramenta, sem escolarização, tornam-se sujeitos a desenvolver todo e qualquer trabalho, inclusive retirando novamente de si o tempo, a liberdade, a qualidade de vida, a saúde e os sonhos. O trabalho distingue as formas de vida dos seres humanos e dos animais por serem dotados de *consciência*, uma vez que concebem previamente o desenho e a forma que querem dar ao objeto do seu trabalho.

Marx (1971, p. 50) afirma que entre o “pior arquiteto e a melhor abelha”, o primeiro concebe previamente o trabalho que vai realizar, enquanto a abelha labora institivamente. Nesse sentido, Lukács, 1978, p. 08) afirma que por mais simples que seja a forma de trabalho, mesmo que seja manualmente, haverá sempre uma clara dimensão intelectual nesse fazer. Marx (idem, p. 50) o define como fundamental na vida humana por ser condição para a existência social. “Eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, vida humana,” ao mesmo tempo que, os indivíduos transformam a natureza externa, alteram também, a sua própria natureza

humana, num processo recíproco que converte o trabalho social num elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana.

Na acepção ampla, os homens enquanto seres sociais produzem sua vida, sua história, sua consciência, seu mundo. Nada há na história e na sociedade que não seja adquirido e produzido. A “natureza”, ela mesma, tal como se apresenta na vida social aos órgãos dos sentidos, foi modificada, portanto, produzida. (Lefebvre, 2006, p. 105).

No processo de produção, atrelado ao contexto histórico, o termo trabalho também é definido como labutar, dedicar, colaborar, comercializar, sendo intrínseco à vida humana e que passou por várias transformações. Com a chegada do capitalismo passa a existir uma nova forma de romper com as noções antigas de produção, determinado socialmente e não apenas pela técnica, a habilidade do trabalhador já não é tão valiosa para o capitalismo, mas a classe despossuída de tudo, que só terá a força de trabalho para vender. Um caráter dominante do processo de exploração e alienação capitalista, que transformou a vida do trabalhador numa constante desrealização, inclusive para a mulher.

Compreender o modelo social capitalista como algo gestado historicamente enquanto transformação que alterou e complexificou o trabalho humano, principalmente, o trabalho da mulher catadora de material reciclável e suas relativas contradições, é pensar a relação social, não apenas a partir da relação da natureza humana, mas pensar a sociedade que esses seres organizam e de como o ser humano é reflexo das condições possíveis dessa produção.

Ao mesmo tempo em que essa relação social deveria ser espaço para a criação, subordina; ao mesmo tempo que poderia ser um processo emancipatório, aliena; ao mesmo tempo que teria o papel crucial de humanizar, tem-se o contrário: a degradação, a desigualdade, a desqualificação e a mecanização do ser humano. A utilização de termos como recurso humano, empreendedor de si mesmo e capital humano são conceitos cada vez mais utilizados na relação de trabalho contemporâneo desumanizante, em virtude do trabalho excedente versus necessário.

A atividade humana desenvolvida no processo de produção de bens materiais, denomina-se trabalho. Esse trabalho que se expressa em uma certa quantidade de produtos implica o emprego de uma quantidade de energia humana. O que para Marx é denominado como força de trabalho (Harnecker, 1971, p. 31). Dessa forma, existe uma distinção entre trabalho que seria o rendimento da produção e força de trabalho que seria tudo aquilo que está embutido na efetivação dele, desde a carga horária, energia elétrica, alimento, e

vestuário que o trabalhador precisa para desempenhar a função. Esse se trata do posto-chave da exploração capitalista.

A partir das décadas de 1960 e 1970, ocorreram algumas mudanças no capitalismo em escala global, ao tentar diante do esgotamento do taylorismo e fordismo, se reerguer dentro do padrão de acumulação e hegemonia que vinha perdendo, como resultado das lutas sociais e greves trabalhistas na Europa ocidental, no mesmo período. Nos anos 1980 e 1990 nos países do sul, os setores de serviço se expandem e passam a ser controlados, principalmente, pelo Estado, por intermédio do processo de privatização desses setores, adentrando nas economias mercantilizadas, capitalistas e do processo de acumulação (Antunes, 2008, p. 08).

Neste sentido, a categoria trabalho se amplia a partir do capitalismo, o que não significa trabalho para todos e todas, mas a desvalorização da trabalhadora que almejava ter um trabalho paralelo ao seu próprio crescimento; essa, ao contrário, passa a vivenciar o trabalho compulsório da privatização e financeirização, uma interpenetração dos serviços, que antes eram separados, individualizados e, hoje, encontram-se inseridos em uma mesclagem de indústria de serviços, serviços industriais, e agroindústria, ou seja, as famosas fusões empresariais de caráter essencialmente capitalista.

O controle acentuado no local de trabalho, a diminuição de trabalhadores, contraditoriamente ao aumento de produção, caracterizado pelo regime de acumulação flexível “empresa enxuta” nascido em 1950 e se difundi a partir de 1973, (Harvey, 1992) são realidades que apenas requerem um olhar cuidadoso, principalmente em empresas privadas (sejam elas grandes, médias ou pequenas como shopping, supermercado, padarias, dentro outros). Se observa, ainda, a invasão de máquinas substituindo ou realocando a trabalhadora na organização produtiva, o que, embora aumente o desemprego estrutural, não elimina o trabalhador humano, mas se retroalimenta a partir de uma força de trabalho cada vez mais precarizada e superexplorada.

As mutações introduzidas pelo capitalismo, no Brasil e no mundo, não foram poucas, principalmente, na relação técnica e social do trabalho. Nesse processo, os indivíduos transformam a natureza externa, ao mesmo tempo que alteram sua própria natureza humana, caracterizando uma transformação mútua. O que significa dizer que sob o capitalismo, a trabalhadora não se satisfaz com a vida profissional, mas se degrada; não se reconhece, mas se desumaniza (Marx, 2004). O sentido de uma vida social de qualidade se perde ao alienar-se aos padrões mercadológicos do capital, inclusive, no racismo estruturante, base do sistema capital desde a expropriação das terras indígenas e da

escravização dos povos negros. Enfim, não se pode pensar o capitalismo sem se pensar o racismo e a divisão de gênero no trabalho.

Historicamente, o peso em ser mulher, estigmatizada, inferiorizada, a doméstica por “natureza” traz na relação de trabalho a soma das questões produtivas e reprodutivas da sociedade capitalista e a divisão hierárquica e sexual do trabalho, pois é através dela que o capitalismo na sua subjetividade se reproduz. “Para essa economia simbólica e material, o *status* de pessoa supérflua das mulheres negras associa-se a uma existência necessária, eis aí todo o paradoxo aparente das vidas necessárias e invisibilizadas” (Vergés, 2020, p. 20).

No âmbito de maior entendimento, o eurocentrismo enquanto centro dos debates, narrativas e decisões costumam não considerar os fatores históricos paradoxo dessas vidas. Há uma divisão social, em que de um lado uma parcela da humanidade tem o direito à vida com qualidade e do outro lado, vidas que pouco importam, contudo, necessárias à retroalimentação do *status quo* da própria sociedade segregacionista. Sendo assim, o olhar histórico-crítico sobre a vivência da mulher nos dissabores do capitalismo patriarcal, por vezes condiciona a não existência do protagonismo feminino. Sendo assim, nesta relação,

Ser mulher e ser trabalhadora se estabelece como unidade indivisível na constituição do sujeito sujeitada perante o sistema produtor de mercadorias. Portanto, o “mercado de trabalho” só pode oferecer à mulher condições de inserção do seu trabalho produtivo, ainda que subvalorizadas, desde que permaneça ela atrelada às mesmas determinações da sociedade patriarcal (Silva e Menezes, 2024, p. 74).

O patriarcado, como categoria social que “compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo” (Morgante e Nader, 2014, p. 03). Faz com que se apresente na sociedade por meio de duas formas. O patriarcado liberal em que a pessoa se diz moderna a favor do multiculturalismo e dos direitos das mulheres, integrando-as na economia neoliberal, ou seja, em que identidades minoritárias possam ser comercializáveis, que façam parte da “moda” e que as indústrias lucrem com base nesse fim, um “empoderamento” mascarado e individualista, no lugar de uma conquista real e coletiva. Outra forma de patriarcado é o conservador, neofacista e masculinista que ataca fortemente as mulheres através de retrocesso dos poucos direitos adquiridos e que institui o poder absoluto de ordem heteronormativa a partir de incitações ao estupro, assassinato de mulheres, transsexuais e

manipulações religiosas, despertando o medo e o ódio para justificar determinadas atrocidades noticiadas diariamente (Vergès, 2020, p. 119-120).

As ligações históricas entre trabalho de limpeza/cuidado da mulher e a racialização, tem raízes coloniais no Brasil. A feminista negra Chakaz, (2011, p. 14) aponta ao “aplicar a noção de trabalho alienado ao gênero, à raça e às categorias sexuais revela todo o caráter opressor do sistema”. Realidade não ocorrida da noite para o dia, mas no decorrer de séculos de história de “civilização”. A relação de trabalho da mulher revela, com cuidado “a invisibilidade do trabalho reprodutivo privado e público, sua gratuidade e o lucro que a economia do capitalismo obtém dele. Revela a face oculta da sociedade salarial” (Louise, 2014, p. 311), possivelmente, tornando mais difícil a luta contra a opressão estrutural enraizada no patriarcado conservador e misógino.

Atribuiu-se pelo longo período escravocrata à mulher branca o papel de esposa, mãe e ociosa. Contrária à mulher branca, a mulher negra se caracterizava como uma produtora, com o papel semelhante à de seu homem e, ainda, reproduutora de nova mercadoria. “Isto é, a mulher negra é uma fornecedora de mão de obra em potencial, concorrendo com o tráfico negreiro, recaindo sobre ela o peso da dominação senhorial”. É importante compreender que o critério racial faz parte do mecanismo de seleção atribuído aos diferentes papéis assumidos pelas mulheres, aos diversos grupos da sociedade, fazendo com que até hoje as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. “Dialeticamente, perpetua-se o processo de domínio social e o privilégio racial” (Nascimento, 2021, p. 55-57).

Neste ínterim, não há como analisar a mulher no mundo do trabalho sem a devida compreensão dos atravessamentos e intersecções de raça e classe enquanto estrutura social. “A alienação racial produz sofrimento na medida em que mantém operante a crença violenta de que o corpo negro não pode ser predominantemente vivido como fonte de vida e prazer” (Souza, 1983, p. 25). A relação da mulher no mundo capitalista, patriarcal e de crescente feminização do trabalho, parte de um olhar interseccional, transdisciplinar, de que “toda ciência é, por conseguinte, conhecimento social” (Longino, 1996, p.187-202). Realidade não estagnada, mas em movimento, em que tudo se molda e se retroalimenta. Para Saffioti (2015, p. 41-42), não há neutralidade em nenhuma ciência; todas são frutos de um momento histórico, social, político e de produção cuja intervenção, em qualquer campo do conhecimento, é cristalina. Não o sendo para qualquer olhar, apenas para o olhar crítico.

2.2 Relação de trabalho e meio ambiente

As catástrofes ambientais, cada vez mais frequente e com maior intensidade, afetam diretamente os seres humanos. Ou será, que são os seres humanos que afetam diretamente a natureza? Dentre as contradições que se apresentam no mundo atual, identificar como acontece a relação ser humano-trabalho-natureza e como essa dinâmica complexa e contraditória se constitui, talvez seja um passo importante às questões ambientais e à apropriação da intelectualidade rejeitada por muito tempo, pela elite eurocêntrica, à escrita da mulher negra, um saber ocultado por mais de meio século.

“O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida- menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupas” (Evaristo, 2021, p. 10).

Neste quadro metafórico, a autora aborda a utilização dos recursos naturais de forma harmônica e singela no cotidiano da mulher, na beleza, no valor entrelaçados de ambos, mulher-natureza, natureza-mulher. Ao mesmo tempo, recorda-se do tempo de submissão da mulher aos donos da casa grande, a herança escravocrata e a força de trabalho, ao se reportar uma analogia entre o trabalho doméstico e a utilização dos recursos naturais, como a água, o vento e o sol. Hoje, em oposição, ecoa a exploração da matéria bruta e matéria prima de forma desregrada e a contínua exploração “moderna” do trabalho feminino. Mas o que mudou?

O trabalho acaba por ser transformado num instrumento de controle social do indivíduo, tornando estranho a ele, não sendo uma ação para si, mas para o outro, realidade intrínseca ao desenvolvimento capitalista. Agregado a esse sistema, o ser humano se distancia da natureza, não se reconhecendo como parte, mas a reconhecendo como um recurso inesgotável a ser explorado e transformado em riqueza. É nesta contradição em que a natureza passa a ser propriedade privada, aprimorada a partir da dominação de classes. A relação se dá entre os burgueses, proprietários dos espaços privados e os proletariados, a força de trabalho que desenvolvem funções alienantes. Sobre esta alienação, Moreira (1985, p. 78) afirma ser a reprodução de todas as instâncias da sociedade capitalista: “aliena-se o ser humano da natureza, dos produtos, do saber, do poder e dos próprios seres. Se o poder sobre os seres humanos nas sociedades naturais funda-se pelo controle da terra, sob o capital o poder situa-se pela alienação do trabalho”.

Diante da exploração indiscriminada dos recursos naturais, da desigualdade social e exploração humana como mercadoria, o planeta Terra pede a conta, a qual não parece ser barata. Mudanças climáticas e aquecimento global são termos científicos que se traduzem em: inundações, secas, calor intenso, degelo, aumento e aquecimento dos oceanos, branqueamento das algas, extinção dos seres vivos e vidas humanas ceifadas, desalojadas, desabrigadas, dentre outros. As catástrofes ambientais não são naturais, como a burguesia neocapitalistas querem reafirmar por meio da negação aos problemas ambientais, mas sim, um atestado de catástrofe social, gerado pelo sistema de produção e retroalimentação no acúmulo do capital, ou seja, “constitui-se num dos aspectos desse mundo às avessas que a alienação mercantil e capitalista do ato social de trabalho instituiu” (Bihl, 1998, p. 129).

Na visão antropocêntrica, o ser humano se autodetermina como “dono de todas as coisas”, juntamente com o pensamento negacionista climático, hoje, à realidade socioambiental e comportamentos sociais como guerra, racismo, pobreza e riqueza são justificadas como eventos naturais e atributos comuns à vontade de Deus (Smith, 1987, p. 33-34). Sabe-se que são eventos disseminados pelo próprio ser humano na busca pelo poder. Assim como os eventos climáticos, os quais numa constante negação são definidos como ações alusivas à própria natureza, alienando cada vez mais e retroalimentando uma sociedade desumanizada dentro do jogo que representa: a) capitalismo versus natureza; b) ser humano versus ser humano; c) riqueza versus pobreza e d) mulher versus homem.

As recorrentes tragédias ambientais e climáticas obrigam a sociedade civil, a classe burguesa empresarial, que detém o poder destruidor nas mãos, a repensarem algumas ações, mesmo não sendo prioridade para eles. O discurso orquestrado para manter o *status quo*, de negação sobre os conflitos socioambientais afeta classe, raça e gênero que vivem em lugares e casas irregulares e com zero direito à qualidade de vida, copos invisíveis racializados, mães e domésticas, as cuidadoras, mulheres necessárias à existência do outrem. A segregação da humanidade de suas condições naturais de existência não é “natural”, mas histórica (Oliveira, 2002, p. 05). A essa realidade, em que as relações sociais de produção promovem a injustiça ambiental, como o sentir distinto às catástrofes ambientais, o olhar insuficiente do poder público e privado à camada mais vulnerável da população, avoluma, ainda mais, as crises ambientais e sociais.

Intitulado como um grande desafio, os problemas socioambientais causam maiores impactos na sociedade de países em desenvolvimento, moradores invisíveis que residem nas periferias, favelas e ribeirinhos, sem dúvida, são os mais afetados. Dados

recentes segundo o relatório *Women in Finance Climate Action Group* mostram ainda que na maioria das vezes, as pessoas são obrigadas a abandonarem suas residências por conta dos efeitos relacionados aos desastres ambientais, sendo que destes, 80% são mulheres. (Matheus, 2022, p. 12). Essas sendo as mais impactadas pelas mudanças climáticas. Segundo um artigo publicado na Folha de São Paulo (2021), um estudo realizado pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Coimbra (Portugal), o aquecimento global compromete a temperatura corporal, por conta das mudanças de hormônios reprodutivos, referente à expectativa de vida e fatores psicológicos na mulher, além do câncer de pele, pela falta de cuidado e uso do protetor solar.

O Censo Demográfico de 2022, apesar de mais da metade da sociedade brasileira ser composta por mulheres, na qual existem “cerca de 6 milhões de mulheres a mais do que homens; 51,5% mulheres a 48,5% homens”. Esses dados, quando divididos considerando raça, como mulheres negras e não negras, é possível obter informações claras, as quais, infelizmente, confirmam a desigualdade racial, de gênero e de classe na sociedade brasileira (IBGE, 2022).

Segundo dados do 2º trimestre de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE), a população brasileira é composta por 48,9% de homens e 51,1% de mulheres. Por sua vez, a população negra corresponde a 55,8% dos brasileiros ocupando algum tipo de trabalho desprotegido; desses, temos 47,5% mulheres negras, enquanto mulheres não negras 34,9%. Com relação à ocupação de cargos de direção e gerência temos em nível nacional, 2,1% mulheres negras e 4,7% mulheres não negras. Rendimento médio mensal 1.715 mulheres negras, enquanto 2.774, mulheres não negras (IBGE, 2022).

Uma recente pesquisa doutoral afirma que “mulheres negras são diagnosticadas com câncer mais tarde porque não têm tempo para realizar os exames. Muitas são diaristas, arrimo de família, não têm carteira assinada e não podem perder um dia de trabalho para ir ao posto de saúde, que funciona de segunda a sexta-feira, em horário comercial” (Lemos, 2023).

Sobrecarregadas de demandas domésticas, maternas e econômicas, as mulheres são as que mais sofrem as injustiças ambientais de forma diversas, desde a submissão à moradia irregular, às mudanças bruscas de lugares quando seu teto é atingido por catástrofes ambientais ou, ainda, a mais cruel realidade: a perda de algum membro familiar. As mulheres continuam sendo as mais impactadas pela complexidade socioambiental vigente, instaurada “desde o início da Revolução Industrial” (Silva, 2014,

p. 249). Entretanto, apesar desse panorama, as mulheres pouco são ouvidas em eventos pelas causas ambientais, como a Conferência do Clima, tampouco possuem a devida proporcionalidade representativa de gênero nos postos de liderança.

Enquanto intelectual à frente de determinadas demandas como a socioambiental, a mulher, muitas vezes, não é ouvida nesses espaços, pela prerrogativa do patriarcado, do preconceito por gênero, raça e classe. “Todas as vozes femininas precisam ser escutadas: da princesa a quilombola, da analfabeta a intelectual se quisermos uma sociedade inclusiva e equânime” (Matheus, 2022, p. 18). Ao mesmo tempo, propositalmente, não se permite ouvi-las, para não abrir espaço de luta coletiva por melhoria nas condições de trabalho, optando por deixá-las na invisibilidade da pauta. O fato é que por uma questão estrutural do machismo e racismo, algumas vozes podem ser legitimadas ou silenciadas.

2.3 Relação de trabalho das mulheres, invisíveis ao capital

As alterações ocorridas no mundo do trabalho como, a informalidade, o desemprego, a terceirização e a feminização, se converteram em mudanças sociais interseccionais expoente à divisão de classe, gênero e raça. Como consequência, o avanço tecnológico, a substituição ou a recolocação do ser humano por máquinas, a precarização das relações de trabalho, condições e reorganizações das indústrias e nos setores de serviços, condicionando o ser humano a sujeição de trabalho, cada vez mais desumanizado que controla a vida do ser. A precarização na relação de trabalho se mostra cada vez mais acentuada na sociedade desigual brasileira.

Antunes (2011, p. 405-407) afirma que como resultado das transformações e metamorfoses nos países capitalistas, estamos diante de um intenso e significativo processo de informalização e precarização da classe trabalhadora. O capitalismo se apropria do discurso ideológico e político para mascarar ações de domínio social alienantes, como o trabalho atípico, fora dos padrões de proteção social (Vasapollo, 2006), os trabalhos terceirizados (com sua enorme gama e variedade), o “cooperativismo”, o “empreendedorismo”, o “trabalho voluntário”.

Dessa forma, as mudanças sociais, econômicas e políticas implementadas pelo neoliberalismo celebram o lucro, “mascarado por muita retórica sobre liberdade individual, empreendedorismo, autonomia e responsabilidade”, mas ignora o peso do cansaço humano. [...] “O capital não é uma coisa, mas um processo de relação social de produção baseada na exploração do trabalho em que o dinheiro é perpetuamente enviado

em busca de mais dinheiro" (Harvey, 2011, p. 15- 40). Os quais, tiraram os direitos das trabalhadoras, proletarizadas e dos corpos invisibilizados, transformadas em mão de obra maquinizada, com um detalhe, sem direito a descanso.

Uma das formas de inserção ao trabalho informal temos as cooperativas que, em sua origem, nasceram como instrumento de luta operária contra o desemprego e o fechamento de fábrica. Hoje, entretanto, contrariamente a essa autêntica motivação original criam falsas cooperativas como instrumento importante para depauperar ainda mais as condições de remuneração da força de trabalho e aumentar ou níveis de exploração (Antunes, 2011, p. 411).

Sobre a cooperativa, apesar de não se fazer parte da realidade das mulheres participantes da pesquisa, é possível abordá-la enquanto mudança na relação de trabalho a nível nacional que, diante o sistema capitalista, muitas, se fragilizaram como as cooperativas das catadoras de materiais recicláveis, que apesar de ser uma organização essencial à demanda organizacional de trabalho, as catadoras não são incluídas como construtoras fundamentais de direitos no processo de reciclagem, mas apenas como mais uma mão de obra dentro da visão do lucro e super lucro para a empresa, perpassando à contínua exploração humana do capital.

O Empreendedorismo, termo que desponta a partir do discurso ideológico como uma nova prática de sucesso profissional, elenca nas relações sociais, midiáticas e educacionais, como um trabalho autônomo, livre da exploração mecânica do serviço. Entretanto, o empreendedorismo não passa de uma configuração oculta de trabalho assalariado, subordinado, precarizado e instável de última geração que mascara a dura realidade da redução do ciclo produtivo. Uma nova marginalização social e não de um novo empresariado (Vasapollo, 2006, apud Antunes, 2009, p. 50).

Ainda, sobre uma outra configuração de trabalho precarizado que condiciona a perda de direitos e de garantias sociais, na atualidade, é à tendência da flexibilização, desregulação da relação de trabalho. A essa nova condição, a força de trabalho é deixada completamente descoberta, tanto na atualidade, quanto no futuro, já que não são assegurados os momentos da não-ocupação e demais direitos. A diminuição do salário e o aumento da carga horária devem ser entendidas como liberdade da empresa e nunca do funcionário. A flexibilização ou terceirização não passa de mais um modelo de desregulamentação de trabalho, ultimamente uma das formas atuais de contratos empregatícios flexível e de manobra ao trabalhador e trabalhadora.

A classe trabalhadora definida por Antunes, (2008, p. 11) como “a totalidade de assalariados e assalariadas que vivem da venda da sua força de trabalho, despossuídos dos meios de produção” ao mesmo tempo que são essenciais ao sistema capitalista vigente, não são valorizados, os quais são impulsionados, mas não para as melhores condições de vida. Ao contrário, a força de trabalho será sempre uma mercadoria que alarga o cenário de crise humana, acrescido pelo desemprego estrutural, a informalidade, o declínio dos direitos e a precarização na relação de trabalho.

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI estamos diante de outras modalidades e modos de ser da precarização, próprias da fase da flexibilização *toyotizada* com seus traços de continuidade e descontinuidade em relação à forma *tayloriana-fordista*. Por meio dos múltiplos processos de informalização e de precarização da força humana de trabalho, Antunes (2011, p. 415-416) assegura que houve a redução do tempo de vida útil dos produtos atrelado ao aumento da produção de lixo, visando aumentar a velocidade do ciclo reprodutivo do capital, a feminização do trabalho, não como uma abertura à capacidade intelectual das mulheres, mas como um serviço segregado e semelhante aos serviços domésticos, inclusive com diferenças salariais entre o ser masculino e feminino.

Assim, traços constitutivos da acumulação do capital como o discurso camuflado da necessária qualificação ao trabalho, quando esse, muitas vezes, não é considerado na prática, a diminuição de trabalhadores, empresas enxutas, a coisificação do ser humano comungado ao desemprego estrutural, torna cada vez mais permanente à flexibilização liofilizada, responsável pela desconstrução monumental dos direitos sociais do trabalho e pela generalização das novas modalidades de precariedade.

2.4 Relações de gênero, classes sociais e raças: o nó da desigualdade

A participação da mulher nos espaços de trabalho produtivo pode ser considerado um avanço, entretanto, dentro do sistema capitalista não acontece desta forma. A herança cultural destinada à mulher como aquela reproduutora, cuidadora, incapaz e responsável unicamente pelos fazeres domésticos se perpetuam duramente na sociedade. Até hoje, isso significa que o avanço profissional não veio destituído do tradicional papel circunscrito ao trabalho doméstico e de mãe, principalmente, sem nenhuma mudança na divisão do trabalho de casa.

É importante compreender que as construções de papéis da mulher são retrabalhados no capitalismo. E que a estrutura de poder que situa a mulher, muito abaixo dos homens em todas as áreas de convivência está relacionada ao conceito de patriarcado, o qual não poderá ser mascarado, muito menos neutralizado como socialmente se estruturaram. “O machismo vai de par com o capitalismo. Há um laíme necessário entre a forma mercantil e a forma da família monogâmica heterossexual e reprodutora” (Mascaro, 2013, p. 67).

A feminização do mercado de trabalho não é causal, mas funcional à acumulação, consequência de uma crise do capital, do desemprego estrutural e de novos conceitos de trabalho, dentre eles, o trabalho informal. Sendo assim, a ascensão da mulher no mercado de trabalho chega juntamente com diversas contradições, desde a colocação da mulher no grau excessivo de trabalho, somando o trabalho reprodutivo e doméstico, o qual diante à sociedade patriarcal trata-se de uma ação naturalizada ao trabalho produtivo desenvolvido publicamente, os quais, representam elementos potencializadores para a sobrecarga e adoecimento das mulheres.

A informalidade no mercado de trabalho é algo que produz a fome. A reforma trabalhista produz fome e a reforma previdenciária produz fome, segundo o geógrafo José Raimundo, que estuda a fome há mais de vinte anos, coordenador da pesquisa sobre situação alimentar, e assim perpetua o ciclo na dinâmica seguinte: “A pessoa que não tem certeza se vai ter o que comer ela se submete com mais facilidade a trabalhos precários” (Bataier, 2024, p. 02). Baseado numa pesquisa recente na maior e mais rica cidade do país, São Paulo, os dados informam o retrato da desigualdade em que 5,8 milhões de pessoas têm dificuldade para ter acesso à alimentação saudável e variada, enquanto 12,5% da população passa fome (Bataier, 2024, p. 01).

Os direitos das mulheres, derivados da luta feminina, nas mais diversas esferas não se constituem direitos permanentes, mas frágeis e suscetíveis a questionamentos, mudanças e retrocessos, principalmente ao considerar a bancada congressista masculina e misógina dos que criam e aprovam as leis; sobre essas exige-se uma vigilância constante.

A mulher chega ao mercado, por meio de jornadas parciais e trabalho flexíveis, como sendo uma necessidade de mão de obra mais barata que ajuste a terceirização, a redução de horário e a força de trabalho ainda doméstica, mudando apenas os espaços de efetivação. Por sua vez, a mulher, matriarca da família, sendo a única que realmente se debruça para assistir os seus, se submete à mão de obra temporária, informal sem

qualquer garantia, como o trabalho das catadoras de material reciclável, esse mesmo imbuído de honestidade e dignidade da trabalhadora que enfrenta escassez de direitos e condições mínimas à realização daquele trabalho.

Como afirma Oliveira (2020, p. 246), “A feminização do trabalho não pode ser compreendida como um caminho emancipador, pois trouxe às mulheres uma tripla jornada de trabalho pela simbiose entre o trabalho fora de casa com o reprodutivo do lar e do cuidado em geral”. Sobre o projeto de Lei 111/23 torna obrigatória a equiparação salarial entre homens e mulheres, um dos problemas explorados dentro do contexto desigual de gênero. Contudo, a própria Constituição Federal 1988 já traz no artigo 5º, a igualdade de direitos independente de raça, sexo, origem, idade e etnia. As leis internacionais e a Agenda 2030 se posicionam também, sobre igualdade de gênero, inclusive por meio do objetivo 05 “alcançar a igualdade de gênero, a fim de empoderar todas as mulheres e meninas” (VII Relatório das ODS, 2023, p. 15). Compreende-se a importância das leis, acordos, propósitos, entretanto, para que a mulher alcance novos ideais, exige-se ações efetivas, fiscalizadas, divulgadas e respeitadas por todos e todas, o que, infelizmente, não tem ocorrido por descaso e divisão sexual de trabalho.

A mulher é uma categoria basilar para todas as formas de discriminação, pois se constituem as mais vulneráveis à informalidade, aos empregos domésticos, aos baixos salários. “A precariedade hegemônica da inserção feminina no universo do trabalho é um ‘mal necessário’ à acumulação flexível” (Oliveira, 2020, p.246), sendo sempre as primeiras e as mais atingidas na crise socioambiental, estrutural e identicamente civilizatória com padrões de feminilidade estético, comportamental e social, das quais exige-se jovialidade produtiva. Na contramão, o discurso da elite e do poder governamental naturalizam as dores das mulheres, sendo comum receberem o adjetivo ‘guerreira’ como se houvesse na sociedade patriarcal a possibilidade de escolhas em ser ou não guerreiras, mesmo que para elas custem a saúde mental e física.

Em função da divisão sexual do trabalho, as mulheres já entram em desvantagem nas atividades remuneradas. Para agravar a situação, os postos de trabalho assumidos pelas mulheres são, hoje, os mais precários, como por exemplo: no setor informal (comerciantes ambulantes, catadores de lixo, revendedoras em domicílio e no trabalho domicílio; (no trabalho terceirizado: empresa de limpeza[...] (Ferreira, 2007, p.76.)

Sendo assim, as mulheres carregam a partir da divisão sexual da precariedade do trabalho, as relações de alienação e de domínio ideológico vivenciada pelos homens

capitalistas patriarcais. Não há, nos mais diversos casos, a opção de escolha por parte da mulher; ao contrário, dentro de uma visão altamente machista e conservadora, nas entrelinhas sociais ela nasceu para servir. O trabalho doméstico se caracteriza pela produção de valores de uso diretamente consumidos pela família, contudo o fruto do seu trabalho não circula no mercado por não ser considerado trabalho na ótica capitalista (Saffioti, 1976). Falas “imperialistas” masculinas como: “Ela não trabalha, ela é apenas doméstica”, faz parte de um discurso que sempre se perpetuou no pensamento ocidental, mesmo que o trabalho da mulher seja essencial para a reprodução da força de trabalho e para a acumulação do capital.

O cotidiano atravessado pelo peso unicamente, por ser mulher, reporta a história contada pelo ser masculino e embricada nas categorias sociais de classe, diferenças de gênero/sexo e etarismo, religião e racismo, este representado pela letra da música de uma mulher negra (Elza Soares, 2002) que em forma de protesto repete por várias vezes “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, a esse verso poderia ser acrescido ainda, [...] a carne da trabalhadora, [...] a carne da mulher. Palavras duras? Talvez. Entretanto, necessárias.

As mulheres aqui referidas, não são iguais, as quais, por muitas vezes, foram esquecidas por mulheres brancas, quando no âmbito do ativismo feminino não levou em consideração os anseios e histórias das mulheres negras; pelo contrário, silenciaram-nas, segundo o movimento feminista antirracista de 1989 de Kimberlé Crenshaw. Compreende-se que a mulher sofre com as explorações associadas às apropriações do tempo, do corpo e do trabalho não pago, além de ser bem mais desafiador a superação acadêmica, econômica, enfim, a realização pessoal e profissional.

Há uma realidade dialética construída entre os corpos eficientes da burguesia neoliberal e os corpos exaustos das mulheres negras (Vergès, 2020, p. 19). Assim como o trabalho doméstico faz parte de uma invisibilidade social, a vivência da mulher racializada na ciência europeia passa despercebida, inferiorizada e desprovida de conhecimento. “Vivifício-me eu mulher e teimo, na vital carícia de meu cio, na cálida coragem de meu corpo, no infinito laço da vida. Que jaz em mim e renasce flor fecunda,” (Evaristo, 2021, p. 29). Portanto, mesmo diante das contradições, o empoderamento feminino não universalizado externaliza a mulher teimosa, corajosa e que renasce enquanto flor fecunda, gritando ao poder por meio da escrita, “que sem mais tardar, se ponha a ouvir e a atender as nossas necessidades” (Evaristo, 2021, p. 41).

Sem a pretensão de romantizar a mulher dentro dos grandes desafios estabelecidos, mas compreendê-las por meio da essência humana, expondo características descartadas pela sociedade capitalista e patriarcal. O capitalismo, como sempre, se apropria do discurso feminino, distorcendo o propósito dos movimentos feministas, posicionando as mulheres versus homens, o trabalho externo como um favor a mulher, contribuindo para a “tão sonhada independência”, o que na realidade, não a representa; ao contrário, dentro dos movimentos desenvolvidos até os dias atuais, trazem-se nas várias vertentes a valorização da mulher no contexto social, como um todo, compreendendo que a mulher não é homogênea, muito menos a sociedade que a rodeia, e mais, a independência da mulher está longe de acontecer, o que ocorre é uma sobrecarga, a mulher precisa dar conta de tudo e de todos, propícia aos julgamentos e descrença na própria capacidade intelectual.

A diversidade precisa ser revelada, partindo da mudança interior, propulsora dos direitos humanos, de justiça e oportunidade a todas as mulheres negras, mães, estudantes, pobres, domésticas, dentre outras. Ultimamente, o feminismo negro se opõe ao feminismo civilizatório, ao trazer histórias decoloniais, almejar as conquistas sociais por meio de muita luta coletiva e visionária de enfrentamento a toda estrutura social patriarcal e racista. Por conseguinte, a feminização do trabalho ainda não é considerada um mérito, uma emancipação, visto que há muito mais contradição, desregulamentação na relação de trabalho do que propriamente o reconhecimento e competência da mulher nas mais diversas experiências sociais possíveis, inclusive, os políticos e decisórios.

A desigualdade socioeconômica é caracterizada pela disparidade na distribuição de renda e no acesso à direitos básicos entre grupos sociais. Esse contraste deriva-se de “fatores históricos, ausência de políticas públicas adequadas e, especialmente, da concentração de capital”. É importante salientar que a crise climática é uma questão relacionada à desigualdade, tanto nos impactos como em sua causa” (Instituto Ar, 2023). Configura-se na centralidade da riqueza para poucos, em que países ricos são os principais poluentes e emissores de gases efeito estufa e os que menos sentem a crise climática. Adverso, quanto mais vulnerável for a população, mais sofrerá os impactos ambientais. Mesmo não sendo os principais causadores da degradação ambiental, esses sofreram com as perdas de bens materiais, vidas humanas, medo, ansiedade, desemprego, dentre outros (Instituto Ar, 2023).

Mas afinal, de qual desigualdade está se falando? Da falta de igualdade de direitos socioambientais que é constatado a partir de indicadores econômicos como: desigualdade

de renda, desigualdade de emprego, desigualdade nas condições de moradia e desigualdade no acesso ao alimento. Estes são analisados normalmente pela renda per capita, enquanto base econômica e pelo Índice de Desenvolvimento Humano, indicadores de qualidade, expectativa de vida, acesso à educação, enfim, os indicadores sociais.

A partir dos anos de 1980 com a ampliação das desigualdades em nível mundial avançam as discussões sobre mecanismos de reprodução do capital. Quais seriam as contradições integrantes do nó da desigualdade? Segundo Saffioti (2015, p. 133) o nó, denominação elencada por ela, significa subestruturas como gênero, raça e classe, contradições que se entrelaçam à informalidade, à instabilidade de trabalho ou desemprego, condicionando à novas realidades de maiores índices de insegurança alimentar, concentração de pobreza nas grandes, médias e pequenas cidades, moradores de áreas rurais e população de rua.

Sem a pretensão de aprofundar no estudo de gênero considera-se essencial elencar de forma sucinta o conceito de gênero, enquanto diferenças sociais e biológicas entre homem e mulher. “O conceito de gênero é muito recente na historiografia, surgindo, mais especificamente, na década de 1980,” como indagação às questões referentes às práticas dominadoras e discriminatórias baseadas na natureza dos corpos (Campos e Silva, 2017, p. 92-93). Afinal, “saber de si é ver potência em quem se é” (Borges e Gomes, 2023, p. 16), sobretudo numa sociedade que traz, enquanto herança, as regras que regulam a existência humana dentro de padrões hegemônicos, classicistas e raciais.

2.5 Entre mulheres: o trabalho da catadora de material reciclável

A contradição presente entre aquela que descarta e aquela que recolhe está a mulher em suas mais diversas funções. Como nos mostra o IBGE (2019), das 11 milhões de famílias chefiadas por mulheres, 68% são pretas e pardas, e dessas, 63% estão abaixo da linha da pobreza, as quais exercem a função de provedora, cuidadora, trabalhadora, catadora, o que para algumas, custa até mesmo, se reconhecer como mulher. Segundo dados recentes, “as mulheres dedicam 11 horas semanais a mais do que os homens nas atividades domésticas e nos cuidados não remunerado” (IPEA, 2023).

O Brasil ocupa o 2º lugar entre os países com o maior número de jovens que não trabalham e nem estudam. Em primeiro lugar, está a África do Sul. De 7,1 milhões de jovens brasileiros que não estudam e nem trabalham, 60% são mulheres (a maioria com filhos pequenos) e 68% são pretos e pardos (OCDE, 2023).

É importante considerar que números como esses traduzem a realidade e reproduzem a desigualdade a longo prazo. Uma verdadeira engrenagem negativa para a realidade feminina, ou seja, nos mais diversos momentos “a possibilidade da escolha é socialmente condicionada” (Loureiro, 2019b, p. 28). Desmistificando a ideia de que “lugar de mulher é onde ela quiser!” visto, que em muitas realidades, não existe escolhas sem considerar as relações sociais a qual pertencem. Dessa forma, a meritocracia, um discurso capitalista e reducionista em que tentam afirmar que “é só querer, fazer a sua parte, que a mudança ocorrerá”, desconsideram todos os entraves sociais que são postos à sua frente. Não há homogeneidade na sociedade capitalista, há uma disputa, uma concorrência, que sempre, acaba sendo desleal com as mulheres substantivadas ou adjetivadas negras, mães solteiras e pobres.

Neste sentido, enquanto modalidade de trabalho feminino, a profissão de catadora de materiais recicláveis aumentou significativamente, justamente pela discrepância de oportunidades nos espaços de trabalho e reconhecimento dessas mulheres como seres capazes intelectualmente e de direitos iguais, inclusive a uma educação permanente e de qualidade.

Ser catadora é ser uma profissional que designa um trabalho de grande relevância socioambiental. Enquanto agente transformadora, sua função diária é recolher entre os rejeitos, materiais considerados úteis ao processo de reciclagem, selecionar e comercializá-los. Entretanto, em que condições ocorre a prática de trabalho das catadoras? Principalmente por se constituir um trabalho informal, instável e precário pelas condições desumanas que ocorrem, aproximando de uma prática análoga à escravidão.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição [...] (Brasil, 1988).

Destarte, apesar da mulher, ser um ser de direitos e a legislação supracitada afirmar no Artigo 1º, a igualdade de direito, contudo, na vivência social dessas mulheres há um grande distanciamento desde a prática velada do preconceito, até o ponto mais crucial de uma sociedade capitalista: a violência contra a mulher. A desigual economia, as deixam em situações de vulnerabilidade humana, ao ponto de agregar ao seu cotidiano, um trabalho honesto, porém complexo como catadora de materiais recicláveis no lixão a

céu aberto, sem proteção e sem direitos trabalhistas (Medeiros; Macedo, 2006, p. 63). Faça chuva ou faça sol, doente ou com saúde, estas mulheres só terão o que comer se buscarem no lixão.

Nesse sentido, o trabalho com os recicláveis abarca tanto os aspectos positivos quanto os negativos e abrange relações ambíguas que direcionam para uma fronteira que demarca a valorização e, ao mesmo tempo, a desvalorização de pessoas que desenvolvem suas atividades laborais nesse setor de produção (Medeiros; Macedo, 2006, p. 66). A visão positiva seria a possibilidade de sobrevivência dessas mulheres com suas respectivas famílias, as quais se encontram excluídas perante a sociedade. Ser catadora é fazer parte de uma identidade de grupo, bem como uma força necessária para enfrentarem as adversidades existentes na relação de trabalho na catação, inclusive a prática de preconceito, enquanto conotação negativa, elaborada e dirigida a imagem das mulheres catadoras (Campos e Silva, 2017, p. 99) quase que as relacionando à inutilidade dos rejeitos esquecidos pelo tempo.

Apesar da importância do trabalho das catadoras de materiais recicláveis, esse segmento sofre o descaso e desafios atribuídos. As catadoras de materiais recicláveis foram “reconhecidas na categoria profissional, oficializada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), no ano de 2002”. Enquanto catadoras, desenvolvem atividades como a catação, a seleção e venda dos materiais recicláveis como plástico, alumínio, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

A visão meritocrática da sociedade oculta o fato de que “as lutas são integrais na existência material e histórica, no modo como uma sociedade se estrutura, distribui a riqueza social, legitima verdades e culturas, confere direitos e organiza o estado” (Loureiro, 2019a, p. 33). Neste sentido, o modelo social atual reflete, justamente, a discrepância dessa falta de organização. As oportunidades se diferem de acordo com a realidade de classe, raça e gênero, existindo uma linha tênue entre querer e poder, principalmente, a partir de heranças escravocrata, patriarcal e racista como ocorre com grande parte das mulheres. Desde a construção humana, reforçado pela tríade de opressões estruturais é atribuída à mulher um limite subjetivo e social, realidade na qual Pinheiro (2023, p. 20) chama a atenção sobre “a importância da representatividade: onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”.

Condizente à afirmativa filosófica, “o desenvolvimento de uma sociedade se mede pela condição da mulher” (Fourier; Marx; Engels *apud* Saffioti, 2015, p. 102). Como se encontram a(s) mulher(es) na sociedade atual? Segundo informações divulgadas pela

Agência Brasil (2025), as mulheres são responsáveis por 49,1% dos lares brasileiros, um aumento significativo desde 2010, sendo que ainda em dez estados esse percentual supera os 50%, incluindo os estados de Sergipe e Bahia. A partir dos dados, pode-se afirmar que as mulheres vivem um descompasso social, não de autonomia, mas de sobrecarga, hiper-responsabilidade, desconsiderando qualquer subjetividade humana.

Sobre a racialidade da mulher, essa desempenha um papel altamente negativo, que surge mediante a imagem que lhe foi atribuída à forma de superexploração humana, confirmada pelos dados em que 43,8% das mulheres responsáveis pela família são pardas. Desprovida de direitos, inclusive à educação com permanência, relegada à ocupação “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, por temporada, (Gonzalez, 2020, p. 58) com carga horária de trabalho excedente, baixa remuneração, o verdadeiro trabalho precário (Antunes, 2008, p 08) e invisível ao olhar social e de direitos trabalhistas, as mulheres negras nunca tiveram o lugar de fala, visualizadas a partir do estigma transferido do processo escravocrata de inferioridade até os dias atuais.

As mulheres brancas, apesar das dificuldades definidas pela classe, diante do estorvo patriarcal, algumas foram privilegiadas, inclusive dentro dos movimentos feministas antiescravagistas. O que para Davis (2016, p. 109), de acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Entretanto, o anseio por liberdade, empoderamento e conhecimento, sempre fez parte da luta das mulheres negras, inclusive como é comprovado pelo “discurso feito por Sojourner Truth em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, em 1851.

Com seu inegável carisma e suas poderosas habilidades como oradora, derrubou as alegações de que a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio e fez isso usando uma lógica irrefutável. O líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassesem votar já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem (Davis, 2016, p. 71-72).

Nesse momento, Sojourner Truth, mulher negra, levanta-se e afirma que nunca havia sido ajudada a pular poças de lama ou a subir em carruagens. Não sou eu uma mulher? Questionando as autoridades masculinas e chamando a atenção das mulheres brancas com sua voz firme e convicta, convocando olharem-na e ver uma mulher, negra, resistente e resiliente, como exigia o presente momento. Hoje, a voz da mulher negra demora ser ouvida, soa ainda estranha à sociedade burguesa, imagine nos primeiros

movimentos feministas em prol do direito ao voto, à educação, à liberdade de ir e vir, numa sociedade altamente patriarcal e preconceituosa que não costuma narrar as histórias do ponto de vista da mulher negra, mas priorizando a ascensão do branco europeizado.

Em discurso de improviso a questionadora da categoria mulher universal, Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro ao indagar um público de homens e algumas mulheres brancas *E eu não sou uma mulher?*” (Akotirene, 2019, p. 17). Neste sentido, o discurso simboliza uma crítica à sociedade segregacionista que traça o perfil da trabalhadora invisível, no entanto, é ela que enriquece um país a partir da contínua servidão capitalista. Como afirma Pimentel (2007, p. 6), “a sociabilidade burguesa precisa do trabalho alienado para o processo de acumulação de riqueza, pois é através da exploração da força de trabalho da classe trabalhadora e do seu processo de desumanização que o capitalismo acumula e se reproduz”.

Como ainda, esclarece a autora:

No pensamento de vanguarda de Sojourner Truth, raça impõe à mulher negra a experiência de burro de carga da patroa e do marido. Para a mulher negra inexiste o tempo de parar de trabalhar, vide o racismo estrutural, que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração, infantil, porque deve fazer o que ambos—marido e patroa — querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica (Akotirene, 2019, p. 17).

Essas mulheres tiveram todos os aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório” até os dias atuais” (Davis, 2016, p. 17), visualmente por meio da interseccionalidade existentes que corroboram com a perpetuação da desigualdade, segregação e contínua desvalorização da mulher. A feminização do trabalho no Brasil e no mundo surge e se mantém dentro de contradições trazidas pelo capitalismo, a qual se perpetua com a privatização e descaracterização das leis trabalhistas. Carga horária excessiva, desigualdade salarial e exercício de trabalho análogo à escravidão, este sempre direcionado à mulher negra, torna-se impossível falar da nova formatação de trabalho, cada vez mais árida e geradora da pobreza, sem expor sobre raça. Visto que, por mais que queiram negar o racismo, esse se apresenta de forma assídua na realidade brasileira.

O sistema capitalista é classificado como um modo de produção economia que produz lixo. Lixo que desaparece aos olhos de quem tem direito a uma vida de qualidade, evidencia que os problemas socioambientais, crise climática, aquecimento global não se constituem uma preocupação de todos e todas, principalmente os empresários, a elite burguesa com a escalação dos combustíveis fosseis, a transição energética, enquanto

discurso dos governantes, ou seja, há omissão dos principais causadores dos problemas que poderá custar muito caro à sociedade civil menos favorecida, a classe trabalhadora, aos quais já habitam às margens da sociedade.

Há os corpos que limpam a sujeira e os que fazem a sujeira, corpos femininos/objetos, outros corpos privilegiados de direito. Em outras palavras, a mesma economia de produção de lixo é inseparável da produção de seres humanos fabricados como sucatas, como lixo” (Vergès, 2020, p.127). Realidade ambiental também comprovada por dados da ABRELPE (2022) de que o Brasil produz por ano 82,5 milhões de toneladas de resíduos. E ainda, segundo o “Banco Mundial o cenário do lixo vai piorar nos próximos trinta anos, com expectativa de aumento de 70% no volume de lixo produzido pelo mundo” (Ecocircuito, 2018).

Concernente ao cenário acima, o trabalho da mulher que sempre exerceu a limpeza como prática de cuidado, passa a ser superexplorado, invisibilizado e propício ao desgaste do corpo feminino, a serem vítimas de doenças, debilidades e deficiências pelo excesso e constante esforço do corpo, desconsiderando o próprio limite humano.

Compreender que há uma humanidade que realiza o trabalho doméstico, de limpeza e cuidado ainda não acontece, haja vista que mulheres são invisibilizadas e exploradas na sociedade capitalista patriarcal. Essa mesma mulher foi imbuída de cuidar, inclusive, não precisando receber pelo serviço. Enfim, uma construção cultural cômoda à masculinidade, de que cuidar é coisa associada à mulher.

O cuidado é um trabalho de manutenção da vida que envolve muitas horas e tempo dedicado, o qual é mal pago e gera um esforço invisibilizado, logo possibilita uma relação de abuso de poder, menos tempo para participar de questões públicas, desenvolvimento pessoal, interditando oportunidades de futuro (Laboratório Think Olga, 2020, p. 02-06).

É importante observar a divisão racial entre mulher branca e negra na realização do trabalho. A raça acaba sendo um fator determinante para o tipo de trabalho a ser exercido, e historicamente, a mulher negra encontra-se sempre na linha de frente na tarefa de cuidar, ou seja, baseado no cruzamento de opressões de raça, classe aliadas à de gênero, herança do período escravocrata conectada à forma como a economia do cuidado é organizada até hoje.

A classe trabalhadora e/ou classe cuidadora que cuida dos outros seres humanos, animais e plantas, enfim do meio ambiente, função delimitada socialmente à mulher, tornou-se fundamental para a manutenção do poder do capital, como estratégia de mascaramento para que a trabalhadora aceite as condições intrínsecas ao cuidado,

enquanto algo normal (Costa, 2018, p. 173), inclusive sem remuneração, como se não se constituísse em doação de tempo, renunciante da própria vida. Portanto, é preciso repensar a relação de trabalho da mulher, o trabalho de limpeza, essencial à perpetuação da classe dominante, colocando-as em primeiro lugar e combatendo a economia do desgaste, essa baseada na violência e na arbitrariedade (Vergès, 2020, p.119-120) se retroalimenta da segregação e da superexploração do proletariado feminino.

Dessa forma, não haverá um mundo melhor para as mulheres se não houver movimentos questionadores, transformações radicais que desconstruam a cultura divisória na tarefa de cuidar. Não há mulher guerreira, há mulheres desassistidas socialmente e pelo Estado. Não há paternidade ativa, há obrigatoriedade em se assumir como pai, enfim, é preciso desromantizar as sobrecargas de trabalho feminino, a fim de entender que o cuidado é uma construção coletiva e agênero³.

A insistência histórica de um modelo único de cuidadora na categoria “mulher” tem dentro da complexidade social interferências políticas, culturais e econômicas que precisam ser discutidas nas ciências socioambientais. Por muito tempo, a mulher foi silenciada, submetida a viver apenas no ambiente privado, no escuro da sociedade, das tomadas de decisões, visto que o público pertencia aos homens (intelectuais, negociadores e proprietários); esses eram os verdadeiros senhores dominadores de tudo que existiam, inclusive da mulher. E “Esse era o meu jogo de escrever no escuro [...] a fazer das palavras artificio. Arte e ofício do meu canto, da minha fala” (Evaristo, 2015, p. 43). Só esqueceram de questionar, até que ponto essas mulheres continuariam em silêncio. Até porque a questão nunca se constituiu em situar mulher versus homem, mas hierárquico e moralmente, refletir sobre direitos igualitários da humanidade, algo que, propositalmente, nunca foi alcançado, em especial, pelas mulheres.

A mulher basilar das desigualdades sociais vivencia, historicamente, a experiência de ter sempre alguém a falar por ela, por estar cerceada nos espaços públicos, ou melhor, sempre um homem. Na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, as mulheres foram sendo empurradas para o trabalho reprodutivo e não remunerado, ou melhor, o trabalho doméstico. À luz da psicanalista Iaconelli (2023, p. 41-45), a cada fase da história moderna surgia uma justificativa para manter a mulher naquele espaço reprodutivo; agora seria a tese do desejo sexual feminino incerto, e para não correr riscos de desvio do olhar para assuntos fora do lar, mantinham-se vivos os interesses masculinos.

3 O termo refere-se a uma identidade, uma forma de se ver no mundo e de se construir como sujeito sem as amarras que as definições de gênero podem ter. (UFG - Universidade Federal de Goiás).

A serviço de uma lógica na qual a sexualidade feminina deveria ser inibida para dar lugar à soberania do desejo masculino. Se o prazer feminino está ao alcance do toque sem a necessidade da penetração vaginal, como domesticá-lo para o coito reprodutivo sexual? Esse seria o problema de Freud, dirá Laqueur. A questão sobre o enigma do desejo feminino, Freud responde que o filho, de preferência homem, é a razão última da sexualidade feminina e um substituto sexual legítimo. No lugar da satisfação sexual, o prazer da mulher estaria atrelado à maternidade (Iaconelli, 2023, p. 43).

O maternalismo social nunca foi visualizado como uma proposição inerente à escolha da mulher, até porque não havia esta opção, visto que o próprio método anticoncepcional destinado à mulher surgiu apenas na década de 1960. Ao contrário, perpassava por um longo discurso ideológico que justificava e reiterava o lugar das mulheres, reduzindo-as à função de doméstica não remunerada e de mãe. Neste processo de reprodução, a mulher segue satisfazendo às necessidades exclusivas do ser masculino, inclusive, na inexistência do prazer como forma civilizatória da sociedade, enquanto exercício doméstico, apesar do não reconhecimento como trabalho, tornou-se imprescindível para a consolidação e a manutenção do capitalismo e reprodução social até os dias atuais.

Mas qual sentido tem esse diálogo dentro da relação de trabalho feminino? A incorporação do trabalho de cuidado não ocorreu de repente, se trata de mais uma herança dos períodos coloniais, sobre os quais os homens desenvolviam o trabalho de produção e vida pública, enquanto as mulheres desenvolviam o trabalho de reprodução e da vida doméstica. Sendo assim, seguindo esse modelo, a relação de trabalho da mulher, hoje traz os resquícios dessa opressão, desvalorização e abandono aos interesses femininos, revelando a distância em alcançar a ODS 05 acordada pela ONU na agenda 2030.

A realidade da mulher provém de uma cultura ocidental que segregava, partindo do estereótipo das mulheres “perfeitas”, branca, magras, ótimas para casar, dona de casa, mãe, a reproduutora social, enquanto as demais mulheres negras, pobres, libidinosas, domésticas, talvez sirvam para trabalhar, uma desconstrução emergente, assim como a crise climática, se assim almejar um mundo melhor.

Sobre o ato de cuidar associado ao feminino com a maior inserção da mulher ao mercado de trabalho deverá fazer parte de políticas públicas de valor absoluto humanitário e não mais, exclusivamente, da mulher. A criança, o idoso, a pessoa com deficiência, enfim, todos que necessitam de cuidados, até então, desenvolvidos por mulheres que abdicaram de suas vidas, além do trabalho reprodutivo, vivenciando

cotidianamente a vida do outro e a não remuneração por esse trabalho, hoje, esse contexto já não comporta.

Houve uma mudança efetiva de paradigmas sociais que impôs a mulher a experienciar ações complexas de vida pública e não apenas privada, de produção além da reprodução. Contudo, apesar dos novos papéis incorporados à vida da mulher, prevalece as funções anteriores, exclusivamente destinada a elas, o que na verdade, acarreta uma sobrecarga de funções e de adoecimento físico e mental. O grito a favor de quem cuida não deve ser apenas das mulheres, mas de toda a sociedade.

Classe, gênero e raça são marcadores fundamentais para se pensar o valor atribuído a quem pode ou não ser mãe em nossa sociedade, pois imputa-se a certa classe de genitoras o topo de hierarquia de quem cuida de uma criança. Sejamos mais exatos: trata-se de uma mulher cisgênero, heterossexual, casada, branca, com recursos financeiros (Iaconelli, 2023, p. 26-27).

Esses são padrões homogêneos que reproduzem a desigualdade social, determinando como maternidade padrão-ouro ou padrão primeira classe, realidade que difere da grande maioria das mulheres brasileiras, em específico, às mulheres catadoras de materiais recicláveis.

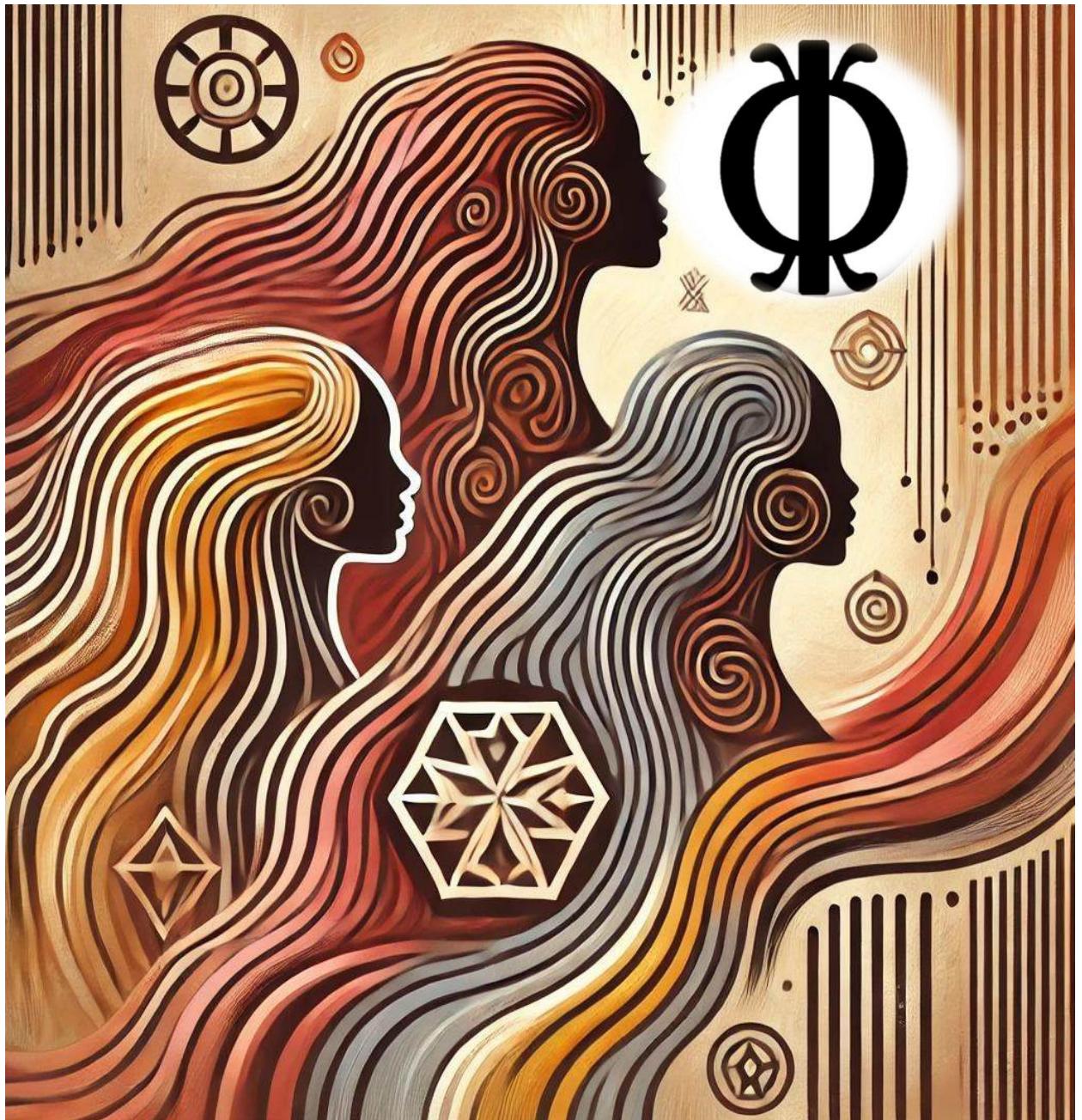
Atravessadas pela classe, racialização e gênero, as mulheres nunca foram e nunca serão homogêneas. A própria desigualdade escancarada no Brasil, a vulnerabilidade da mulher-mãe, ou melhor, a diferença de status do bebê, criança e jovem, o lugar que habita na comunidade, pode migrar facilmente da dádiva para o estorvo.

A precariedade socioeconômica, a violência dentro da família, a falta de perspectiva, a responsabilidade embutida na mulher, na criação e educação de um ser humano é sempre um peso para a mulher, levando-a ao adoecimento mental e/ou culpabilização nessa tarefa árdua e complexa de espalhar “sementes” pelas ruas. “O banzo renasce em mim e a mulher da aldeia pede e clama na chama negra que lhe queima entre as pernas o desejo de retomar de recolher para o seu útero-terra as sementes que o vento espalhou pelas ruas” (Evaristo, 2015, p. 16).

Por tanto, cabe na análise categoria “mulher” dentro da relação de trabalho, o longo processo que reflete de muitas formas o lugar da mulher a partir da interseccionalidade, termo que nasceu no seio do movimento feminista antirracista no artigo de 1989 de Kimberlé Crenshaw, denunciando a sobreposição de formas de opressão.

Nesse entrelaçar da mulher-mãe e doméstica, pode-se concluir que a economia reprodutiva diz respeito às atividades ligadas à manutenção da vida, às tarefas domésticas e aos cuidados dos filhos, maridos e idosos. Ela distingue da economia produtiva, que é remunerada e reconhecida como trabalho. Isso se dá na lógica capitalista da divisão sexual do trabalho, na qual o poder econômico passa a determinar o que é trabalho e o que é invisibilizado como tal. Para a sociedade patriarcal capitalista, ser mulher, basta! Basta para desqualificar e reimprimir o discurso machista emprenhado no eu social.

Seção III



Fonte: Imagem produzida por inteligência artificial a partir da base de Adinkras, com referência a força da mulher

WAWA ABA⁴

⁴ A semente da árvore africana. Representa a dureza, a força e a perseverança contra o adverso, por conta de sua casca inquebrável (Nascimento e Gá, 2022).

3. DO SILENCIO À PALAVRA: A REALIDADE DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO MUNICÍPIO DE CÍCERO DANTAS/BA

Entre a pesquisa e o resultado há um mundo a descobrir e talvez até inatingível. A ânsia pelo conhecimento move o universo, inclusive o da mulher. Foi assim que os encontros entre mulheres ocorreram e trouxeram, por meio de categorias entrelaçadas ao dia a dia de cada uma, um diálogo construído e ainda não finalizado. Trabalho, família, saúde e natureza se apresentam em negrito para chamar a atenção sobre eixos temáticos que modela a vida das catadoras objetiva e subjetivamente, além das vivências sobrepostas nas escritas das próximas páginas.

3.1 Dos nós aos laços: o encontro das mulheres

No cenário coletivo, “o encontro é despido de conceitos prontos. Encontro é, portanto, um achar-se”. Sendo assim, na busca pelo conhecimento, fez-se necessário identificar as mulheres que compuseram a presente pesquisa científica, mostrando que antes de serem catadoras de materiais recicláveis são corpos de identidade, de subjetividade única. “Cada ser humano é único em sua identidade, mas reconhecê-la em si mesmo exige um reconhecimento dos outros em nós” (Bezerra; Batista, 2024, p. 27-47). Dessa forma, comprehende-se que cada uma traz em suas bases sociais e culturais o saber inerente ao eu-identitário a ser reconhecido no/pelo outrem.

Ser mulher atualmente sobrepõe enquanto desafio: olhar o passado, o presente e construir o futuro. Inclui considerar vivências e relações das mulheres ancestrais, observar os poucos avanços e, ao mesmo tempo, construir um presente e futuro decolonial de igual direito para todas. Marcas do patriarcado, de subestruturas como gênero, raça e classe, podam o protagonismo da mulher atual, assim como “questões referentes às práticas dominadoras e discriminatórias baseadas na natureza dos corpos” (Campos e Silva, 2017, p. 91). Dessa forma, o lugar que essas mulheres ocupam não se trata de um acontecimento aleatório, mas produzido, estruturado para que as mesmas se encontrem nesse espaço e função.

O presente quadro 01 evidencia para além dos números, corpos femininos que na sua individualidade compõe um grupo de mulheres que corroboram com o equilíbrio ambiental, auxiliam na diminuição do uso de matérias-primas, assegurando maior ganho baseado na exploração dos seus trabalhados. De todos os sujeitos que compõem a cadeia

produtiva (catadores, compradores e as indústrias de reciclagem) as catadoras são as mais frágeis cujos aspectos como exploração da força de trabalho e o subemprego são características marcantes de um cotidiano precarizado (Montenegro, 2011). O número de catadoras que participou da pesquisa foram oito mulheres com idade entre 28 e 58 anos, compreendendo como maioria e com maior tempo de serviço na profissão.

Quadro 01 – Identificação das mulheres participantes da pesquisa.

Sigla de identificação das entrevistadas ⁵	Idade	Quantidade de filhos	Auto declaração Cor/raça	Tempo de serviço no lixão	Grau de estudo	Quantidade de pessoas que residem na casa
M 01	54 ANOS	15 FILHOS	MORENA	28 anos	6º ano	05 pessoas
M 02	32 ANOS	02 FILHOS	PARDA	08 anos	6º ano	05 pessoas
M 03	36 ANOS	05 FILHOS	MORENA	10 anos	6º ano	05 pessoas (mãe solo)
M 04	28 ANOS	02 FILHOS	MORENA	06 anos	6º ano	04 pessoas
M 05	45 ANOS	10 FILHOS	MORENA	20 anos	Nunca estudou	06 pessoas
M 06	49 ANOS	05 FILHOS	MORENA	18 anos	Nunca estudou	04 pessoas (mãe solo)
M 07	58 ANOS	02 FILHOS	MORENA	26 anos	Nunca estudou	04 pessoas
M 08	49 ANOS	01 FILHOS	MORENA	08 anos	6º ano (5ªsérie)	02 pessoas (mãe solo)

Organização: Nascimento e Costa (2024).

Todas são mães dentro de uma disparidade que parte de um a quinze filhos, sendo que das oito mães, três são mães solos. Das oito mulheres entrevistadas, apenas uma se autodeclarou parda; as demais sete mulheres afirmaram ser morenas, mesmo não havendo esta opção no decorrer do questionamento, o qual, teve como opção os itens baseados no questionário do IBGE, como: branca, parda, preta e indígena, ou seja, é possível presumir que há uma negação com relação a cor da pele e suas origens, pressupondo o desconhecimento ou, até mesmo, como mecanismo de defesa, uma vez que a cor negra está associada ao preconceito, à discriminação e à violência; há falta de uma identidade, de pertencimento às suas origens.

⁵ A letra M simboliza a inicial do substantivo mulher, as identificando pelo número seguinte.

A não identificação como pretas ou pardas, visivelmente sendo mulheres com traços físicos afrodescendentes e indígenas, suavizado com a utilização do termo “morena”, indubitavelmente revela formas de operacionalização do racismo, através da linguagem apreendida cotidianamente nas esferas familiares e sociais e que nega a sua cor. Ao mesmo tempo, atribuem negativamente a relação da cor da pele ao trabalho que exercessem, um interseccionalidade entre raça e classe.

Sou morena da cor do pecado, aguento sol, eu soube que a mulher branca não aguenta é nada... risos com sarcasmo” (M03).

Meu corpo é moreno é porque na verdade a gente toma muito sol (M08).

Eu nem sou branca nem preta, acho que uma morena canela. (M 07).

Ao trazer para a relação do trabalho, o corpo feminino das catadoras de materiais recicláveis, há um deslocar-se aos fatores históricos de submissão, invisibilidade e contra-hegemônico. Em vista dos padrões e referências das normas, valores e ideais de cultura, os corpos são o que são a cultura. Podendo ser de mais valor ou de menor valor, a depender do lugar social do sujeito, ser relevante ou irrelevante, validado pelo sistema classificatório (Louro, 2004, p. 75-76). Reforçando a ideia de poder e valor em que o corpo da mulher é submetido, Foucault (1975/1996, p. 93) define “o corpo como superfície de inscrição para poder”.

O corpo é muito mais do que a instância biológica; por meio partir das normas, práticas disciplinadoras e repressoras, os corpos femininos são afetados diretamente pelas dinâmicas sociais, políticas e culturais, tornando-se um elemento vivo que reflete as influências de poder. Foi possível identificar que cinco das catadoras estudaram nos anos iniciais do ensino fundamental e que abandonaram os estudos na adolescência, grande parte por ter constituído família. O poder misógino mais uma vez insurge na falta de perspectiva de melhores condições ao contínuo ciclo de pobreza das meninas mulheres, as quais sem estudo, sem trabalho, destituídas de sonhos, são submetidas às jornadas cada vez mais difíceis, a exemplo de catadoras de materiais recicláveis, de cuidadoras e, muitas vezes, mães solos.

A palavra corpo traz a biologia e o contexto social como conceito e concepção da sociedade. Corpos negros, corpos femininos, corpos ricos ou pobres. Enquanto cultura ocidental, a imagem dos corpos (físico ou as metáforas do corpo) parecem privilegiados

em relação a outras formas de explicar diferenças entre gênero, raça e classe. Ao corpo é dada uma lógica própria. Nesse sentido, o olhar é um convite a diferenciar,

Uma vez que o corpo é o alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e à vista. Como tal, invoca um olhar, um olhar de diferença, um olhar de diferenciação- o mais historicamente constante é o olhar generificado [...]. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver” (Oyèrónké Oyêùmí, 2021, p. 28-29).

Aos corpos femininos infere-se as crenças e a posição social ou a falta delas. Na cultura ocidental, a centralidade é o corpo. O corpo da mulher é tido como sinônimo de tentação, de expropriação, uma cosmovisão que inferioriza a mulher, a qual sempre determinou seu local na sociedade, excluídas da categoria cidadã, da intelectualidade científica e econômica e de respeito à fala delas. As entrevistadas M01, M03 e M06 são de origem indígena, trazem traços familiares fortes, inclusive recebem na sociedade o codinome de caboclas. O coletivo das catadoras do município de Cícero Dantas se configura na multiculturalidade advinda das raízes sociais brasileiras. Apesar de não se reconhecerem nesta mesma dimensão, trazem nos corpos a força e a resistência, traços ancestrais indígenas e afro-brasileiros que saltam às ações femininas.

Feitas essencialmente da pele da sola do pé, que tudo sente. São criaturas cheias de sabedoria. Essa ideia de que a pele do pé tem maior sensibilidade me soou verdadeira pois uma índia aculturada da tribo kinché uma vez me disse que só havia calçado seu primeiro par de sapatos aos 20 anos de idade e que ainda não estava acostumada a caminhar com vendas nos pés (Éstes, 2018, p. 43).

O tempo de trabalho das catadoras diversifica entre o tempo mínimo de oito anos e tempo máximo de vinte oito anos de profissão das catadoras. Dentre as quais, no grupo de mulheres, se encontram com menos tempo de serviço, normalmente as jovens que desistiram de estudar, engravidaram precocemente e, atualmente, trabalham no lixão para ajudar seu companheiro que já vivia da catação.

Entre as catadoras com maior tempo de serviço, há histórias de sobrevivências diante das dificuldades da criação dos filhos por meio da relação de trabalho na cata de resíduos. Essa rede de catadoras de materiais recicláveis designa um grupo familiar de convívio comum por serem parentes, vizinhas, cunhadas, irmãs ou amigas, por residirem no mesmo bairro e fazerem do processo da reciclagem, um recurso de vida, confirmando a existência de um ciclo socioambiental, por vezes, inquebrável na sociedade capitalista.

Entretanto, atravessadas pelo amaranhado de vivências singulares, segundo um trecho da música de Francisco el Hombre (2016) mesmo diante da receita cultural do marido, da família, o cuidado com a rotina, nada define uma mulher. Cada ser é única na identidade e subjetividade, e mesmo conhecendo o coletivo não conhiceremos todas, e a conhecendo individualmente não conhiceremos o coletivo. Há um refazer-se constante determinado pelos instantes da vida, que as mantem indescritível como afirmam Bezerra; Batista, (2024, p. 57) o que somos não cabe em categorias, conceitos e teorias criadas, sempre escapamos, não cabe apenas na genética ou no ambiente, pois estamos para além deles. Portanto, do diálogo à visibilidade e à subjetividade feminina consagrou os encontros em nós desatados, afrouxados até tornarem laços de saber, descobertas do próprio eu e da ciência por meio dos relatos e vivências singulares à profissão de catadora.

3.1.1 Da informalidade vem o sustento da mulher. Como anda seu trabalho?

Na separação entre os seres beneficiados socialmente e os não beneficiados, existe a mulher que deseja viver o ciclo da vida com qualidade, e não como sobrevivente ou heroína. Ser guerreira de alguém é o que menos importa, principalmente, por se tratar de um termo carregado de estigmas, sofrimento e preconceito. É só pensar um pouco mais, quando a mulher precisa ser guerreira? Segundo Gonzalez (2020, p. 109) na sociedade onde a divisão racial e a divisão sexual do trabalho fazem das mulheres trabalhadoras de segunda categoria, o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira, é insuficiente na valorização e na capacidade intelectual do trabalho feminino, um pacto subjetivo machista de que as mulheres são inferiores ao ser masculino.

O trabalho como fonte de sobrevivência, de dignidade humana e qualidade de vida, sempre foi um ideário. Pensar os sujeitos que vivem do “lixo” (atualmente chamado de resíduo sólido) não apenas como marginalizados e sobrantes ao mercado de trabalho formal, mas como parte de uma cadeia produtiva capitalista e lucrativa (Rego, 2015, p. 03) é compreender que esse ideário se desfez, tornando um processo mecânico que rouba vidas. Com a substituição do sistema de produção em massa por acumulação flexível como o novo modo de organização, pautada na efemeridade, como afirma Druck (2011, p. 41) abandonou, também, a sociedade do “pleno emprego”, trazendo à tona o desemprego e o trabalho precarizado, principal motivo do aumento da mulher na profissão da catação de materiais recicláveis.

Essas transformações estruturais elevaram a informalidade e a precarização a partir dos anos de 1990, em especial, ao que para muitas trabalhadoras significou uma forma de sobrevivência: a catação em aterros ou nas ruas (Bosi, 2008, p. 105). Uma conjuntura capitalista que substituiu toda a adjetivação positiva por escassez, desemprego, sobrecarga e vulnerabilidade social, principalmente, na feminização do trabalho. Essa não visualizada como um avanço das mulheres ao universo do trabalho externo, mas como uma função a mais, de cuidado em situações extremas, destinada a elas. Uma soma desleal de serviços que leva a sobrecarga física e psicológica das mulheres e a má remuneração.

Não obstante, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberdade de agir, tomar decisões e a conquista de direitos políticos, incluído na Constituição Federal de 1988, não se concretizam em avanços sólidos, mas ainda estão fragilizados. Como alerta Antunes (2008, p. 9) sobre a realidade estrutural do trabalho, na qual se encontra a informalidade, a terceirização, o trabalho intermitente e precarizado, o aumento significativo do trabalho feminino como movimento inverso quando se trata da temática salarial e direitos sociais e do trabalho está, cada vez mais, destruído pela modernização do capital e retroalimentado na desigualdade social. Nesse sentido, encontram-se as mulheres que desenvolvem o trabalho na catação de material reciclável, sendo maior quantitativo exercendo essa função no município de Cícero Dantas/BA.

O quantitativo de pessoas que trabalham no lixão se constitui em doze mulheres e oito homens. Apesar de haver a constatação de uma rotatividade na função de catadoras por desistirem de exercer a profissão pelas más condições ou, por vezes, ao conseguir outro trabalho, confirma-se que as mulheres “são maioria” nesse espaço. A efetivação da pesquisa ocorreu com oito mulheres e levou em consideração o maior tempo que essas mulheres exerciam a profissão de catadoras sem abandono e com assiduidade.

Importante ressaltar que apesar do trabalho das catadoras ser de grandiosa importância para o meio urbano e para a preservação ambiental, não se pode utilizar disto para camuflar a realidade de trabalho e de reprodução social dessas trabalhadoras (Rego, 2015, p. 03). Como ressalta as entrevistadas sobre as reais motivações à adesão ao trabalho na catação, 70% atribuíram à falta de emprego; 30% escolheram a profissão por enfrentar grande necessidade econômica, realidade atrelada à possibilidade futura de seguir a tradição da família, apesar de não ser uma vivência motivacional para elas, ou seja, a mãe que trabalhava, em sequência as filhas e as noras passaram a trabalhar, convergindo-se em um ciclo de sobrevivência da família.

Gráfico 01 – Principais motivações a aderir a profissão de catadoras.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

O capital que estabelece as classes teóricas não é apenas econômico, mas também social, cultural e simbólico [...] A classe trabalhadora tende à humildade, à aquiescência, ao sentimento de incompetência e à aceitação incontestante da autoridade que decorre de um conformismo, um sentimento do seu lugar (Bourdieu, 1979, p. 549). Neste sentido, a própria sociedade munida do discurso capitalista determina, por vezes, a aceitabilidade da realidade desigual como se fosse destino, à crença de que uns nasceram para serem pobres e outros ricos, quando, na verdade, de acordo com o racismo estrutural, a sociedade da desigualdade se fundou e permanece se retroalimentando. Como mostra o depoimento da M 04 sobre a necessidade de trabalhar na catação de materiais recicláveis.

Quando tive minha segunda filha, veio a necessidade, sem ter de onde tirar o sustento, meu marido sem emprego, acabei indo para o trabalho, junto com minha sogra. No começo foi difícil chegava em casa enjoada, me sentindo suja, mas depois me acostumei (M 04).

Um determinante à inserção da mulher no trabalho do lixão é a falta de igualdade e de oportunidade salarial no mercado de trabalho, acarretado pelo desemprego ou mesmo pela falta de acesso. Mas, quem são as catadoras? É importante considerar que antes de serem catadoras são mulheres, sinônimos de resistência. “Desde Dandara até Marielle Franco partimos das experiências dessas mulheres negras que, de alguma forma, subverteram a lógica genocida que lhes foi imposta” (Neves; Heckert, 2021, p. 140),

sobretudo como sinônimo de luta, diante da histórica desvalorização da mulher (Saffiotti, 2015, p. 37). Num histórico de muitas lutas, movimentos feministas e longos períodos de exclusão, a mulher chega ao mercado de trabalho, entretanto, “o gênero e a etnicidade são manipulados de modo que, no caso brasileiro, os mais baixos níveis de participação na força de trabalho, ‘coincidentemente’, pertencem exatamente às mulheres e à população negra” (Gonzalez, 2020, p. 27).

O trabalho desenvolvido pelas catadoras passou pela transição na nomenclatura, de catadoras de lixo para catadoras de resíduos, a partir dos anos 1990 a 2000, quando aos olhos do capitalismo, a reciclagem surge como especulação de lucro. Compreendendo que o termo lixo designa algo inapropriado de retorno à sociedade empresarial por estar vinculado ao estereótipo e preconceito, o que, apesar da mudança no termo, a realidade desolada das catadoras continua sem nenhuma mudança concreta. A procura dos materiais recicláveis como cobre, ferro, latinha, garrafa pet, plástico fino, embalagens de cervejas em lata entre os resíduos e rejeitos se constitui uma realidade de trabalho informal e desumano para as mulheres. Elas separam e armazenam em fardos chamados de *bags*, visualizado na figura 03, aguardando os compradores.

Figura 03 – *Bags* abastecidas com materiais recicláveis para venda.



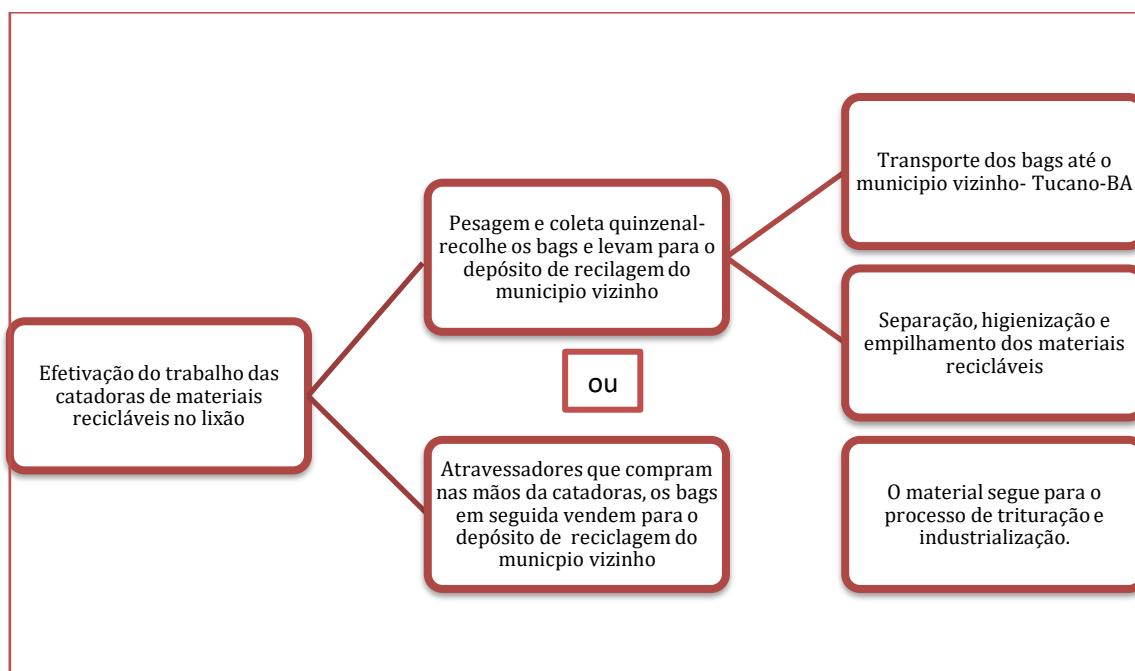
Fonte: Nascimento; Costa (2024).

A cada quinze dias, funcionários do depósito de reciclagem do município vizinho, Tucano/BA, efetivam a compra do material das catadoras. Contudo, dentro das narrativas de uma entrevistada, houve um relato que merece destaque sobre a relação de trabalho das catadoras. Por se tratar de um trabalho informal, no decorrer da comercialização, há atravessadores, definidos como pessoas que acabam comprando o material reciclado por um valor ainda menor, diante de uma necessidade urgente das catadoras, como afirma a entrevistada M06:

Às vezes, a gente precisa do dinheiro pra comprar um remédio, pagar uma luz ou água e a gente acaba vendendo o bag mais barato pra seu Zé, pois o caminhão que leva pro depósito demora muito. Então se a gente precisar não tem outro jeito (M06).

Com a intenção de ter o recurso financeiro em mãos, de forma mais rápida, antes da empresa de reciclagem, as catadoras vendem a essa pessoa com o nome fictício Sr. José, o qual presta serviço como fiscal do lixão, pela prefeitura municipal. Tal senhor, ao mesmo tempo, realiza negociação com a empresa que recolhe as *bags*, com o intuito de obter um valor extra ao trabalho de guarda municipal do lixão. No galpão do município de Tucano, esse mesmo material passa por separação por critérios de cor, tipos de plásticos e materiais diversos, tudo muito bem definido, pesado, empilhado e embalado para seguir até as respectivos depósitos.

Quadro 02- O caminho dos materiais recicláveis do município de Cícero Dantas.



Fonte: Nascimento; Costa (2024).

Neste percurso de reciclagem é importante considerar a utilização de recursos naturais presentes no processo, locomoção, uso de combustível, água potável, energia, máquinas e mão de obra barata. Em outras palavras, há duplamente o uso desses recursos expropriado pelo ser humano. Seria então, a reciclagem um processo ilusório na solução da degradação ambiental? A resposta poderá se conjugar como sim, caso se refira como solução única à demanda do excesso de lixo no mundo, e não se houver, conjuntamente ao processo de reciclagem o empenho das empresas na diminuição da produção de lixo, haja vista que elas são as principais responsáveis pela contaminação do planeta Terra, por grande escala de lixo industrial, tecnológica, têxtil, construção civil.

A coleta de papelão ocorre por meio de outra pessoa, um senhor que costuma passar pelas principais ruas da cidade de Cícero Dantas, recolhendo e enviando ao proprietário do galpão, ou seja, não chega até o lixão; assim, também, costuma ocorrer com as latinhas de alumínio, um dos materiais considerado rentável para as catadoras e que costuma chegar em pouca quantidade. Possivelmente, são desviados antes de chegarem ao lixão, pelos coletores urbanos ou recolhidas pelos próprios comerciantes logo após o consumo. Como consequência, as catadoras relatam sobre a escassez de materiais de reciclagem de maior valor financeiro, dificultando ainda mais a renda das catadoras, que já é ínfima na cadeia produtiva informal da reciclagem.

Muitos resíduos ainda não servem para a reciclagem, como sacolas plásticas, isopor, copo e prato descartável, garrafas de vidro como o casco da cerveja pequena, plásticos de garrafinhas de água, água sanitária, óleo de motor, copinho de iogurte, dentre outros. Segundo a ABRELPE (2023), apenas 8% do que é reciclável vai realmente para a reciclagem, por duas situações: a primeira, pela falta da coleta seletiva doméstica, a separação correta de resíduos seco ou orgânico; um segundo motivo é a falta de indústrias que trabalhem com a reciclagem. Esse último motivo é incentivado pelo governo por meio da Lei 14.260/2021, que estabelece incentivos fiscais e benefícios à indústria da reciclagem, além do apoio às catadoras, na perspectiva de fomentar cooperativas e associações de catadoras em todo o país (Meu resíduo, 2024).

Por isso, a importância da experiência em reconhecer o que serve ou não para a reciclagem, visto que o fato de ser um recipiente plástico não o define como um resíduo reciclável. E mais do que isso, a importância da educação ambiental como propulsora de projetos contemplados em leis e desconhecidos pela comunidade. De certa forma, a falta de uma cooperativa e o estímulo à produção individualizada se confirma pelo descaso do poder público e de iniciativa privada, partindo da falta de informação sobre leis que

amparam projetos de incentivo à reciclagem ao não interesse de estruturar o trabalho das mulheres, por meios de associações na melhoria socioambiental coletiva.

O meio de transporte utilizado por elas se restringe à motocicleta, e normalmente, vão ao trabalho caminhando, gastando aproximadamente, entre 30 a 40 minutos. Outro dado, é que das oito mulheres, apenas duas (M02 e M04) têm aparelho celular, comprovando a exclusão social e econômica das mesmas. Na modalidade de trabalho informal, há pontos cruciais que precisam ser revistos, como o discurso perverso, imposto pelo capital, sobre autonomia, quando na verdade o que há neste caso, é o desemprego estrutural.

A catadora vive no anonimato, desprovida de qualquer direito trabalhista, ou melhor, se por motivo superior não puder trabalhar, ela ficará sem salário, haja vista que elas recebem por produção. Um outro item de grande importância observado é a presença de resíduos hospitalares no espaço de coleta, sendo um risco direto à saúde, apesar de ser proibido o descarte naquele ambiente, as catadoras mais experientes os reconhecem, mas não costumam abrir o pacote com receio de contaminação e acidente com as agulhas.

Quando questionadas sobre a esperança de melhoria nas condições de trabalho, elas relatam que não trazem muitas expectativas, visto que já trabalham há um longo tempo e nenhuma empresa, associação ou poder público mostrou interesse em orientá-las, ajudá-las nesta jornada. A relação de trabalho da mulher ao abarcarem outros marcadores como raça e classe vem sempre corporificada em pessoas reais e num contexto concreto desumano (Thompson, 1992, p. 67). Nesse cenário, há o poder que ignora a realidade ambiental e das mulheres que trabalham naquele espaço; em contrapartida, há a classe menos favorecida que, apesar de afirmarem não esperar melhorias na condição de trabalho, sonham um dia exercer com dignidade a profissão de catadora e a missão de ser mulher.

O que, na realidade, caso ocorresse alguma melhoria, despertaria o lucro e a concorrência entre essas mulheres dentro da profissão de catadoras, afinal, o sistema capitalista se apropria e se refaz em diversos contextos sociais, mas nunca em apoio à transição de uma classe à outra; enquanto igualdade de direitos, esse contexto seria contra hegemônico ao sistema capitalista. Enquanto melhoria na relação de trabalho, elas chegaram a citar a necessidade de uma cooperativa de reciclagem, apesar de não compreenderem como funciona. Outro item citado por duas catadoras M01 e M07 foi a corresponsabilidade dos moradores ao separarem o lixo urbano de casa e dos comércios.

Se as pessoas ajudassem na separação do lixo, não misturasse tudo, o nosso trabalho era mais fácil, mais vem tudo junto (M01).

O povo é muito mal-educado, desperdiça muita coisa ao invés de dar a quem precisa, tanta gente que não tem o que comer e eles que têm mais condição deveria ajudar e não jogar tanta comida fora (M07).

Neste ínterim, pode-se compreender a falta da coleta seletiva, de um processo educacional que viabilize a divisão dos materiais recicláveis e não recicláveis, além de demonstrar através da fala da catadora M07 o desperdício de alimento que é visualizado por elas como rejeitos. Sobre essas questões, faz-se necessário uma mudança cultural, educacional que sensibilize também a população para alguns pontos: a) a vivência em sociedade, respeitando o limite do outro; b) o trabalho com compostagem; c) o reaproveitamento dos alimentos e a participação de grupos sociais comunitários, como doação de sopas às comunidades e/ ou moradores de rua; d) formação social e escolar sobre a cadeia produtiva de reciclagem, além da separação adequada dos resíduos secos e orgânicos, ações sociais validadas, se houver coleta seletiva no município. É preciso compreender que há um limite de contribuição social, enquanto cadeia produtiva de reciclagem, necessitando de outras instâncias como gestão pública, industrial e empresarial do sistema capitalista, os quais, por vezes, relegam essa responsabilidade. Ou seja, até que ponto a sociedade, realmente, contribui nesse processo?

Questionadas como costumam lidar com os ciclos da mulher no dia a dia e no trabalho da catação, a M03 afirmou ser um trabalho árduo, mas que estão acostumadas, inclusive, entende ser melhor do que trabalhar em casa de família.

É melhor do que trabalhar em casa de família. Trabalhei dois anos na casa de uma pessoa cuidava da casa dela, fazia faxina na casa da mãe no domingo e ainda tinha que cuidar da minha quando chegava, tinha que cumprir horário e recebia 400 reais. Na reciclagem se eu trabalhar direitinho eu posso tirar até 300 a cada quinze dias e ninguém manda na gente. (M03).

Outra entrevistada, M02, relatou que quando se encontra no período menstrual, não vai ao trabalho:

Quando estou naqueles dias eu não vou trabalhá, porque se eu tomar muito sol, me dá dor de cabeça e aumenta muito (M02).

Das entrevistadas, três das oito mostraram-se sensíveis à condição feminina, ao relatar sobre os ciclos menstruais. Quando falaram sobre a separação do parceiro e por ser mãe solo, é perceptível uma negação em si reconhecer como mulher. Ao assumir o papel de provedora da família, quando saem para trabalhar fora de casa, não abdicam da

responsabilidade como doméstica e cuidadora, o que as tornam mais rígidas consigo mesmas, sabotando a subjetividade: não há tempo para sentir cansaço, dor, amor-próprio, há pressa, há urgência em tudo que fazem, inclusive agradar o machismo identificado nas relações domésticas e sociais, conforme a entrevistada M05:

Esses dias meu marido me dizia que estava faltando as coisas em casa, eu pensei, porque ele não providencia, porque tudo tem que ser eu? Apesar que eu não dependo dele pra nada (M05).

Não é possível falar de um cotidiano da mulher, mas sim em vários cotidianos das mulheres, carregados de pluralidades estritamente comum em suas vidas: a árdua luta da desconstrução de paradigmas pautados na biologia dos sexos e dos papéis divergentes por gêneros destinados a homens e mulheres na sociedade (Campos e Silva, 2017, p. 92-93). O homem, o provedor (realidade modificada nos últimos tempos), o intelectual, o cérebro da relação e a mulher, a cuidadora, a doméstica e agora, por vezes, provedora da família, agregando às catadoras um desgaste físico e emocional, por tamanha responsabilidade, confirmada pela fala da M06.

Eu já me acostumei a trabalhar aqui, já são dezoito anos, assim que eu me separei, não conseguia viver só com a ajuda do governo, foi aí que minha amiga me chamou e estou aqui até hoje (M 06).

A mulher, por ser uma construção social, cultural e não apenas biológica, assumiu papéis estipulados pelo patriarcado, papéis esses que as fizeram submissas ao outro, à realidade capitalista, modo de produção que quanto mais se produz riqueza, mais gera a pobreza no lado oposto da sociedade. “O discurso da autonomia e da liberdade são postos para escamotear as condições degradantes de trabalho pois, ao se ver livre, o trabalhador não toma consciência da sua condição de pobreza” (Costa, 2018, p. 160).

A pobreza, a submissão, a marginalização social não deve ser definida como destino ou fatalidade, mas como formação social propositiva de desigualdade em que alguns se beneficiaram desde a colonização até os dias atuais, dentro desse modelo social, para que a riqueza exista, faz-se necessário a miséria em contradição. O caráter histórico confirma que “Sexismo e racismo são irmãos gêmeos” (Saffioti, 2015 p. 132-133). Ao elucidar que a escravidão, base do racismo, homens eram sumariamente assassinados, enquanto as mulheres, em algumas circunstâncias, eram preservadas por atender a três propósitos: a) constituir força de trabalho; b) serem reproduutoras desta força de trabalho e; c) prestavam serviços sexuais forçosamente, aos dominadores.

O corpo feminino vive em constante transição do visível à invisibilidade, o qual Foucault chama de utopias incorpóreas. Para Foucault (1966, p. 08), o “corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo”. Acrescido aos contos de fadas, os corpos se transportam como passos de mágica, a utopia que desfaz os corpos, a morte tornando-os eternos como deuses e a alma que escapa do corpo para ver as coisas através da janela dos olhos. Cheio de significância à mulher, “o corpo, ‘visível e invisível’, ‘penetrável e opaco’, é ‘o ator principal de toda utopia’ e cala apenas diante do espelho, do cadáver ou do amor (Foucault, 1966, p.10).

Neste sentido, o corpo feminino se adapta à realidade, mesmo que para isso sua subjetividade seja roubada pela vida. Nas condições da figura 04, a mulher esquece o que é ser mulher e assume papéis extremos de provedora, a qual já não se reconhece mais neste corpo feminino. O que lhe dá prazer, o mínimo de autocuidado já não importa, estão envolvidas com a cruel realidade que abdica do seu eu. Na dinâmica da vida dessas mulheres, há duas realidades que se opõem, a vivência no lixão (figura 04), uma atividade diária, camuflada como a quantidade de roupas e os chapéus que usam para se protegerem do sol, assim como a posição dos corpos sempre cabisbaixos que demostram vulnerabilidade e servidão.

Figura 04 – Catadoras de materiais recicláveis no ambiente de trabalho.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

A negação sobre a relação entre o trabalho que as catadoras exercem com a identidade social, na verdade, o que há são duas pessoas, uma no trabalho da catação, e outra na comunidade, ao entardecer ou na vida social, que as exigem presença, cabeça erguida, corpos à mostra, com menos roupas e sorriso no olhar. Mesmo consciente da inexistência da mutação corpórea desprovida das marcas da vida, há na sociedade capitalista um projeto de desconexão humana e eterna frustação, tornando o corpo uma jaula desagradável e recebedor de todas as dores emocionais, físicas e psicológicas. A figura 05 informa um momento de acolhimento, do olhar com carinho e afago pela mulher que é, mesmo que as dores da vida estejam na essência, impregnada no corpo feminino, essa ainda, se olha com admiração.

Figura 05- Catadoras de materiais recicláveis no momento de autocuidado.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

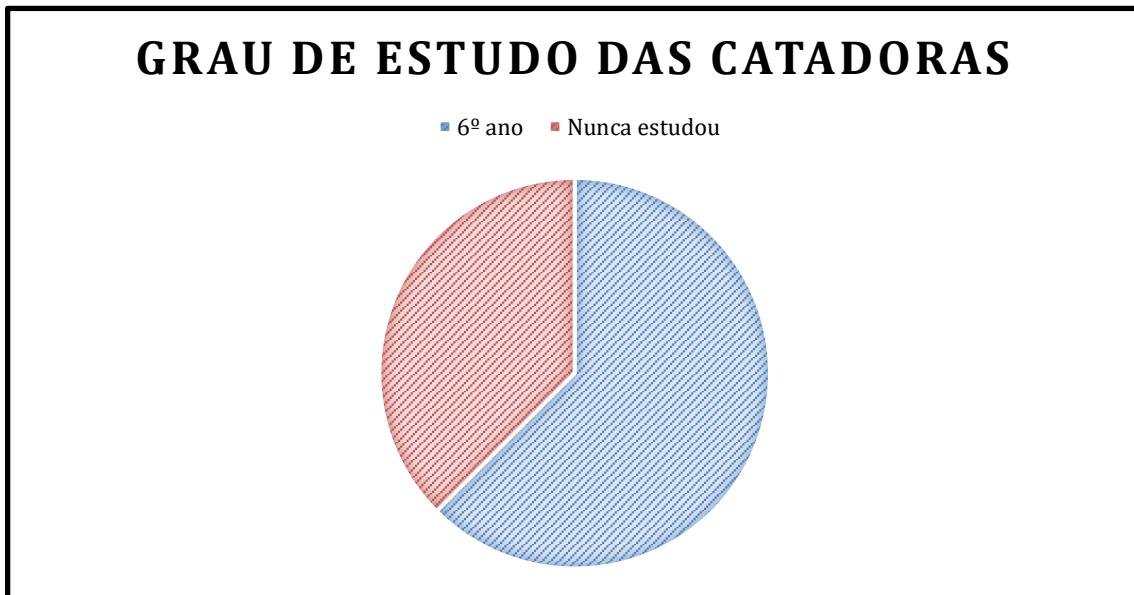
Os corpos femininos atravessados por questões estéticas, objetificadas e morais devem ser visibilizados a partir da diversidade e multiplicidade, articulando-os a esfera política e cultural das mulheres que intentam romper com os pressupostos uníssonos de feminilidade em muitos espaços sociais (Silva Codognoto, 2017, p. 93). O autocuidado vai além da autoimagem corpórea se interliga a qualidade de vida, saúde física e mental, boa alimentação, espiritualidade, saúde bucal e dignidade humana. O que dentro da objetificação dos corpos femininos desconsidera-se o cenário social excluente, como se todas as mulheres estivessem na mesma realidade propositiva.

3.1.2 Da superexploração da mulher ao aconchego do lar. Como vai a família?

A família torna-se o principal fundamento dos sacrifícios na vida dessas mulheres. Dentre as entrevistadas, cinco mulheres possuem parceiros e três são mães solas, ou seja, a justificativa por desenvolver o trabalho na reciclagem é justamente a condição da família, por serem mantenedoras do lar, desde aquelas que tem companheiros como as que não têm. Os filhos são as reais motivações por buscarem trabalho e poderem proporcionar a refeição e o mínimo de dignidade para eles, independente das circunstâncias dessa relação de trabalho as quais são submetidas; um entre tantos sacrifícios exercidos pela mulher quando se é mãe, realidade que fomenta a superexploração e, muitas vezes, a impede de continuar estudando, oportunizar outros trabalhos e vivenciar novas experiências.

A maioria das catadoras estudou nos anos iniciais o ensino fundamental, como mostra o gráfico 02, não dando continuidade aos estudos, tendo como causa a chegada dos filhos, por meio de uma gravidez não planejada, aliada às demandas domésticas familiar resultantes. Desta forma, percebe-se que o peso dessas mudanças recai sempre, para a mulher, inclusive, como primeiro passo, o abandono à escola, aos sonhos de uma nova profissão, ao protagonismo feminino, a uma melhoria de vida. Estipulada pela sociedade patriarcal de que a mulher nasceu para casar e ter filhos, muitas mulheres são paralisadas neste contexto e passam a cuidar do seu mais novo “empreendimento” (a família doméstica), mesmo que em condições desfavoráveis, entendendo que essa é a única vida possível e o que é pior, transferindo essa mesma visão às futuras gerações.

Gráfico 02: Grau de estudo das catadoras de materiais recicláveis.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

Em outras palavras, não se trata de comodismo e desinteresse, como a meritocracia afirma, mas de uma falta de perspectiva com relação ao futuro, atrelada à realidade desigual patriarcal, a qual a educação não conseguiu alicerçar.

Apesar da educação gratuita ser um direito de todos e todas, há um ciclo que perpetua entre as mulheres, a falta de mudança na vida das meninas que acabam reproduzindo a vivência da mãe. Casam-se cedo, engravidam e desistem dos estudos. Afinal, na complexidade da vida de uma mulher, a escolha nem sempre é possível; muitas vezes, aprisionadas, tornam-se submissas ao destino como se este já estivesse traçado e nada pudesse fazer.

Contraditória à própria vivência, elas afirmam considerar importante os estudos e que fazem questão que os filhos estudem, (M05) inclusive, não permitem que eles trabalhem no lixão, antes de completarem dezoito anos, apenas nas férias escolares, pois, segundo a entrevistada M01 tem receio de denúncias.

Tenho um filho que estuda na escola agrícola e outro na escola técnica, no Lurdes, acho que é pra ser vigia. (M 05).

O povo que trabalha no Conselho Tutelar fica tudo de olho, volta e meia passam por aqui. Meu filho mais novo era doido pra fazer faculdade, mas não conseguiu, teve que trabalhar muito cedo, depois casou e agora ficou mais difícil (M 01).

Questionadas sobre o valor que obtém a partir da coleta de material reciclado ser suficiente para sustentar a família, elas afirmam que ajuda a manter a alimentação e que

todas recebem o Bolsa família, programa social do governo federal, sendo que uma renda complementa a outra. Neste momento, elas relatam que os valores do material reciclável estão baixíssimos. De acordo com o depoimento da M02,

O quilo do material custa 0,60 centavos, sendo um pouco mais caro, o alumínio que quase não chega aqui, a gente precisa encher muito bag pra ter um dinheirinho, pra ter 150 reais tem que se uns sete bags. A vantagem é que a coleta a gente faz sem ninguém ficar mandando, quando a gente quer vir a gente vem, muita gente que vem trabalhar aqui, não fica, só a gente mesmo que já tamo acostumada (M 02).

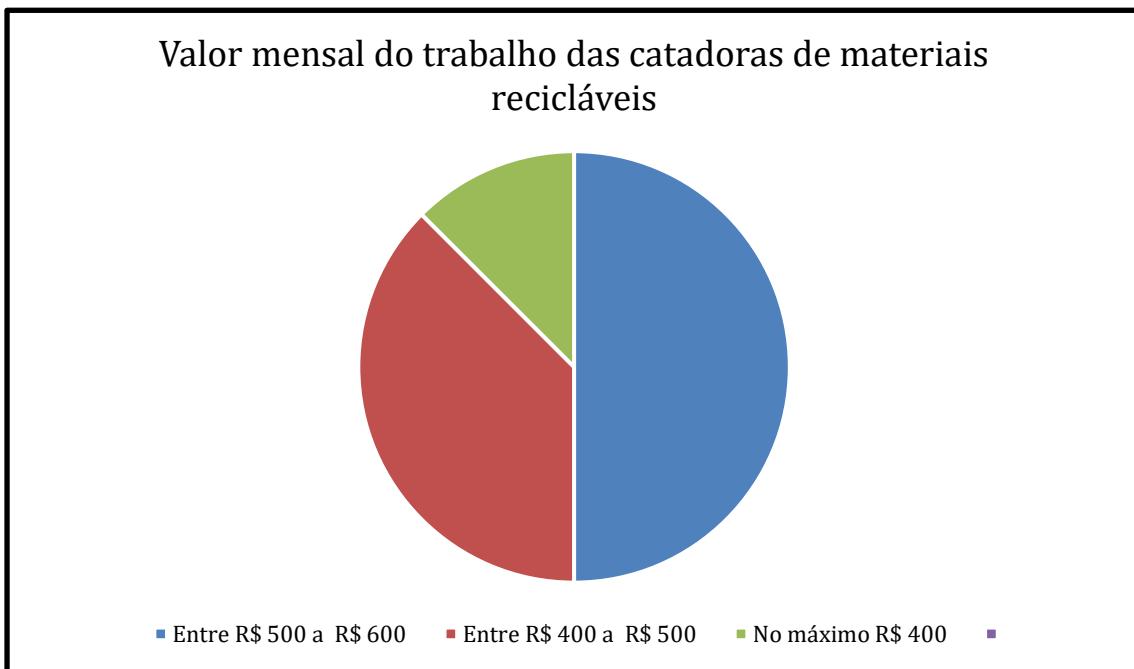
A relação de trabalho dessas mulheres exige total empenho, dedicação e expropriação de tempo e de produção, caracterizado como o próprio Antunes (2005, p 10) afirma: uma morfologia, uma verdadeira mutação do capitalismo, característico ao trabalho precário, desumano, um caminho tortuoso de superexploração da classe trabalhadora que enriquece o dono do consórcio de reciclagem mediante a mão de obra invisibilizada das catadoras, visto que para a sociedade do trabalho não há direitos, muito menos melhoria de condição de trabalho para elas.

Para essas mulheres, o trabalho executado é a extensão do trabalho doméstico, convergente ao fato de que a vida de outras pessoas depende exclusivamente delas e a impossibilidade de enxergar onde começa o trabalho e onde termina, onde o trabalho termina e onde começam os seus desejos e sonhos (Federici, 2019, p. 50). Tal jornada se traduz em horas excessivas de trabalho, como pontual a catadora M03:

Se a gente trabaiá direitinho a gente consegue um bom dinheiro, vai depender do que a gente ajuntar, mas já cheguei a ganhar até trezentos reais em duas semanas (M 03).

Percebe-se uma dificuldade acentuada em verbalizarem exatamente o valor que retiram com o trabalho da catação, mas diante de certa insistência obteve-se como respostas, os valores seguintes: 50% afirmam receber mensalmente entre 500 e 600 reais, enquanto 30% dizem receber o valor de 400 a 500 reais e 20% recebem, no máximo, 400 reais mensais, de acordo com os dados expostos no gráfico 03. A oscilação do valor refere-se a alguns pontos relevantes, segunda as catadoras: a) depende exatamente do período anual, se houve festejos municipais ou não; b) durante o verão há maior quantitativo de materiais recicláveis, pelo aumento do consumo comercial; e c) a própria produção das catadoras: quanto mais trabalham, mais recolhem materiais.

Gráfico 03: Valor mensal do trabalho das catadoras de materiais recicláveis.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

É importante refletir sobre um termo comum à fala das mulheres, em resposta à décima terceira questão da entrevista. Enquanto mulher, como você se sente sendo catadora de materiais recicláveis? Você considera essa atividade uma profissão? Por quê?

Sim, e não tenho vergonha do meu trabalho, pois é um trabalho digno (M 08).

É cansativo, mas sei que é um trabalho digno (M06).

Daqui ensino meus filho a trabaíá e não pegar nada de ninguém, é um trabaio digno (M 08).

Eu acho que seja uma profissão, só que os outro não acham (M01).

O termo trabalho digno, evidenciado nos enunciados retrata o fato de não se sentirem desocupadas, não depender financeiramente de ninguém, não capturar nada, sem a permissão, e, ainda, retrata o orgulho de retirar o sustento do próprio suor. Contudo, a etimologia de dignidade “origina-se do latim *dignitas* fazendo referência ao valor do indivíduo como ser humano. Em outras palavras, toda pessoa deve ser respeitada pelo fato de ser humano” (Veschi, 2019). Segundo o dicionário *online* de Língua Portuguesa, trata-se da maneira de se comportar que incita respeito; atributo do que é grande; nobre. Ofício, trabalho ou cargo de alta graduação.

Entretanto, ao relacionar o significado do termo dignidade à vida dessas mulheres, enquanto trabalhadoras, comprova-se a indigna ação humana no modelo capitalista patriarcal de trabalho, análogo à escravidão e total desrespeito à mantenedora da família, cuidadora, doméstica e totalmente desprovida dos seus direitos sociais. Onde estaria presente a dignidade humana? Não seria mais uma contradição presente na sociedade da desigualdade, de fazer a trabalhadora se sentir grata mesmo diante da submissão? O que para Fanon (2008, p. 189) faz-se necessário um repensar em meio à opressão: “Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano. Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade”.

A voz feminina não costuma ser ouvida. Há uma indiferença sobre o pensamento da mulher, dentro de mais um estereótipo social, o de menor intelectualidade, como se só o homem tivesse competência, habilidade para administrar bens sociais e econômicos, inclusive dentro do trabalho com a reciclagem, enquanto a mulher seria apenas espectadora.

Ao mesmo tempo, há extrema cobrança sobre a mulher, enquanto um ser social. Entende-se que a mulher é responsável pela produção e criação, contudo, o mérito será sempre para o homem, quando há sucesso. E julgamentos negativos para mulher quando esse não houver. Há um silêncio entre essas mulheres como forma de proteção, que ao mesmo tempo denuncia a falta de quem as ouvem. Quem estaria disposto a ouvi-las? Qual delas teria a oportunidade do discurso? O discurso não ficou para todos e todas, mas para uma minoria beneficiada na sociedade. “Transformar o silêncio em linguagem e ação é um ato de autorrevelação, algo que parece sempre estar carregado de perigo. Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Quais tiranias elas engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio?” (Lorde, 2019, p. 51-56).

O contexto dessas mulheres não pode ser visualizado como uma história a mais, mas enquanto protagonistas, reconhecendo seu entorno, os saberes e fazeres que lhes foram atribuídos, uma história com pertencimento, afinal “ser contexto é reconhecer as raízes sociais e culturais, é reconhecer-se no emaranhado de relações forjadoras de quem sou” (Bezerra e Batista, 2024, p. 29). Exigir da sociedade um comportamento humanizado de respeito e valor à mulher, não a silenciando diante das opressões. Pensar em liberdade diante do sistema capitalista é abster-se da verdadeira liberdade, com dignidade e voz.

3.1.3 O desgaste dos corpos femininos. Como anda a sua saúde?

Ao considerar a saúde da mulher no/para o trabalho, logo se depara com uma pluralidade de situações, dentre elas o adoecimento por diversas circunstâncias, incluindo o excesso de funções e exigências do próprio trabalho, sem as devidas condições mínimas de acolhimento. A mulher trabalhadora realiza sua atividade laborativa duplamente, dentro e fora de casa. Ela é duplamente explorada pelo capital, por exercer no espaço público, seu trabalho produtivo, mas também no universo de sua vida privada, consumindo horas decisivas de suas vidas no trabalho doméstico, onde possibilita ao mesmo capital sua reprodução, criam as condições indispensáveis para reprodução da força de trabalho de sus maridos, filhos(as) e de si própria (Antunes, 2008, p. 51).

Sendo assim, quantas mulheres possuem tempo, oportunidade e dinheiro para o autocuidado? E quando essas mulheres são as catadoras de materiais recicláveis como é feita a prevenção e o cuidado com a própria saúde? De acordo com os vários estudos científicos da OMS, a prevenção é uma das ações mais importantes na saúde da mulher. Ir periodicamente ao médico, ser acompanhada por ginecologistas, mastologistas, exames diversos, alimentação adequada, atividade física, lazer, tudo isso faz parte de um amplo conceito de saúde do corpo e mente feminina. Entretanto, não se trata de uma tarefa fácil quando a realidade não prospera a esse favor. À luz da literatura de Antunes (2018, p. 35) “O tempo é o espaço para o desenvolvimento humano, quando não se dispõe de nenhum tempo livre cuja vida está toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capital. Você se torna uma máquina, fisicamente destroçada e espiritualmente animalizada para produzir riqueza alheia”.

Desta forma, as mulheres são as mais prejudicadas. Por não serem valorizadas, perdem a saúde física e mental dentro de um modelo de superexploração, terceirização e precarização, culminado com a conjuntura política contemporânea, ou seja, será que existe vida além do trabalho para as catadoras? Ou elas são sufocadas diariamente pelo ciclo do trabalho? Sem dúvida, a presente pesquisa comprova que o trabalho insalubre na catação, as tornam mais vulneráveis à falta de saúde, pelo contexto de exposição excessiva ao sol, chuva, rejeitos, e, principalmente, pela falta de tempo e oportunidade ao autocuidado, quando as mesmas cuidam de tantos outros(as) e “esquecem” de si.

Esse mesmo cuidado essencial à vida, mas que só passou a ser debatido no campo político, recentemente. Uma luta a mais a ser vencida pelas mulheres que recebem da família e socialmente esta missão, atrelada a tantas outras. A responsabilidade pelo

cuidado deverá ser compartilhada entre o Estado, as famílias, o setor privado e a sociedade civil (Agência Brasil, 2024). Ou seja, precisam-se de muitos na tarefa do cuidado, uma rede de apoio bem mais ampla do que apenas a mulher solitária. É isso que a promulgação da Lei 15.069/24 que institui a Política Nacional de Cuidados vem alertar.

A análise sobre a relação de trabalho da mulher, muitas vezes, ocorre de forma fragmentada, levando a interpretações errôneas e discursos descontextualizados. Desta forma, Vergès (2020, p. 60) afirma que “enquanto a história dos direitos das mulheres for escrita sem levar em conta os privilégios, esta será enganosa”. No decorrer da história da humanidade, há visões e realidades diferentes sobre o trabalho da mulher, ou seja, ao questionar uma mulher sobre a importância do trabalho em sua vida, haverá uma determinada resposta, possivelmente relacionada à vivência, à autonomia, à liberdade, à criatividade e ao empoderamento, visão oposta ao homem que traz o sobressalto do lucro, da produção e da competitividade.

Nesta mesma lógica, segue a divergência entre a mulher branca privilegiada e a mulher racializada dependendo do tipo de trabalho que a exerce; enquanto a primeira poderá confirmar a resposta anterior e a mulher racializada, possivelmente, expressará a relação de trabalho como fonte única de sobrevivência. A classe e raça determinam o direito ou não a uma vida saudável e com qualidade, a oportunidade de atendimentos de prevenção às doenças, fato que traz como consequência, por vezes, o adoecimento feminino. As condições de classe permanecem como forte determinante das chances de vida dos indivíduos, das suas oportunidades educacionais, humanas e profissionais; “o trânsito entre as classes é pequeno e com índices equivalentes ao longo do tempo” (Walters, 1991, p. 14-17). A inadequação das roupas e calçados, apresentada na figura 06, utilizados de forma improvisada, as expõem ao sol e à chuva; a não utilização de luvas, máscaras e chapéus, bem como a utilização de roupas e sandálias que são recolhidas no próprio espaço de trabalho, além do excessivo tempo destinado ao trabalho entre cinco a seis horas são configurações que prejudicam a saúde dessas mulheres.

Figura 06 – Catadora de materiais recicláveis em atividade.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

Questionadas sobre a importância dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a maioria desconhecia e afirma nunca ter usado nenhuma roupa realmente apropriada. Sobre adquirir alguma doença que esteja relacionada ao trabalho, elas afirmaram nunca ter desenvolvido nenhum tipo de enfermidade. Todavia, quando questionei sobre sentirem dores no corpo, nas costas pelo esforço repetitivo, todas afirmaram positivamente. Após um longo dia de trabalho é muito comum o cansaço físico e fortes dores no corpo. A maioria relatou fazer uso de medicamentos contínuos para pressão alta, ansiedade, depressão e calmantes para dormir.

Já tive muita saúde, mas hoje vivo tomando remédio pra dormir e também tenho pressão alto, foi depois que perdi um filho que tinha leucemia. Ai nunca mais fui a mesma (M 01).

Tomo remédio pra depressão, o médico do postinho achou melhor, andava muito triste, ansiosa, não dormia direito, então ele achou melhor, eu pego o remédio lá na farmácia básica (M 04).

As mulheres, em sua maioria, consideram importante cuidar da saúde, mas reconhecem não ser fácil. O único meio de atendimento médico é por meio do posto de saúde do bairro para realizar alguns exames e consultas; o hospital municipal só é buscado para casos urgentes e mais graves. Entretanto, muitas afirmaram fazer uso de chás, xaropes e banhos de plantas e remédios que têm na própria casa para cuidar dos filhos e netos e não viverem todo dia nos postos de atendimento à saúde. A posição do corpo ao realizarem o trabalho de coleta como mostra a figura 07 contribuem para desenvolver problemas na coluna e lesão por esforço repetitivo, visto que trabalham por longos períodos na postura vertical com a cabeça para baixo à procura dos materiais recicláveis.

Figura 07 – Catadora de material reciclável em atividade laboral- posição do corpo.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

Questionadas sobre terem sofrido algum acidente de trabalho, a maioria afirmou já ter se cortado com vidros e M01 relatou ter perfurado a mão com uma agulha advinda, possivelmente de lixo hospitalar. Neste diálogo, acrescentou-se como questionamento: Como estava o calendário de vacinação, principalmente a antitetânica? Algumas disseram que estava em dias, porém três afirmaram não lembrar se já havia tomado esta vacina, mostrando desconhecimento sobre a mesma.

A respeito das Infecções Sexuais Transmissíveis (ISTs) muitas afirmam não se cuidarem o suficiente, precisariam realizar os exames, ao menos uma vez ao ano. Quatro das entrevistadas já têm, em média, cinco anos sem realizarem exames ou fazerem uso de alguma medicação ou contraceptivos. Quando questionadas sobre a ida ao dentista, elas afirmaram que, buscam o auxílio do profissional apenas quando sentem dores, e, neste caso, é para a extração de algum dente.

Em plena era da disseminação de informações, as mulheres, ao mesmo tempo que reconhecem a importância de se cuidarem, também compreendem a dificuldade em acessarem a saúde pública. Há uma distância entre o território das mulheres privilegiadas e as que doam a vida ao outro, no contexto dessa desigualdade. Não há, segundo elas, prioridade com a saúde do corpo e da mente, visto que a própria realidade as impede; apenas fazem o que é possível.

Não é difícil encontrar em anúncios empregatícios o seguinte discurso: “procuram-se pessoas de boa aparência para desenvolver determinado trabalho”. Entretanto, como se definiria uma boa aparência? Até que ponto o corpo, a cor, o visual definiriam uma pessoa como boa ou má, em termos profissionais? Discurso normalmente forjado e totalmente subjetivo agride a pessoa, enquanto ser de direito, levando as mesmas a se afastarem do campo de trabalho formal, principalmente se for mulher, mãe, negra e indígena, referenciada pela figura 09 para se desenvolverem na informalidade, a exemplo das catadoras. Ao falarem sobre autoestima, boa aparência e vaidade, expressaram uma preocupação com as relações padronizadas de beleza, como mostra o depoimento das M02 e M04; M01, por sua vez, falou sobre a inutilidade da mulher a partir do etarismo, um receio constante na vida das mulheres cuidadoras.

Já fui mais vaidosa, hoje não ligo muito, mas não tenho problema de autoestima (M 02).

Não tenho tempo pra pensar nessas coisas de autoestima, em casa só tem um espelho pequeno por causa dos menino (M 04).

Pra nós mulher não é fácil envelhecer, exige que a gente seja bonita, que trabalhe e pior nem podemos adoecer, quem vai cuidar da gente? (M01).

O etarismo empregado na relação de trabalho desconsidera a vivência da mulher, da ancestralidade, da mãe, da cuidadora e da sabedoria que é tão clarificada nos escritos de Evaristo (2021, p. 21) “E só, só ela, a mulher, alisou as rugas dos dias e sapiente adivinhou: não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos, ele se guardou de uma mulher a outra [...]. Afinal, sou mulher! E isso basta para impelir, enquanto reflexão coletiva os sabores e dissabores em sociedade. Crucial à literatura da autora, a vivência e a sabedoria passada de geração em geração poderiam se fazer presentes na relação de trabalho e vida da mulher, o que, por vezes, é desconsiderada pelo viés capitalista.

Figura 08 – A mulher na relação de trabalho informal – etarismo.



Fonte: Nascimento e Costa (2023).

A mulher, ao envelhecer, se traduz como desqualificada, não só para o trabalho, mas para amar, viver, ser mãe, participar de determinados eventos, usar determinas

roupas, ser ativa na sociedade, dentre outros papéis. Profissões diversas como engenheiro, professor, médico, dentre tantas outras, para a categoria de trabalho masculino, é utilizada a premissa: quanto mais velho, mais experiente e mais competente. Enquanto na relação de trabalho da mulher não costuma ter a mesma referência positiva.

Por meio da reestruturação da produção capitalista, os jovens, os mais excluídos do mercado do trabalho, tendo-lhes negado o direito ao crescimento profissional, de autoestima e, até mesmo, de educação escolar, visto que o estudo para o jovem se torna significativo, quando há uma rede de apoio neste caminhar; do contrário, muitos se distanciam e percorrem caminhos tortuosos e facilitadores.

A tendência morfológica do trabalho é uma verdadeira mutação e reorganização do capital. De acordo com Antunes (2008, p. 09), não há um final à era do trabalho, mas há uma nova roupagem que vem imbuída de tendências, dentre as quais, o desemprego estrutural, a feminização do trabalho e a exclusão de jovens e idosos ao mercado de trabalho, definido como etarismo. De acordo com a Academia Brasileira de Letras, etarismo significa discriminação e preconceito baseados na idade, geralmente das gerações mais novas em relação às mais velhas; vice-versa, idadismo, mais uma vez, a mulher se torna centro do preconceito. Excluem-se jovens por não terem experiências e o idoso, por vezes, é excluído ou sofre para ser recolocado nesse espaço, cujo peso maior é para as mulheres experientes, já que o sistema mercadológico segue os preceitos da exclusão, etarismo e machismo.

Questionadas sobre o fato de já ter sofrido algum tipo de violência, todas informaram que não. Por se tratar de um tema complexo e de difícil compreensão, já que o termo violência abrange diversas vertentes no próprio cotidiano das mulheres, desde desrespeito orais a agressões físicas, submissões, abusos sexuais, dentre outros, muitas desconhecem essa abrangência e, por isso, não consideram como atos de violências, mesmo que estes sejam vivenciando. Há uma complexidade na circulação do discurso sociopolítico da mulher em que grande parte não é ouvida, muito menos incentivadas a falarem, reafirmando o silêncio nas suas fragilidades.

O discurso altamente regulado pelo fenômeno político é uma linguagem em uso e, como tal, define a categoria social a que pertence, compreendendo que o próprio silêncio também pode ser traduzido em comunicação. “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências” (Foucault, 1986, p. 114). Somos e não apenas fazemos comunicação. O ser humano é comunicação, narrativas incompletas que vão ganhando significados e

relevância, assim como as relações, os sentimentos e a própria definição de ser humano (Bueno, 2021, p. 01-39). A mulher que silencia comunica a cultura de opressão humana e social vivenciada há séculos pelas ancestrais e perpetuada até hoje pelo poder misógino que limita quem será ouvida ou quem poderá falar.

3.1.4 Corpos femininos, abrigo da semente. De que natureza está se falando?

A compreensão sobre a importância do trabalho das catadoras para o meio ambiente não diminui a árdua tarefa desempenhada por elas; ao contrário, o setor da reciclagem só conseguiu se expandir devido ao aumento do número de trabalhadoras na catação, por vezes, diante de uma realidade de desemprego e vulnerabilidade social, ou seja, o trabalho na catação de material reciclável não partiu do pensamento da conservação do meio ambiente, mas por necessidade humana de sobrevivência. Apesar de reconhecerem a colaboração com o meio ambiente, as catadoras não se reconhecem enquanto natureza e não traz uma afinidade com o ambiente natural, mostrando-se que a relação de trabalho exercida em meio à natureza transformada, desconfigurada pelo ser humano, as afastam do meio ambiente natural.

É importante reconhecer que o lixo jogado de qualquer forma, na lixeira ou nas ruas se constitui um ponto final para quem joga, mas na verdade para as catadoras trata do início de um novo ciclo: o de sobrevivência. Nesse descompasso entre quem joga e quem recolhe perdem-se muitos materiais que poderiam ser reciclados pelo mau descarte e pela falta de coleta seletiva, inutilizando-os. Sobre a importância do trabalho das catadoras para o meio ambiente, elas traduzem o cuidar, o contribuir com a conservação ambiental através da coleta de materiais reciclados nas seguintes falas:

O meu trabaio é importante porque ajuda na reciclagem (M02)

Diminui o lixo no mundo (M05)

A gente ajuda a cuidar da natureza (M08)

Porém, percebe-se uma incompreensão de como funciona o processo de reciclagem e de que forma este ameniza os impactos ambientais causados pelo acúmulo de lixo no planeta Terra. No trabalho das catadoras não há hierarquia. Todas desenvolvem o trabalho no ritmo e cumprimento de horário individualizado, mas dentro da pressão oculta da produção, ou melhor, para que recebam algum valor dependerá, basicamente,

ritmo do tempo destinado ao trabalho e da sensibilização educativa de quem descarta, da gestão de coleta seletiva e das condições de serviços dessas catadoras, que são as mais desvalorizadas na cadeia da reciclagem.

Ao serem questionadas como enxergam a população de Cícero Dantas/BA em relação ao cuidado com o meio ambiente e se acham que as pessoas se preocupam com o lugar em que vivem e com o bem-estar do outro, todas responderam se tratar de uma população que não se preocupa com o descarte correto dos resíduos sólidos ou líquidos, sobras de refeição, rejeitos de banheiros, dentre outros, dificultando ainda mais o trabalho.

O outro, a coletividade (essenciais à identidade humana), ensinado a partir do termo africano *ubuntu* traduz que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas (Nogueira, 2012, p. 148). Assim, como a natureza necessita de equilíbrio, as ações humanas compreendem-se interligadas, sejam elas individuais ou coletivas.

Sobre experiências com situações de preconceitos ou racismo pela profissão que exercem, elas afirmaram já ter vivenciado em diversos momentos olhares e falas de exclusão, conforme os depoimentos da M03, M07, M08, M06 e M01 pelo fato de trabalharem como catadoras e por morarem na comunidade periférica chamada Cascalheira.

Não só a gente sofre com o preconceito do povo, como nossos filhos na escola, quando sabem que trabalhamos no lixão (M 03).

Eu acho que todo mundo tem preconceito com pobre, com negro, imagine com a gente que trabalha com o lixo (M 07).

Uma vez um moto taxi, quando chamei pra me levar até a rua, ele me perguntou se eu não tinha vergonha de trabalhar no lixão? Ali eu percebi que era ele quem estava com preconceito, também nunca mais chamei pra nada (M 08).

Eu não gosto de sair, eu só vou até uma farmácia ou na escola quando sou chamada, fico sempre em minha casa (M 06).

Só vou na rua resolver alguma coisa ou até a capela das freiras quando tem algumas doações (M 01).

As mulheres reconhecem a sua força, mas não o seu poder. Como Beatriz Nascimento destaca, “racismo é uma experiência que retira o sujeito de si mesmo, anulando-o em vida, que segue o indivíduo negro desde a infância” (Ratts, 2006, p. 48). A autora expõe a partir de suas experiências escolares, a multidimensionalidade do

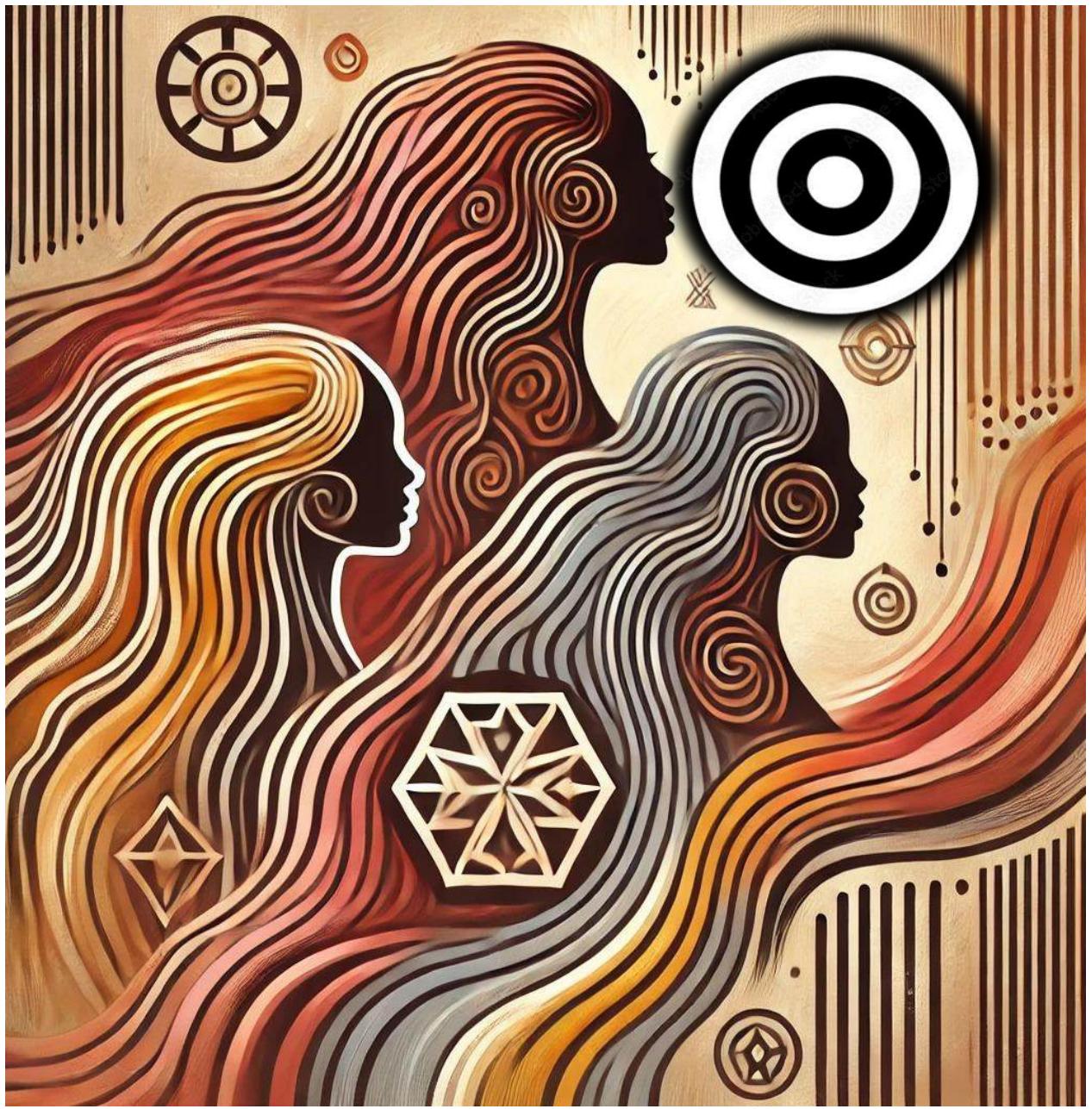
racismo em todos os âmbitos – pessoal, profissional, familiar, social. As escolas sempre colocaram, de acordo com as histórias ocidentais, a mulher submissa, a mulher negra inferiorizada o que, enquanto alunas negras ou não negras sempre ouviram e internalizaram a falta de perspectiva, de inspiração à mudança, como se todo contexto de desigualdade traduzisse em destino ao negro e a negra no Brasil.

Essas mulheres não se reconhecem na sua ancestralidade e não se reconhecem nas outras mulheres a inspiração e superação; desconhecem mulheres que fizeram histórias resultantes da ausência de uma educação de relações étnico-raciais que ensinassem a reconhecerem as mulheres como protagonistas de histórias de superação e intelectualidade, especialmente em relação aos aspectos estético-corpóreos, como a cor de pele e os cabelos, fundamentais para a autoestima feminina, visto que só se consegue construir uma sociedade menos excludente se romper com a desigualdade estrutural de raça, gênero e classe.

É perceptível a comunhão entre as catadoras, ajudando umas às outras. A conversa no final de tarde, ao pôr do sol faz parte da experiência dessas mulheres, talvez na tentativa de se reconhecerem uma na outra e ter o mínimo de lazer, haja vista que nenhuma costuma sair da sua comunidade para vir ao centro da cidade em busca de praças, sorveterias, lanchonetes ou eventos religiosos como espaço de lazer. Há um limite imaginário onde elas cabem, espaços que não tragam nenhum constrangimento e olhares diferentes, espaços próprios entre os seus, um habitat natural como sua casa, sua comunidade e o lixão, “*aqui somos todos iguais*” (M08).

Apesar de haver uma interligação dessas mulheres com o universo da ciência ambiental, elas desconhecem o meio ambiente como lugar que residem, sobrevivem e se fazem presentes, que são a própria natureza. Fatores como efetivas políticas públicas de coleta seletiva, sensibilização social e direitos do trabalho são a base necessária à melhoria no exercício da catação de materiais recicláveis.

Seção IV



Fonte: Imagem produzida por inteligência artificial a partir da base de Adinkras, com referência à força da mulher.

⁶ADINKRAHENE

⁶ Símbolo da grandeza e da liderança, representa aquela que é senhora de si mesma e irradia sua força para as demais (Nascimento e Gá, 2022).

4. ELAS, ESCREVIVÊNCIAS: A CIRANDA DAS CATADORAS

A proposta do produto educacional se concretizou como uma intervenção pedagógica com as catadoras de materiais recicláveis como sendo essencial à valorização cultural, histórica e social, em especial das mulheres que trabalham com a seleção e coleta de resíduos sólidos. Ao utilizar a roda de conversa como estratégia de troca de saberes, momentos de interação, aprendizado e lazer compartilhados por trabalhadoras, favoreceu o autoconhecimento e potencial de cada uma, ou seja, o protagonismo feminino.

Apesar da importância e contribuição que as catadoras de materiais recicláveis exercem sobre o meio ambiente, elas são invisibilizadas pela sociedade. Neste interim, como espaço organizado de educação informal, a partir da roda de conversas procurou-se em vez de conceitos e comportamentos prontos e corretos, difundir um diálogo aberto e progressivo, por meio da escutatória⁷, uma ação coletiva com as mulheres que fazem parte da vivência e se recusam à neutralidade da desigualdade social. Deflagrada nas narrativas de cada participante por meio da escuta ativa das histórias, foi possível produzir saberes com autoafirmação e o protagonismo feminino.

A escolha metodológica foi a roda de conversa, “como ponto de encontro entre as catadoras de materiais recicláveis, um espaço de negociação e não de normatização; de acolhimento e não de controle; de produção e de prazer – em busca da consciência crítica e autônoma” diante das experiências de vida (Sampaio *et al.*, 2014, p. 1301). A roda de conversa, um círculo, uma ciranda de mulheres, frente a frente, todas numa mesma posição, não há superioridade, há partilha, há voz feminina, e a história oral revela o “indescritível: toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas muito insignificantes - sendo o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, por serem impossíveis de serem transmitidas pela escrita” (Joutard, 2000, p. 33).

A pesquisa científica de cunho social precisa compreender o processo histórico, a relação social e cultural, como visão de mundo refletida na epistemologia, nas experiências individuais e coletivas. O produto educacional foi um exercício de escrevivência, que aproximou a epistemologia das experiências, a pesquisadora com as

⁷ Título de um texto de Rubem Alves, 2008. O termo designa a capacidade de dar atenção a quem está falando algo, ser um bom ouvinte.

pesquisadas. E trouxe como objetivo geral fomentar a participação e reflexão crítica das catadoras de materiais recicláveis sobre protagonismo da mulher na sociedade, por meio do seu trabalho e vivência cotidiana, nunca estudado anteriormente, conduzido pelos objetivos específicos: a) organizar roteiros acerca da temática para cada encontro, em formato de roda de conversa; b) possibilitar às mulheres, mediante as experiências cotidianas, um olhar acolhedor consigo mesma e com seu lugar no mundo; c) construir um livro pautado nas vivências das catadoras de material recicláveis, alinhada aos saberes de autoras como Conceição Evaristo e; d) realizar com as catadoras e comunidade local uma amostra cultural para divulgação do livro.

Com expoente nos depoimentos/falas das catadoras, condizente à metodologia escrevivência de Conceição Evaristo, construímos coletivamente o produto, um caderno de memórias e vivências das mulheres que exercem dentre todas as funções a elas atribuídas pela sociedade patriarcal, machista e excludente, a função de cuidadora, dessa vez, cuidando do planeta terra, ao exercerem a profissão de catadoras de materiais recicláveis. Neste sentido, a maior contribuição do produto, além da informação, do conhecimento disseminado nos bancos acadêmicos e na sociedade como um todo é o olhar atento às vivências das catadoras participantes da pesquisa que extrapolam conceitos fechados em si mesmo.

4.1 A voz silenciada da mulher na escrita revolucionária

A necessidade de ir além, realizando a intervenção, é deixar naquela comunidade uma contribuição enquanto ciência, vivência e troca de saberes. A autora Evaristo (2008) lembra qual seria a melhor ferramenta: a escrita. “Um dia elas haveriam de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada uma e de todas”. E, assim, como uma escrita revolucionária, essa precisa atravessar a invisibilidade, o silêncio do oprimido como recurso que se opõe ao poder. Definida por Neves; Heckert (2021, p. 146) como uma subversão do modo como se produz conhecimento, dentro e fora da academia, justamente por colocar entonação nas vozes, nos cheiros, na comida, no som das risadas, nos olhos marejados, no tom de deboche, entendendo que esses elementos são igualmente importantes para análise.

O conceito escrevivência, criado por Conceição Evaristo em 1987, faz referência ao estilo de escrita derivado do cotidiano, das lembranças e da experiência de vida” (Soares; Machado, 2017, p. 206), sobretudo ao se tratar de uma escrita de protesto diante

das opressões existentes na sociedade contemporânea; por isso, a escrevivência se tornou primazia inspiradora nesse cenário.

Em observância à fala de Dona Josiete, Presidenta da Associação Tigre, em Pacatuba/SE, em uma visita técnica (Profciam, 26/05/2023) à comunidade pesqueira, afirmava que “Eles não gostam que a gente se relacione, pense, e que estejamos bem-informadas. Isso amedronta o poder”. Ouvir as mulheres periféricas, a trajetória de vida, é afirmar que a partir do riso e do choro, do corpo e das relações, a periferia é um espaço de produção, de criação, de inovação e de resistências às contradições sociais (Neves; Heckert, 2021, p. 143).

A escrevivência tem como pano de fundo a imagem das mucamas e/ou das mães pretas contando estórias como fonte de entretenimento para a casa-grande. As mucamas eram apresentadas como mulheres que tinham o corpo escravizado, mas também a palavra circunscrita, dominada. Isto significa que as mulheres, em específico às negras, sempre foram cerceadas, domadas; hoje, não muito diferente, ainda há muitas mulheres silenciadas pela opressão machista, racista, enfim, por uma sociedade muito cruel, misógina, herança escravagista e colonial (Oliveira; Sampaio; Silva, 2021, p. 171).

Como registro da escrita, a escrevivência torna-se um caminho que faz jus às vivências singulares e aprendizados coletivos, representando a resistência da vida das mulheres que se impõem e tornam esta sociedade menos desumana. Como salienta Thompson (1992) sobre a história dessas mulheres, as quais são construídas sobre pessoas comuns que se transformam de objetos de estudo em sujeitos da História. Ou seja, “Abordar as vidas de mulheres [...], não como objeto passivo do produto, mas como potência artística, inventiva, por meio da escrita literária, é um modo de evidenciá-las como protagonistas de suas próprias histórias” (Soares; Machado, 2017, p. 206).

A escrita em combate à desigualdade precisa ser revolucionária e, como protesto, evidenciar na vivência da mulher suas mazelas, mas, também, a potência, o protagonismo da mulher, mãe, negra, trabalhadora, intelectual, e/ou sobrevivente do sistema patriarcal, aquela que luta nas suas adversidades por justiça com/e por todas nós. Portanto, o produto educacional como proposta interventiva não transforma a realidade das catadoras, apenas proporciona momentos de autoconhecimento, partilha e valorização.

4.2 A narrativa das catadoras: vivências a serem escritas

A roda de conversa foi a estratégia metodológica desenvolvida no decorrer da formação, preferencialmente, no espaço comum às catadoras de materiais recicláveis, na perspectiva de manter a sintonia entre a vida privada e o trabalho. Os encontros foram divididos em três momentos realizados na comunidade Cascalheira (Cícero Dantas/BA), local em que grande parte das mulheres que trabalham como catadoras no lixão, residem.

O horário dos encontros ocorreu no final da tarde para que não compromettesse a rotina de trabalho delas. O foco do estudo foram as catadoras de materiais recicláveis do município de Cícero Dantas/BA, bem como suas memórias e histórias de vida. Como primeiro passo, foi realizado o levantamento da realidade local, um diagnóstico necessário contendo observações participativas e registro das informações na agenda de campo, informações e curiosidades registradas a cada contato realizado. É importante, considerar que por não se tratar de encontros obrigatórios, fez-se necessário construir uma relação de confiabilidade mútua e interesse das mulheres em participar das atividades propostas.

As rodas de conversa tiveram, em média, uma hora de duração, e um olhar necessário e cuidadoso da facilitadora foi essencial para não tornar o momento cansativo ou insuficiente. Por isso, a real necessidade de planejar e mobilizar dinâmicas, atividades simples, porém contemplativas aos objetivos. Na perspectiva do processo de sensibilização, foram priorizados temas que refletissem o cotidiano, fornecendo elementos para um processo de mudança, valorização e autoestima, além do respeito à outra e à integração (Santos, 2018, p. 119). Enquanto segunda etapa, houve um processo organizacional de logística com relação ao espaço, busca por parceria para realizar momentos como acolhida, lanche, divulgação da atividade. Neste cenário, é importante frisar que estava paralelamente ocorrendo a pesquisa de campo, o que exigiu da pesquisadora comprometimento e cativação ao grupo pesquisado.

A roda de conversa é caracterizada como uma estratégia metodológica que se baseia na educação popular de Paulo Freire. Apesar de se apresentar como uma atividade simplista, pelo contrário, fazem-se necessários acordos no grupo de respeito à fala do outro, sigilo e a partilha do que realmente é significativo naquele diálogo. Em outras palavras, na prática, há um engrandecimento de conteúdo corroborativo com os objetivos fins. “As rodas de conversas possibilitaram a produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências das mulheres. Sua escolha se baseou na horizontalização

das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade" (Santos, 2018, p. 119).

Como penúltima etapa, foi a produção de histórias baseadas nos relatos das mulheres, se configurando no caderno de memórias: ELAS, ESCREVIVÊNCIAS: A CIRANDA DAS CATADORAS. Tal caderno traz uma transcrição das vivências relatadas oralmente, através do texto memória, que poderá ser na primeira ou terceira pessoa, contudo, a historicização será inspirado nos contos, poemas e vida de Conceição Evaristo, na escrita literária que se amplia por meio da ficção e se mistura à realidade.

E quem é Conceição Evaristo? "Em 29 de novembro de 1946, nasceu uma das maiores escritoras da literatura nacional. Criada na favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo de Brito costuma dizer que não viveu sempre rodeada de livros, mas se manteve atenta às palavras desde criança" (França; Osato, 2021, p. 3). Sobre Conceição Evaristo, ainda em Minas Gerais, obteve o diploma de professora em 1971 enquanto trabalhava como empregada doméstica. Mas foi no Rio de Janeiro onde construiu sua carreira: lecionou na rede pública de ensino, graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e concluiu o mestrado e doutorado em literatura (França; Osato, 2021, p. 3).

A autora traz em suas obras as desigualdades de gênero, raça e classe. Como lugar de fala tem propriedade sobre a vivência na favela e como pessoa preta, agraga ao produto um valor feminino e inspirador na vivência das mulheres periféricas que traz a rotina como catadora de materiais recicláveis. Transformar as narrativas dessas mulheres em textos que trouxeram experiências e práticas sociais, dentro de uma reflexão crítica é se colocar contra o poder hegemônico. Como nos afirma a própria autora do termo "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e, sim, para incomodá-los em seus sonos injustos" (Evaristo, 2008, p. 21). A produção escrita neste sentido nunca será para agradar os da casa grande, mas, ao contrário, tratará de uma escrita de incômodo, de protesto, denúncia, reflexão e visibilidade da mulher na sociedade atual.

Inspirada não apenas na história de vida, mas sobretudo na literatura feminina de Conceição Evaristo, na intelectualidade e ascensão das mulheres negras nos seus trabalhos, ousou-se refletir por intermédio da escrevivência, os atravessamentos e questões como racismo, desigualdade e discriminação de gênero, classe e raça, contidas no universo da grande maioria, das mulheres em que condicionadas pela estrutura capitalista, há lugares e histórias de vida de resistência com grandes ensinamentos. "Resistir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é

constantemente sufocada, a escrevivência se tornou um recurso de emancipação” (Melo; Godoy, 2017, p. 1289). Nessa coletividade que as mulheres se apresentaram como catadoras de materiais recicláveis, com suas vivências e troca de saberes no universo teórico e epistemológico da academia por meio de cada etapa detalhada no quadro 02 do referido produto.

Quadro 03 – Etapas do produto didático.

1 ^a ETAPA	2 ^a ETAPA	3 ^a ETAPA	4 ^a ETAPA
Levantamento da realidade local: um diagnóstico necessário	Construção da proposta: Entre a realidade e os objetivos	Operacionalizando a metodologia roda de conversa	Construção do caderno ELAS, ESCREVIVÊNCIAS: A ciranda das catadoras
Pesquisa de Campo	Busca de parcerias	1 ^a Roda de conversa Base do diálogo: Eu sou uma mulher: Autoestima e autocuidado Material: um espelho, caixinha de som com música	Pesquisar, coletar todas as informações registradas na agenda de campo, fotografias, áudios e vídeos.
Entrevista	Organização do espaço	2 ^a roda de conversa: Eu e os outros Material: Uma Colcha de retalhos e o texto de Cora Coralina com o mesmo tema	Construir a reescrita a partir das falas e anotações dos encontros.
Coleta de informações	Escolha das temáticas de cada encontro: Roda de conversa	3 ^a roda de conversa: Mulher: trabalho, família, saúde e natureza Mulheres e seus Poderes de transformação. Qual é o seu poder? Material: Oráculo com figuras de mulheres e seus poderes.	Passar por uma revisão ortográfica e encaminhar para impressão do caderno.
			Entardecer cultural com a divulgação do produto, exposição de cartazes, poemas, palestra, vídeos, dança e outros.

Organização: Nascimento e Costa (2024).

Ao traçar o perfil das mulheres que trabalham como catadoras de materiais recicláveis, foi identificado uma força de trabalho, explorada pela sociedade e indústria capitalista, as quais são esquecidas pelo Estado e pela real situação do local de trabalho e moradia, esse localizado na periferia de Cícero Dantas/BA. No primeiro encontro (figura 09), ao trabalhar com a temática autoestima e amor-próprio, utilizou-se um espelho e um fundo musical para construir um momento único de olhar para si com carinho e respeito que merecem, o que elas viam à sua frente, como se percebiam além do externo, o valor, a força e ancestralidade presente em cada uma.

Figura 09 – Primeiro encontro formativo.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

No segundo encontro (figura 10) foram usadas uma colcha de retalho e o texto de Cora Coralina com o mesmo tema, a fim de refletir coletivamente sobre a importância da outra, da diversidade como uma construção coletiva que enriquece e dá o colorido necessário à vida.

Figura 10 – Segundo encontro formativo



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

E no terceiro encontro, (figura11) utilizando-se de um oráculo com fotos de diversas mulheres, foi possível construir um diálogo sobre as mulheres que inspiram, inclusive, sendo elas também inspiração para outras mulheres. A importância da ancestralidade feminina, das lutas traçadas para que cada uma estivesse nesse mundo e

que é preciso deixar o legado para as futuras gerações. Ser mulher, é ser luz para outras mulheres.

Figura 11 – Terceiro encontro formativo.



Fonte: Nascimento e Costa (2024).

A busca pelo conhecimento, por meio da sabedoria popular e feminina, se concretizou na coletividade, no sorriso, nas poucas palavras carregadas de sentidos proferidas e em toda linguagem imbuída por cada ser, que se fez presente nas rodas de

conversas. À luz de outras tantas mulheres, donas de narrativas próprias, se construiu mais uma história.

4.3 Do silêncio ao discurso: Eu não sou uma mulher?

É importante ressaltar que mesmo identificando traços socioeconômicos de desigualdade, o presente produto alcançou histórias de vida e resistência da mulher como protagonista de uma sociedade que, mesmo sendo patriarcal, se curva aos saberes delas. Não por vontade própria, mas pelo espaço crescente do saber ancestral, no constante refazer-se da mulher e pelo lugar de fala que aos poucos se expande. Afinal, há muitos anos, elas já lutavam para que hoje pudessem viver, ensinando a questionar os seus direitos através do discurso, da fala, da voz e da posição feminina, quando Sojourner Truth em 1852, interrogou a todos e todas: “e não sou uma mulher?” (Davis, 2016, p. 97).

Apesar de ser catadora de material reciclável, de muitas vezes ser submissa, por um relapso da vida, esquecer a minha própria identidade, pela cruel realidade desigual que vivo, eu não sou uma mulher? A conquista desse produto se materializou a partir do silêncio assustador, da aspereza e indiferença ao mais sincero abraço de gratidão já vivenciado, como mostra a figura 12. Enfim, que o presente produto possa ser uma porta de entrada à visibilidade e melhoria no trabalho das catadoras, partindo do reconhecimento sobre a função que exercem e seus reais direitos enquanto trabalhadoras pelo poder público e social.

Figura 12 – Externando gratidão.



Fonte: Nascimento, Costa (2024).

E assim, fechou-se um ciclo (Figura 13) com as catadoras de materiais recicláveis do município de Cicero Dantas/BA, confirmando o que poeticamente, Caldas (2024) recita: “conviva com pessoas pelos bens imateriais que elas possuem, pela sabedoria do olhar, pela inteireza do espírito, pela nobreza dos gestos e pela simplicidade da alma”. E assim, inventando sempre a sobrevivência, “a gente combinamos de não morrer. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (Evaristo, 2016, p. 108). A vivência está para a ciência assim como a ciência está para a vida. Entre o café da manhã e o almoço há ciência, entre a lavagem de roupa e a atenção ao filho se faz ciência, entre o cafuné e descanso da noite produz-se ciência. Afinal, a mulher e a ciência se fazem belas quando se têm essência, perpetuada na escrita ou seria na vivência? Essas se confundem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, A NÃO CONCLUSÃO DA PESQUISA

Cada mulher traz nas suas histórias, marcas da vida. Umas, com a pele sensível, tudo sente; outras, mais ásperas, tudo sente. Portanto, a dor em ser mulher é universal, modificando, apenas a forma de senti-la. Algumas estão acostumadas a usarem vendas nos pés, sem reconhecer decerto o caminho a trilhar; outras, sem as vendas, resistem, almejam viver a liberdade e a beleza do mundo à sua frente, cada uma na sua singularidade segue como um rio o seu percurso, desviando dos obstáculos e das encruzilhadas opressoras de classe, raça e gênero.

Sendo assim, diante da complexidade da relação de trabalho das catadoras, imbuídas por questões sociais diversas, não há conclusão de análise, mas há possibilidade de uma contínua reflexão, estudos e perspectivas de verdadeiras mudanças à colisão opressora dessa realidade. Ao analisar a relação de trabalho das catadoras de materiais recicláveis do município de Cícero Dantas/BA foi possível compreender por meio da análise micro, um cenário macro (a tendência universal da exploração) interligado, as chamadas avenidas identitárias que por vezes se chocam.

Apesar do trabalho das catadoras serem extremamente necessário à conservação dos recursos naturais, diminuído o uso indiscriminado da matéria prima e por fazer parte de uma cadeia produtiva importante, essas mulheres não são valorizadas, muito menos visualizadas, seja pelo poder público ou social. À margem da sociedade, sobrevivem em meio à superexploração e submissão pauperizada, recebendo auxílio do governo federal e complementando com a renda da catação. Desprovidas de um olhar humanizado, estas vivem diariamente o trabalho precarizado, invisíveis aos direitos humanos e trabalhistas.

O gênero não existe em si mesmo, ele é uma categoria histórica e cultural que evolui no tempo e não pode ser concebido da mesma maneira. Para as mulheres racializadas, catadoras e mães afirmarem o que é, para elas, ser mulher é um campo de batalha. A classe, também é uma abordagem ampla que se encontra diretamente relacionada às dimensões sociais e culturais como fontes dependentes de poder; mesmo que a classe seja definida através da ordem econômica, esta não se restringe apenas a esse critério, mas à vivência da mulher como um todo.

O poder delimita espaços, sejam eles públicos ou privados. E, por fim, o marcador de poder, a raça completa a tríade de subestruturas sociais que condicionam a desigualdade, as quais são interdependentes, pois se entrelaçam nos mais diversos

momentos da história humana das mulheres. Apesar da necessária luta coletiva por direitos de classe, não se pode considerar a mulher como homogênea, mas seres com realidades e anseios interseccionais profundos e de subjetividade.

A relação de trabalho a partir das vivências das catadoras de materiais recicláveis no município baiano de Cicero Dantas compreende-se como uma realidade contrahegemônica imbuída dos mais diversos vieses sociais, desde o reflexo da degradação ambiental às mudanças socioeconômicas no país, afetando diretamente a mulher, por meio da feminização do trabalho. Essa que sempre trabalhou como cuidadora, função não reconhecida como trabalho, portanto não remunerada, passa a desenvolver profissões externas ao lar. A mulher que ocupa agora o sistema capitalista como mão de obra, proletarizada, não deixa de exercer a função antes atribuída com exclusividade: a de cuidadora e dona do lar. Situação cômoda à sociedade machista e do superlucro, essas mulheres não se tornam protagonistas, mas seres explorados, sufocadas pelas demandas e invisibilizadas pelo sistema capitalista da terceirização, desemprego estruturante e precarização no serviço.

No decorrer da pesquisa, por meio dos momentos reflexivos com as catadoras, aprendeu-se que apesar do trabalho se constituir parte essencial à sobrevivência humana, a vivência dessas mulheres se alarga em comunhão uma com as outras, na troca de experiências, na criação dos filhos e na partilha das memórias. As políticas públicas sejam elas as de resíduos sólidos, sociais ou trabalhistas, apresentam fragilidades e lacunas com relação à melhoria nas condições de vida e do trabalho das catadoras de materiais recicláveis, mais precisamente na valorização da mulher, de modo geral, se constituindo em verdadeiros desafios.

Portanto, torna-se indispensável refletir a realidade da mulher não apenas como catadora, mas como um ser de direitos igualitários; primeiro, mediante um trabalho consistente de práticas integrativas complementares entre escola e comunidade sobre o protagonismo feminino e valorização das mulheres locais, contemplando os ODS 04- Educação de qualidade e ODS 05, igualdade de gênero; segundo, cobrar aos órgãos responsáveis como a SEMMA (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) a elaboração do plano municipal de resíduos sólidos, incluindo estratégias de melhoria ao trabalho das catadoras e do processo de coleta seletiva; e, terceiro, por meio de efetivas políticas públicas os gestores responsáveis devem proporcionar formação de conselhos municipais ambientais, cooperativas das catadoras, postos de coletas seletivas e instalação de aterro sanitário adequado ao recebimento dos resíduos sólidos.

E, por último, é preciso um movimento ambiental municipal que contemple os ODS's da agenda 2030, agora com mais um compromisso firmado na sociedade brasileira: o ODS 18 sobre igualdade étnico-racial adotado voluntariamente. Aproveitando o ensejo do Brasil ser o centro das atenções no mundo por conta da Conferência do Clima (a Cop 30), a sociedade precisa participar ativamente desse processo por meio de atitudes diárias e sensibilização aos problemas ambientais resolutivos, como a questão do lixo.

O pacto firmado entre países não pode se constituir como algo distante da realidade humana, mas como ações coletivas que poderão alcançar metas e objetivos propostos. Em escala municipal, por meio da participação popular e apoio das secretarias do meio ambiente, infraestrutura, educação e saúde, devem ser feitas mobilizações que contemplem lixo zero na comunidade. Assistidos por incentivos governamentais, pelas ações do gestor municipal e pela colaboração da população, é imprescindível que essa tríade fortalecida seja eficaz na erradicação da desigualdade social, essencialmente necessária à justiça ambiental.

REFERÊNCIAS

- ABRELPE. Os descaminhos do lixo. **Estadão**. São Paulo, novembro, 2019. Disponível em: <https://abrelpe.org.br/brasil-produz-mais-lixo-mas-nao-avanca-em-coleta-seletiva/> Acesso em 25 de jan.2023.
- ABRELPE. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2022**. São Paulo: ABRELPE. 2022.
- ABRELPE. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2024**. São Paulo: ABRELPE. 2024.
- AGÊNCIA BRASIL. Alex rodrigues e Marcelo Brandão. **Políticas de cuidados é fundamental ao combate de desigualdade**. Brasília, julho de 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10004-2004. **Classificação de Resíduos Sólidos**.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho? **Seminário Nacional de Saúde mental e Trabalho**, São Paulo, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. O trabalho e seus sentidos. **Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, Vol. 10, nº1, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Os modos de ser da informalidade**: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho. Universidade Estadual de Campinas, IFCH, São Paulo, Brasil. setembro, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000300002> .
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BANCO MUNDIAL. Banco Mundial Mobiliza Apoio Record para o Crescimento Económico e Perspectivas de Desenvolvimento de África no AF 13. **Comunicado à imprensa**. THE WORLD BANK. Washington, 25 de Jul, 2013.
- BATAIER, Carolina. **Reformas trabalhistas e previdenciária produz fome, alerta pesquisador sobre o problema em São Paulo**. Brasil de Fato. São Paulo (SP), 26 de out. 2024.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo. Companhia das letras. 2022.
- BEZERRA, Jaldemir S. Batista; Batista, Maique dos S. Bezerra. **Neuroaprendizagem**: multifatorialidade da diferenciação do ser criança. 1ª ed.- Aracaju, SE: Criação Editora, 2024.

BIHR, Alain, 1998. **Da “Grande noite à alternativa”**, Editora Boitempo, Coleção Mundo do trabalho, São Paulo, São Paulo, 1998.

BORGES, Bárbara; Gomes, Francinai. **Saber de mim**: Autoconhecimento em escrevivências negras – pra preto ler – Editora Edições 70; 1ª edição, 2023.

BORGES, Luís Antônio Coimbra; REZENDE, José Luiz Pereira de; PEREIRA, José Aldo Alves. Evolução da legislação ambiental no Brasil. **Revista em agronegócios e Meio Ambiente**, Maringá/PR, v. 2, n. 3, p. 447-466, set./dez. 2009.

BOSI, Antônio de Pádua. **A organização Capitalista do Trabalho “informal”. O caso dos catadores de recicláveis**. RBCS, Paraná, v. 23, n. 67, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A mão esquerda e a mão direita do Estado. In: BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998

BRASIL DE FATO. Depizzol, Iolanda e Drague Ramos, Beatriz. **Mulheres catadoras**: trabalho com reciclagem promove empoderamento. São Paulo/SP, 11 de março de 2023.

BRASIL. **Lei n.º 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília/DF: DOU, 2010.

BRASIL. **Plano Nacional de Resíduos Sólidos**. Brasília/DF: DOU, 2012.

BRASIL. **Decreto n.º 10.936, de 12 de janeiro de 2022**. Regulamenta a Lei n.º 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília/DF: DOU, 2022.

BRASIL. **Confederação Nacional de Municípios**. Brasília-DF. Fev.de 1980.

BUENO, Vânia. **Somos comunicação**. TED x Campinas. 13 de janeiro 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6SxhT1OMT3o>.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CALDAS, Kelly Helena Santos. **Bens imateriais** (post). Instagram. Disponível em: [poesiasdakelly](https://www.instagram.com/p/CPmzXzHgkWz/), 2024.

CAMPONOGARA, Silviamar; RAMOS, Flávia Regina; KIRCHHOF, Ana Lúcia. Reflexões sobre o conceito de natureza: Aportes teóricos-filosóficos. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande/RS, v. 18, jan./jun. 2017.

CAMPOS E SILVA, Lívia. **O estatuto do Outro no pensamento de Jacques Lacan**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2017.

CARNEIRO, Eder Jurandir. Política ambiental e a ideologia do desenvolvimento sustentável. In. **A insuportável leveza da política ambiental**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

CASTRO, Daniel Stella. Um estudo sobre o conceito de natureza. **Revista do Departamento de Geografia** Universidade de São Paulo/SP. v. 38, 2019.

CEBRAP. **Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades**. Pacto Nacional pelo Combate às Desigualdades, 2023.

CONAE - Conferência Nacional de Educação. **Documento Referência**. Plano Nacional de Educação para o decênio 2014/2024- Lei nº 13.005/2014, Brasil, 2024.

CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 14. ed. São Paulo: Gaia, 2008.

COSTA, Katinei Santos. **Trabalho e ideologia**: o discurso da autonomia da liberdade no beneficiamento da castanha de caju. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: Escolhendo entre Cinco Abordagens. São Paulo: Penso, 2014.

CHAKAZ, A Perda do Corpo: **Uma Resposta à Análise Incompleta de Marx sobre o Trabalho Alienado**. 24 maio de 2011. Disponível em:
<https://chaka85.wordpress.com/2011/05/24/the-loss-of-the-body-a-marxist-feminist-response-to-estranged-labor/>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, Salvador: UFBA, v. 24, n. especial, p. 1-192, 2011.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2003.

ECOCIRCUITO. **O problema do lixo**. 2018. Disponível em:
<https://ecocircuito.com.br/cenario-do-lixo-> Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

ELZA, Soares. Letra e música: **A carne**. (2002). Disponível em:
<https://www.letras.mus.br/elza-soares/> Acesso: 20 de maio 2024.

ENGEL, Tatiana Gerhardt; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasiliidade: história e memória. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro. Malê, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** – 1^a ed. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: coletivo Sycorax. Ed. Elefante, 2019.

FERREIRA, Verônica. Trabalho e previdência social na pauta da luta por direitos. In **Cadernos de Crítica Feminista**, Ano I, n. 0, Recife, p. 74-82, dez. 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2021. **Mulheres são as mais afetadas por mudanças climáticas**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/11/mulheres-sao-mais-afetadas-por-mudancas-climaticas.shtml>. Acesso em: jan.de 2024.

FONTES, Virgínia. **Brasil e o capital imperialismo**: teoria e história. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber** Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de janeiro: Graal.1981.

FOUCAULT, Michel. Texto: **O corpo utópico. As heterotopias**. Le corps utopique, Les hétérotopies, 1966.

FOUCAULT, Michel. (1996). **Vigiar e punir**: nascimento da prisão (14a ed., L. M. Pondé Vassallo, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1975).

FRANÇA, Bernardo; OSATO, Tiemi. Vida e obra de Conceição Evaristo, grande nome da literatura brasileira. **Revista Galileu**, Rio de Janeiro, novembro, 2021.

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/11/vida-e-obra-de-conceicao-evaristo-grande-nome-da-literatura-brasileira.html> Acesso 25 de out de 2023.

FRANCISCO, el Hombre, **Triste louca ou má**. Álbum oficial, junho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE>. Acesso em 23 de dezembro de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde na Favela numa Perspectiva Antirracista**. Rio de Janeiro-RJ, 2023.

GALLO, Sílvio. A orquídea e a vespa: transversalidade e currículo rizomático. In: GONSALVES, Elisa P. **Currículo e contemporaneidade**: questões emergentes. São Paulo, Alínea, 2011.

GONÇALVES, Marcia Cristina Ferreira. **Filosofia da natureza**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

HARNECKER, Marta. **Conceitos elementais do Materialismo Histórico**, 6ª. ed, Santiago, 1971.

HARVEY, David. **A condição Pós- Moderna**, Ed. Loyola, São Paulo, 1992.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaterno**lista. Psicanálise e políticas da reprodução. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IBAMA. **Instrução Normativa n.º 13, de 18 de dezembro de 2012**. Publica a Lista Brasileira de Resíduos Sólidos. Brasília/DF: IBAMA, 2012.

IBAMA. **Instrução Normativa nº 12, de 16 de julho de 2013**. Dispõe sobre a regulamentação dos procedimentos de controle da importação de resíduos. Brasília/ DF: IBAMA,2013.

INSTITUTO AR. **Qual é a relação entre a desigualdade e a crise climática?** 2023. Disponível em: <https://institutoar.org.br/tpost/9b4epp6o61-qual-a-relao-entre-desigualdade-sociocon#openbuscar>

IBGE. **Pesquisas de orçamentos familiares 2017-2018**. Primeiros resultados. Rio de janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. Agência IBGE Notícias. **Censo 2022**. Brasil, 2022.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Estudo aponta desigualdade de gênero no trabalho doméstico e de cuidados não remunerado no Brasil**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>, Brasília-DF,2023.

JOUTARD, Phillip. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 43-62.

JONAS, Hans. **O princípio da responsabilidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

KAKU, Nádia Sayuri. Lixo x Resíduo x Rejeitos: entenda as diferenças entre os termos. **CasaCor Sustentabilidade**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/sustentabilidade/lixo-residuo-rejeitos-diferencias-entre-termos/> Acesso em 22 de jan. de 2024.

KURZ, R. A alta de autonomia do Estado e os limites da política: quatro teses sobre a crise de regulação política. In: KURZ, R. **Os Últimos combate**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 91-115.

LABORATÓRIO THINK OLGA, de exercícios de futuro. **Economia do Cuidado**, 2020. Disponível em: www.thinkolga.com.

LAYRARGUES, Phillip. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In:

LOUREIRO, F.; CASTRO, P. (Org.). **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-220.

LAYRARGUES, Philippe. Educação para a gestão ambiental: será esta a sucessora da educação ambiental? In: MATA, S.F. *et al.* (ORGs) **Educação ambiental desafio do século**: um apelo ético. Rio de Janeiro: Terceiro Milênio. 1998a.p.131-148.

LAYRARGUES, Philippe. **O discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica**. São Paulo: Annablume, 1998.

LAYRARGUES, Philippe, P. LIMA; Gustavo F. da Costa. As macrotendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo v. XVII, n. 1, p. 23-40 jan.-mar. 2014.

LEMOS, Livia Lovato Pires. **Prêmio Inspiradoras**: Finalista na categoria Atenção ao Câncer de Mama. São Paulo: USP, 2023.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LINERA, Álvaro Garcia. **Meio ambiente e igualdade social**. Rebelión, maio, 2017.

LONGINO, Helen. Subjects, Power and Knowledge: Description and Prescription in Feminist Philosophies of Science, in: KELLER, E.F. & LONGINO, H.E. (orgs.) **Feminism & Science**. Oxford, Nova York:1996.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Questões ontológicas e metodológicas da Educação Ambiental crítica no capitalismo contemporâneo. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande/RS, v. 36, n. 1, p. 79-95, jan./abr. 2019a.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental**: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019b.

LOUREIRO. Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: Contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental. **Educação & Sociedade**, Campinas/SP, v. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006.

LOUREIRO, Carlos F. Bernardo; Cunha, C. Conceição. Educação ambiental e gestão participativa de unidades de conservação: Elementos para se pensar a sustentabilidade democrática. **Ambiente & Sociedade**. Campinas v. XI, n.2, Jul-dez,2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação.** In.: Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 51-56.

LOUISE, Toupin, **Le Salaire au travail ménager:** Chronique d une lutte féministe internationale (1972-1977). Montreal: Éditions du rmue-m'nage, 2014.

LUKÁCS. G. Lukács, “As Bases ontológicas do pensamento e da Atividade do Homem”, In **Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, Ed. Ciências Humanas, n. 4,1978.

MAIA, Adriano F. da Silva; Leite, Beatrice F. Werneck. Financiamento ao Desenvolvimento Alinhado aos ODS da ONU. **Revista Tempo do Mundo**. n. 29. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Brasília/ DF, 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed.-São Paulo: Atlas, 2010.

MARCO DE SENDAI. Redução de Riscos e Desastres. **Coordenadoria Estadual da Defesa Civil.** Curitiba-PR, 2022 Disponível em: <https://www.preventionweb.net/senai-framework/senai-framework-at-a-glance>. Acesso em: 05 de mar de 2024.

MARIOTTI, Humberto. **Diálogo:** a Competência do Conviver. Comitê Paulista para Década da Cultura de Paz –um programa da UNESCO, São Paulo: Universidade de Saúde Pública da USP - Universidade de São Paulo, 2004.

MARX, Karl. **O capital**, vol.1/1, ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1971.

MARX, Karl. (2004) **Manuscritos Econômicos Filosóficos**, Boitempo editorial, São Paulo, 2004.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política.** São Paulo: Boitempo, 2013.

MATHEUS, Tatiane. **Vozes femininas:** por uma recuperação verde e inclusiva. Piracicaba/SP: Laboratório do Observatório do Clima, 2022.

MEDEIROS, Rozélia CEA. **Aterro sanitário.** Portal de Educação Ambiental. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo/SP: 2023. Portal de Educação Ambiental. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/aterro-sanitario/> Acesso em 21 de jan de 2024.

MEDEIROS, Luíza Ferreira Rezende de; MÂCEDO, Kátia Barbosa. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia e Sociedade**. v.18. Maio/Agos. 2006.

MELO, Henrique F. e GODOY, Maria C. (Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. Atas do V SI-MELP – **Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. p. 1285-1304, 2017.

MESZÁROS, I. **Filosofia, ideologia e ciências sociais**. Trad. Ester Vaiman. São Paulo: Boitempo, 2008.

MEU RESÍDUO. **Lei de incentivo à reciclagem é regulamentada**; saiba como funciona. Disponível em: [//www.meuresiduo.com/news/lei-de-incentivo-a-reciclagem-e-regulamentada-saiba-como-funciona/](http://www.meuresiduo.com/news/lei-de-incentivo-a-reciclagem-e-regulamentada-saiba-como-funciona/). Set, 2024.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010** – 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

MONTENEGRO, D. M. Trabalho, lixo e lucro: precariedade do trabalho no circuito econômico da reciclagem. In: **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: diversidades e (des)igualdades**. Salvador.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais XVI encontro regional de história da anpuh -Rio: Saberes e práticas científicas. ISBN 978-85-65957-03-8. ES- Vitória, junho/agosto de 2014.

MUNANGA, Kabengeke e Gomes, Nilma Lino. O Brasil, o que é afinal? In. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. (1942-1995). Uma história feita por mãos negras: **Relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização: Alex Ratts 1ª ed. – Rio de Janeiro-Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. GÁ, Luís Carlos. **Sabedoria em símbolos africanos**, ed. Cobogó, IPEAFRO, 2022.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Nações Unidas, 2008. Disponível em: http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf.

NTE, 17. **Núcleo territorial de Educação, 17**. Disponível em: https://nte17.educacao.ba.gov.br/?page_id=6. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

NEVES, Gabriela Silva; HECKERT, Ana Lúcia Coelho. Escrevivência: uma ferramenta metodológica de análise. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v.17, n. 1, p. 139-162, 2021.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN** • v. 3, n. 6 • nov. 2011 – fev. 2012 • p. 147-150

OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. In. **Brasil é o segundo país com maior proporção de jovens 'nem-nem'** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/>, 2023.

ONU- Organização das Nações Unidas. **A ONU e o meio ambiente**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Set. de 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. Pegada. **Revista de geografia e do trabalho**. v.3, 2002.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; SILVA, Olívia Aparecida. Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrevivência’, de Conceição Evaristo. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 166-194, 2021.

OLIVEIRA, Vanessa Dias. As mulheres no âmago da precariedade histórica do mundo do trabalho. **Revista Geografia em Atos**, Departamento de Geografia Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, v. 3, n. 18, p. 243–268, 2020.

OXFAM. Desigualdade S.A. ed. Brief Comunicação- **Revista Oxfam** – jan. de 2024.

OYÈRÓNKÉ Oyêùmí. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução wanderson flor do nascimento. 1^a ed. Rio de janeiro. Bazar do tempo, 2021.

PATEMAN, Carole (1988). **The sexual contract**. Stanford, California: Stanford University Press.

PIMENTEL, Edlene. Uma “Nova Questão Social”? Raízes Materiais e Humano-**sociais do Pauperismo de Ontem e Hoje**. Maceió, Edufal, 2007.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: planeta do Brasil, 2023.

PREVITALI, Fabiana Santana. Ricardo Antunes. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2192>. Coimbra: CES/ Almedina, 2013.

QEdu. 2024, **Percentual de alunos reprovados ou que abandonaram a escola**. Disponível em: <https://qedu.org.br/> acesso em dez. de 2024.

REGO, Anna Paula Eckhardt de Almeida. **Trabalho Precário e Reprodução Social: A Realidade dos Catadores do Lixão da Codin em Campos dos Goytacazes/Rj.** Universidade Federal de Santa Catarina-Florianópolis-SC, Out. 2015.

RELATÓRIO DO OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DAS DESIGUALDADES. Um retrato das desigualdades no Brasil, hoje. ABCD – Ação Brasileira de Combate às Desigualdades CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Pacto Nacional pelo Combate às Desigualdades. Agosto de 2023.

RESENDE, Leandro. **5,8 milhões de brasileiros foram afetados pelas chuvas e secas em 2023.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional>. CNN, São Paulo, Acesso em 27/09/2024.

RODRIGUES, Célia Regina Pereira e MENTI, Magali de Moraes. **Resíduos Sólidos: Gerenciamento e Políticas Repúblicas Federais.** Caderno de pós-graduação em direito PPGDDIR, ed. digital. v. XI n. 3. Porto Alegre, 2016.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza & Imprensa Oficial, 2006.

SAFFIOTI, Heleith. Circuito Fechado: abuso sexual incestuoso, in: **Mulheres vigiadas e castigadas.** São Paulo: CLADEM, 1995.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero patriarcado violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleith. Movimentos sociais: face feminina, in: CARVALHO, Nanci Valadares de (ORG) **A condição feminina.** São Paulo; ed. Revista dos tribunais/ vértice, p. 143-178, 1988.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. Trabalho feminino e capitalismo. **Perspectivas, Revista de Ciências Sociais**, ano 1, vol. 1, n.1. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1976.

SAMPAIO, Juliana; Santos, GILNEY Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu/SP, v. 18, Supl. 2, p. 1299-1312, 2014.

SANDERS, Bernie. Um mundo maravilhoso para poucos? **Revista Desigualdade S.A.** OXFAM, 2024.

SANTOS, Márcia Maria. **Educação Ambiental para o Ensino Básico.** São Paulo: ed. Contexto, 2023.

SANTOS, Laysa da Hora. 2018. 150f. **Projeto Técnico-Educacional:** curso de agentes mirins disseminadores da cidadania ambiental. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2018. p. 115-126.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

SILVA, ARAÚJO. Elizângela Cardoso de. **Povos indígenas e o direito à terra na sociedade brasileira.** <https://doi.org/10.1590/0101-6628.155.133>. Sep-Dec 2018.

SILVA, Carlúcia Maria. Trabalho, Economia solidária e catadores de recicláveis: desigualdades de gênero, em busca de cidadania. **Revista da ABET**, v. 13, n. 2. jun./dez. 2014.

SILVA, Gilda O. do Valle. **Capital Cultural, Classe e Gênero em Bourdieu**. Informare- Cad .Prog. Pós-Grad. Ci. Inf. V.1, n.2, p.24-36, jul. / dez. 1995.

SILVA, Elmo Rodrigues da; SCHRAMM, Fermin Roland. A questão ecológica: entre a ciência e a ideologia/utopia de uma época. **Cad de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 355-365, jul./set., 1997.

SILVA, Luciana. Codognoto da. **O trabalho de mulheres na reciclagem: ambiguidades, fronteiras e representações**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.50, 2017.

SILVA, Jéssica de Oliveira; MENEZES, Sócrates. Trabalho feminino e produção do espaço: uma leitura a partir da realidade brasileira atual. **Revista Pegada**. v.25, mar. 2024.

SPECK, Débora; Martins, Pâmela de A. **Audre Lorde é muitas e única**. Instituto de Estudos de Gênero. UFSC, 2021.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, Florianópolis, v. 17, n. 39, p. 203-219, maio/ago., 2017.

SOARES, Elza. **Música: a carne**, 2002. Disponível em:
<https://revistacult.uol.com.br/home/a-musica-serve-para-denunciar-para-gritar/>

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; FERRARO-JÚNIOR, Luiz Antonio. Educação Ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2., p. 285-299, maio/ago. 2005.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. Conhecendo Análise de Discurso, **Linguagem, Sociedade e Ideologia**. Manaus, ed. Valer, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascenção Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TERTULIAN, N. **Marx: uma filosofia da subjetividade**. Outubro, São Paulo, n. 10, p. 7-16, jan./jun.2004.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual**: Racismo e branquitude na formação do Brasil. 1^a ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASAPOLLO, Luciano. **O trabalho atípico e a precariedade**. ed. Expressão popular, São Paulo, 2006.

VII RELATÓRIO DOS ODS. VII Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 do Desenvolvimento Sustentável Brasil. **Grupo de Trabalho para a Agenda 2030** (GTSC A2030) Ed. Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero, 2023.

VIII RELATÓRIO DOS ODS. VIII Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 do Desenvolvimento Sustentável Brasil. **Grupo de Trabalho para a Agenda 2030** (GTSC A 2030) Ed. Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero, 2024.

VESCHI, Benjamin. **Etimologia, origem do conceito**. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/dignidade>.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. UBU ed. 2020.

WALTERS, M. Collapse and convergence in class theory. **Theory and Society**, n. 20, p.14-172,1991.

WHITT, LA. et al. Perspectivas indígenas. In: JAMIESON, Dale (Org.). **Manual de filosofia do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 17-32.

UNEP-Unidade de Notícias e Mídia, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. **O mundo deve superar a era do desperdício e transformar o lixo em recurso, segundo o relatório da ONU**, 2024. Disponível em: unep-newsdesk@un.org.

Apêndice A- Termo de autorização para uso de imagem e depoimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA
DE PÓSGRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÉNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Adriana Santana de Sousa Nascimento do projeto de pesquisa intitulado “Tecendo vivências das mulheres no trabalho da cata de materiais recicláveis no município de Cicero Dantas- Bahia” a realizar as fotos/filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. O pesquisador responsável e sua equipe comprometem-se em cumprir as Res. 466/2012 e 510/2016 CNS. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Aracaju, em ____ / ____ / ____.

Entrevistado

Responsável Legal CPF (Caso o entrevistado seja menor – incapaz)

Pesquisador responsável pela entrevista

Apêndice B - Roteiro de observações / observar e anotar

Data: _____

Turno: _____

Tempo: _____

1. Local de trabalho das catadoras de materiais recicláveis (popularmente lixão)

- a) Condições existentes no local;
- b) Fatos específicos e detalhes do que acontece no local;
- c) Impressões setoriais: visão, som, cheiro;
- e) Resumos de conversas, linguagens informais;

2. Local de moradia das mulheres (comunidade Cascalheira)

- a) Os sujeitos são receptivos/acolhedores?
- b) Abertos ou fechados?
- c) Houve alguma rejeição em relação à visita da pesquisadora?

Apêndice C – Formulário de entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÉNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)



De acordo com a pesquisa, a entrevista semiestruturada fez parte da coleta de dados, buscando compreender como acontece o trabalho das catadoras de materiais recicláveis no lixão de Cícero Dantas/BA. A presente entrevista fez parte de um diálogo pré-definido e organizado com as catadoras. Observação: A entrevista aconteceu naturalmente, sem formalidade para que as mesmas compreendessem e respondessem com liberdade e veracidade a cada questionamento.

DADOS PESSOAIS

Nome fictício:
Idade:
Escolaridade:
Tem filhos? Quantos?
Autodeclaração:
Preta
Branca
Parda
Indígena
Casada?
Possui casa própria?
Na sua casa tem banheiro?
Fogão industrial ou à lenha?
Quantas pessoas mora com você?
Escolaridade

TRABALHO

1- Você sabe quantos homens e mulheres trabalham, atualmente, no lixão de Cícero Dantas/Bahia?
2- O que motivou você a “escolher” trabalhar no lixão? Quando e como você iniciou essa atividade?
3- Qual é o papel desempenhado por você no trabalho realizado no lixão?

4- Existe competição entre as catadoras de materiais recicláveis?
5- Qual é o meio de transporte que você utiliza para ir ao trabalho? Você possui algum tipo de transporte para chegar ao local de trabalho? Se sim, qual?
6- Você enxerga alguma forma de melhorar as condições de trabalho no lixão? Quais melhorias você acha que poderiam ser feitas?
7- Você já ouviu falar sobre cooperativas de reciclagem? Se houvesse uma melhor organização do horário de trabalho, divisão de tarefas, locais apropriados para receber o material reciclável e roupas adequadas, você consideraria isso uma melhoria no trabalho? Por quê?
8- Quanto em média você arrecada por mês com o trabalho de catadora? Em média 500 a 600 reais Em média 400 a 500 reais No máximo 400 reais

FAMÍLIA

9- Você tem filhos? Quantos? Onde ficam quando você sai para o trabalho?
10- Seus filhos e filhas estudam? E você estudou até que série/ano? O que te levou a parar de estudar? Caso tivesse oportunidade, voltaria aos estudos?
11- Você mora com alguém? Tem um companheiro (a)?
12- Como você consegue lidar com as demandas do trabalho e das responsabilidades domésticas? Você recebe ajuda de alguém? Quem te auxilia?
13- Enquanto mulher, como você se sente sendo catadora de materiais recicláveis? Você considera essa atividade uma profissão? Por quê?
14- A renda obtida por meio da coleta e venda dos materiais recicláveis é suficiente para sustentar sua família ou você precisa de outras formas de auxílio? Quais tipos de ajuda, por exemplo?
15- Você mora em uma casa própria ou alugada? A sua residência fica próxima ou distante do local de trabalho?

SAÚDE

16- As roupas e calçados que você utiliza durante o trabalho são adequados para a atividade realizada? Você acha que essas vestimentas oferecem a proteção necessária? Por quê?

17- Você soube de alguém que adquiriu alguma doença relacionada ao trabalho no lixão? Se sim, poderia compartilhar qual doença foi essa?
18- Como está a sua saúde, atualmente? Você faz algum acompanhamento médico regular? Usa algum medicamento contínuo? Por qual motivo?
19- Você considera importante cuidar da saúde da mulher, como realizar exames de mama e exame preventivo?
20- O trabalho com resíduos apresenta diversos riscos à saúde dos trabalhadores. Você já ouviu falar sobre Equipamentos de Proteção Individual (EPIs)? Você recebe ou tem acesso a esses equipamentos durante o trabalho no lixão?
21- Você já sofreu algum acidente de trabalho? Qual?
22- Como anda sua saúde mental? Você se considera uma pessoa calma ou estressada? Consegue dormir bem à noite?
23- Como mulher, você se considera vaidosa? Como está sua autoestima e como você cuida do seu corpo, mente e vida de maneira geral?
24- Você cuida de si mesma ou sua vida se resume a cuidar dos outros? Fale um pouco sobre sua vida e como você equilibra as responsabilidades pessoais e profissionais.
25- Como mulher, você já enfrentou algum tipo de violência? Se sim, poderia compartilhar essa experiência e como você se sentiu diante disso?

NATUREZA

26- Você considera o seu trabalho importante para o meio ambiente? Por quê?
27- No seu trabalho como catadora de materiais recicláveis, existe alguma hierarquia ou alguém que ocupa uma posição de liderança? Como é a dinâmica e relação entre as catadoras de materiais recicláveis?
28- Para você o que é meio ambiente?
29- Como você enxerga a população de Cícero Dantas/BA em relação ao cuidado com o meio ambiente? Você acha que as pessoas se preocupam com o lugar em que vivem e com o bem-estar do outro?

30- Você já ouviu falar sobre racismo e preconceito? Você já vivenciou situações de racismo devido à sua cor de pele ou ao local onde você vive ou trabalha? Como você reagiu a essas situações?

31- Além dos materiais recicláveis que são coletados, vocês costumam realizar a coleta de materiais reutilizáveis? Quais, por exemplo?

Apêndice D- Cronograma da pesquisa

CRONOGRAMA	2023				2024				2025			
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Mês/ etapas												
Levantamento de referencial teórico			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Reformulação e adequações do projeto					X	X		X				
Apresentação do projeto em seminário específico							X					
Elaboração do projeto do produto							X					
Reformulação e adequação do projeto do produto									X	X	X	X
Qualificação do projeto			X									
Adequação do projeto de acordo com orientação da banca avaliadora						X	X					
Submissão ao conselho de ética								X	X			
Aplicação da pesquisa e redação dos resultados da pesquisa										X	X	X
Revisão da redação final	X	X										
Entrega da pesquisa		X										
Defesa da pesquisa		X										

Elaboração: Nascimento e Costa (2023).

Apêndice E – Diário de campo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

ADRIANA SANTANA DE SOUSA NASCIMENTO

DIÁRIO DE CAMPO



São Cristóvão/SE
2024/2025

No dia **02 de outubro de 2024**, realizei minha primeira visita ao campo de pesquisa: o único lixão da cidade de Cícero Dantas, situado no estado da Bahia. Esse lixão encontra-se a céu aberto, sem nenhum tipo de tratamento ou cuidado efetivo. Durante a realização de uma palestra, um dos palestrantes nos levou a refletir sobre o uso do termo "jogar algo fora". Onde seria esse "fora"? Na realidade, não existe um lugar chamado "fora". Todos os resíduos sólidos que produzimos permanecem em nosso maior lar: o planeta Terra. Já pararam para pensar nisso? Provavelmente não, porque, de fato, não nos importamos tanto com o destino do lixo que geramos em nossas casas, comércios, escolas e outros lugares. O que nos interessa é nos livrar dele. Para BOFF (1996, p.13) "O planeta é a minha casa e a terra, o meu endereço. Como posso viver bem numa casa mal arrumada, malcheirosa, poluída e doente?".

Neste primeiro momento, realizei a observação do espaço, que foi impactante. O lixão está localizado entre as comunidades Cavunza e Faleira, em uma área



próxima à estrada de terra e com acesso a várias moradias. Também pude notar algumas casas nas proximidades, indicando que, apesar da tentativa de distanciá-lo da cidade, o lixão já está sendo cercado pelo crescimento urbano. Inclusive, ao longo da estrada que direciona ao lixão, há uma placa com o aviso "perímetro urbano".

Neste momento, não conversei com os catadores de materiais recicláveis, apenas com uma senhora que estava mais próxima. Perguntei a ela se aquele acúmulo de lixo era proveniente de todas as comunidades que fazem parte do

município de Cícero Dantas, e ela confirmou positivamente. Fiz algumas fotos e percebi que havia cerca de 12 pessoas presentes no local. O lixão, como descrito, é uma área extensa, e há uma grande quantidade de insetos, moscas, pernilongos, aves como urubus, formigas e um forte odor desagradável.

No dia 08 de outubro de 2024, retornoi ao meu campo de pesquisa. Hoje, busquei me aproximar mais dos catadores de materiais recicláveis. Além do intenso calor que fazia, os insetos estavam bastante agitados, e pude observar ainda mais catadores trabalhando. Ao questionar sobre o número de pessoas envolvidas na coleta de resíduos recicláveis, fui informado que eram, ao todo, vinte e duas pessoas. No entanto, percebi que há uma competição entre os próprios catadores. Cada um busca coletar o máximo possível assim que o caminhão despeja os resíduos urbanos, que ficam expostos ao sol e à chuva. Durante o dia, eles coletam materiais como garrafas PET, fios de cobre, vidros e qualquer outro item que possa ser vendido. Dois caminhões das cidades vizinhas, também em território baiano (Tucano e Fátima), passaram para recolher esses materiais e pagar pelo serviço prestado pelos catadores.



No decorrer das duas visitas, é perceptível o constrangimento por parte dos catadores ao ver alguém "de fora" se aproximar. Isso, provavelmente, ocorre devido ao fato de o lixão não ser um ambiente acolhedor, como uma "sala de estar", mas, sim, um local de descarte, onde são jogadas as coisas que não queremos mais: os restos e as sobras. Ao mesmo tempo, os catadores estão ali, misturados, vestindo várias camadas de roupas, provavelmente tentando se proteger do sol e dos insetos.

Nesse espaço que escancara a desigualdade, o máximo que uma visita consegue se instalar são alguns minutos. Nada mais do que isso.

Diante da realidade da cidade de Cícero Dantas, uma cidade centenária com belas histórias, com um comércio em crescimento, praças públicas, igrejas e prédios públicos em constante "progresso", surge a pergunta: por que escolher o lixão da cidade como foco do trabalho de pesquisa? Embora não haja uma resposta definitiva, descreverei aqui algumas inquietações que me motivaram.

Primeiro, é importante compreender que a vivência natural traz consigo traços históricos. Ou seja, muito do que somos hoje, nossos hábitos, cultura, crenças e valores, são construídos coletivamente no cotidiano. Portanto, é interessante refletir que desde o período colonial, quando os portugueses chegaram e invadiram as terras dos indígenas sem pedir licença, tinham objetivos muito claros, deixando marcas de autoridade, violência e extermínio de vidas e culturas. Logo em seguida, com a herança escravista, surgiu uma história contraditória em relação ao universo harmônico que a natureza sempre nos ofereceu. Neste sentido, os traços coloniais e escravocratas, resultantes de um imperialismo degradante, perduram até hoje e destrói tudo à sua volta, inclusive o próprio ser humano.

O processo de invasão não ficou para traz. Hoje em dia, existe sob a faceta de expansão urbana, invasões de terras e, principalmente, a não consciência da devastação, ao próprio espaço de vida: o planeta Terra. Em prol da Revolução Industrial, marcada pelo consumismo, não se medem as consequências, muito menos o quantitativo de resíduos sólidos produzido para este fim. Assim, temos o avanço do lixo, dos lixões, da pobreza e da desigualdade entre brancos e negros, cada vez mais acentuada.

Vestígios de violência, segregação e abandono pós alforria. Sim, estamos livres! E agora? Continuaremos servindo aos brancos e construiremos barracos, casebres distantes, somente assim, sobreviveremos. Provavelmente, pensou o negro. Seguida da República, do golpe militar, o Brasil foi se constituindo até os dias atuais. Realidades dicotômicas, entretanto, conhecida como sociedade miscigenada, de cultura diversa, como parte da propaganda nacional. O que nos remete, ao ínterim sócio racial emergente, à ideia da desigualdade camuflada no racismo (a pobreza tem cor) à moda brasileira, o negro, o pobre, a mulher, a negra, o analfabeto são os que sentem na pele esta segregação, ao ponto de se sentirem abandonados pelos órgãos públicos, partindo desde o lugar onde vive ao lugar que

desempenham seu trabalho com o mísero recurso que recebem. Neste contexto, temos a realidade do aumento de RS nos lixões, graças a classe privilegiada, com o consumismo em alta e o trabalho desvalorizado do catador e/ou catadora de RS como meio de sobrevivência.

Contudo, diante dessa reflexão, podemos comprovar que a história aliada aos interesses capitalistas não abre espaço para igualdade de direitos; a desigualdade sempre haverá, porque, metaforicamente, é como o dia e a noite, uma precisa do outro para existir.

O segundo motivo, apesar do meu apego à cidade de Cícero Dantas, é que as problemáticas socioambientais existem e, como tal, precisam ser discutidas com as instâncias responsáveis como forma de intervenção e, principalmente, para desvendar o racismo ambiental como uma questão a ser levantada diante da sociedade capitalista que nos cerca.

Hoje, **dia 22 de outubro de 2024**, realizei mais um momento de observação simples, dando os primeiros passos sistemáticos na minha pesquisa. Em um dia chuvoso, presenciei um espaço gigantesco entre o verde, que estava repleto de lixo, animais e pessoas emaranhadas uns nos outros. O silêncio no ambiente do lixão também é bastante reflexivo, e embora haja seres vivos, incluindo os seres humanos, pouco diálogo surge ali.

Foi possível observar que a entrega dos resíduos sólidos pelos caminhões ocorre a partir das 9h da manhã, horário em que normalmente as catadoras iniciam seu trabalho, que se estende até às 14h. Com a presença de mais mulheres naquele ambiente, é perceptível que elas evitam se envolver com o pesquisador presente no local, exigindo maior habilidade para obter informações precisas dessas mulheres.

Devido às chuvas, pude presenciar a proliferação do



chorume, que, segundo o UOL Brasil Escola, (2024) é definido como “um líquido malcheiroso e geralmente escuro, originado do processo de decomposição de resíduos orgânicos [...] podendo causar danos irreparáveis aos seres vivos, principalmente àqueles que vivem ou se alimentam nos lixões. Além disso, pode contaminar lençóis freáticos e outros recursos hídricos, bem como transmitir doenças”. Com essas observações, constata-se que o ambiente onde minha pesquisa está sendo realizada é o local de trabalho, onde as trabalhadoras enfrentam uma série de desafios e dificuldades: jornadas extenuantes (mulheres trabalhando diariamente por 6 horas), discriminação e estigma social, além da ausência de direitos trabalhistas.

No dia 24 de outubro de 2024, retornei ao meu local de pesquisa para mais um momento de observação e entrevista semiestruturada, com alguns pontos já direcionados, para a coleta de dados e com o objetivo de dialogar com as catadoras de materiais recicláveis, sujeitos da minha pesquisa.

Os desafios encontrados para a efetivação da pesquisa são diversos, partindo desde o difícil acesso ao local, pois ali havia lama, chorume e cheiro muito forte; a



disponibilidade de um lugar, normalmente, exposto ao sol, para manter um diálogo, até mesmo, a disposição das catadoras em colaborar com a pesquisa, já que todas ficam ansiosas pela coleta que chegará logo, e, ao mesmo tempo, encontram-se tímidas para participar da conversa. Contudo, aos poucos, sinto que esse distanciamento é amenizado, resultado da abordagem adequada ao contexto, por parte da pesquisadora. Enquanto elas esperavam as coletas chegarem para

desempenhar o trabalho, pude realizar um momento de lanche e conversa com elas. Conversei com oito catadoras de materiais recicláveis, sendo a maioria negras e indígenas; elas relataram estar naquele ambiente por dificuldade financeira. Por não

terem outras oportunidades, recebem o benefício do governo (o Bolsa Família), e não fazem parte de nenhuma organização de cooperativa. Nunca receberam visita de políticos (sobre as personalidades políticas, mostram-se bastantes revoltadas pelas promessas e não cumprimento delas) ou empresários, com exceção de um comerciante que leva algumas cestas básicas para elas, vez ou outra. As catadoras chegam ao trabalho andando, pois não dispõem de transporte. A catadora Maria relatou que criou todos os filhos a partir do trabalho no lixão e que tem, em média, 28 anos de serviço como catadora de materiais recicláveis. As mulheres catadoras com quem conversei, hoje, afirmaram, considerar importante o trabalho na catação para sua sobrevivência e da sua família, não pela questão ambiental. Desconhecendo a importância, neste viés, até porque para elas, o que menos importa é ajudar o meio ambiente e, sim, sobreviver neste mundo capitalista e desigual.

Também, comprehendi que o espaço é composto por familiares, que chegam e vão fazendo parte daquela tradição de reciclagem, como a maioria das mulheres que se casam com os catadores de materiais recicláveis e, neste contexto, passam a desenvolver o mesmo trabalho, constituindo-se um ciclo cultural. Sobre as roupas e sapatos que usam, muitas vezes, é retirado do próprio lixo. Algo que chamou a atenção foi o fato de mesmo tendo uma enorme quantidade de rejeitos naquele espaço, muitas alegaram ser insuficiente a quantidade de materiais recicláveis para atender as necessidades das catadoras. Outro ponto importante, e dialogado, foi sobre a escolaridade: há uma divisão acentuada entre as mulheres que nunca foram a escola e aquelas que frequentaram a escola por um determinado período.

No **dia 28 de outubro de 2024** realizei mais um momento de observação relacionado à minha pesquisa. Neste dia, percebi que só havia uma mulher trabalhando. Possivelmente, tenha sido um dia em que elas receberiam algum benefício do governo e, por conta disso, tenham se ausentado. Mesmo encontrando apenas uma catadora, o objetivo com a observação não se perde, ao contrário, traz

uma realidade ainda mais estranha ao ambiente. A solidão, o silêncio naquela mulher acomodando-se ao espaço de rejeitos remete a algumas palavras-chave para não se deixar esquecer dos sentidos aflorados no local de trabalho das catadoras: a) audição: silêncio; b) olfato: cheiro forte; c) tato: extremo calor; d) visão: inutilidade, esquecimento, lixo; e) paladar: sede; fome.



Observando a questão das vestimentas essenciais para a proteção solar, a mulher estava com sandália e várias roupas, dispostas uma sobre a outra, o que, provavelmente, causa maior desconforto térmico e não se concretiza em uma proteção adequada. Protetor solar, roupa e sapato adequados não havia ali. Mascarar a verdade quando a realidade é muito cruel, nunca será



o caminho para a melhoria socioambiental, apesar de muitos se utilizarem do discurso amenizador, como a mudança de nomenclaturas,

utilizando-se alguns termos como rejeitos, resíduos ou materiais recicláveis. Quando na verdade estando naquele local, trata-se exatamente de lixo. Encarar a realidade do lixão são para poucas pessoas, sobretudo por entender a dinâmica do descaso da sociedade com as questões ambientais.

O egoísmo humano, muitas vezes prevalece: não quer lixo em casa, na rua, mas não há uma preocupação real para onde irá tudo aquilo que é rejeitado. Nesta observação ficou muito claro que os problemas precisam ser encarados de forma objetiva, sem rodeios ou enfeites. O lixão é um lugar sub-humano, causado pelo ser humano e que agrupa mulheres desempregadas, excluídas da sociedade para a retirada de rejeitos em meio a rejeitos, até serem transformados em materiais reciclados. Neste momento em que observo, comprehendo que as catadoras também se incluem como um ser reciclável, que ao estarem naquele trabalho, não têm alegria, sorriso, prazer, tornando-se quase uma máquina humana, sem sentimentos e, que ao sair daquele espaço, ao chegarem em casa, tomam banho se renovam, se reciclam, garantindo, mesmo que de forma escassa, o sustento da família.



ELAS, ESCREVIVÊNCIAS

A ciranda das catadoras



São Cristóvão- SE, 2025

ORGANIZADORAS:

**ADRIANA SANTANA DE SOUSA NASCIMENTO
E KATINEI SANTOS COSTA**

COLABORADORAS:

**ANA MARIA DOS SANTOS
ANA LÚCIA JESUS VIDAL
ELIANE SANTOS DE OLIVEIRA
MARIA JOSÉ DE JESUS SANTOS
MARIA LIDINEI DOS SANTOS OLIVEIRA
NÁDIA HELENA DE JESUS SANTOS
RENILDA DE JESUS SANTOS
SANDRA DIAS DOS SANTOS**

Sumário

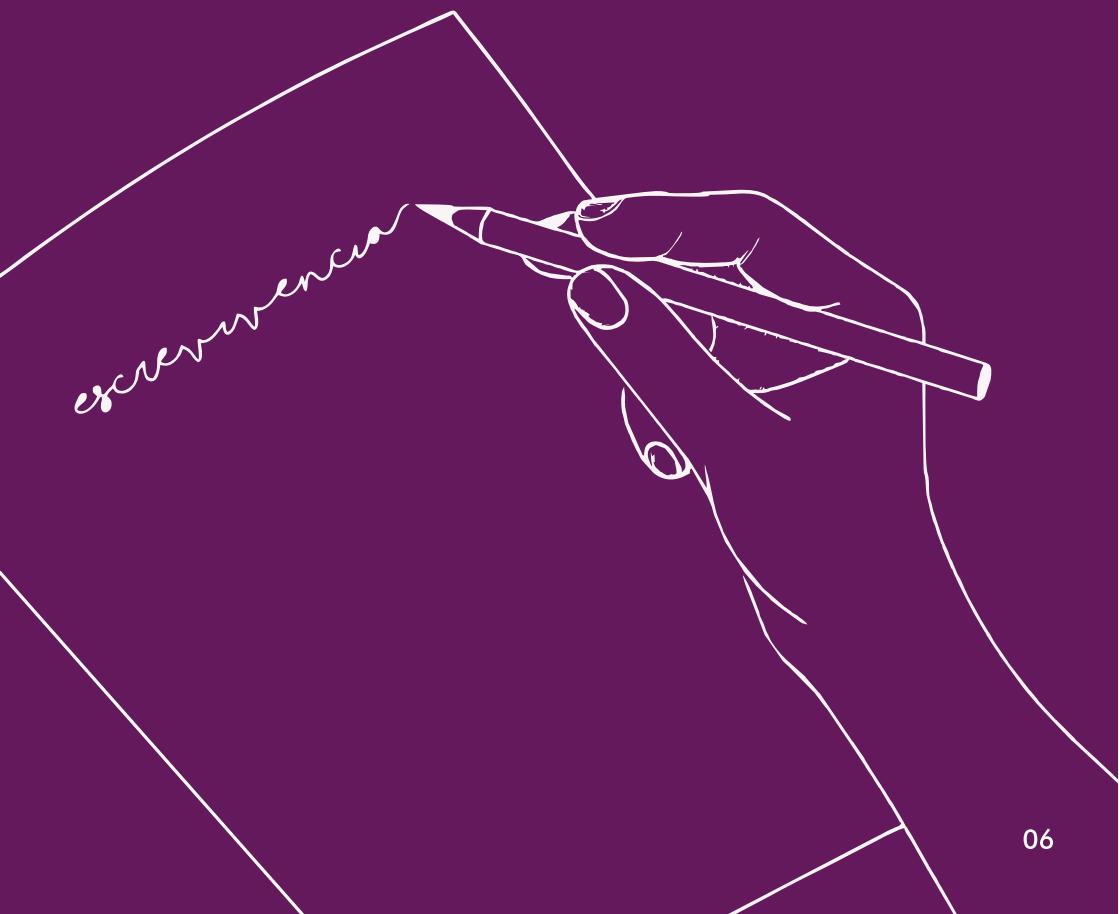
Apresentação.....	04
1. Escrevivências das catadoras.....	05
1. Mulher na ciência, a não linearidade da vida.....	07
2. O silêncio daquele lugar.....	09
3 A infância na vida adulta.....	11
4. Uma vida igual a tantas.....	13
5. O lugar onde vivo	15
6. Mulher, como vai você?.....	17
7. Permita-se escutar outra mulher.....	19
8. Quando só o silêncio fala.....	21
9. A mulher, a criança e suas escolhas.....	23
10. Escola, espaço de acolhimento às diferenças.....	25
11. Maria, Mariazinha, Mainha.....	27
12. Véspera de natal.....	30
2. Mulheres e seus Poderes de transformação. Qual é o seu poder?	32
Considerações finais.....	41

Apresentação

Este livro faz parte da atividade de extensão desenvolvida com as catadoras de materiais recicláveis do município de Cicero Dantas-Bahia, como produto pedagógico de conclusão do mestrado em Ciências Ambientais. A ideia se caracteriza no resgate da memória das mulheres que fizeram parte da pesquisa, no contexto da vivência de cada uma, retratando as histórias de vida, muitas vezes relegadas ao esquecimento, tolhidas de condição digna e desamparadas de visibilidade precisa. São mulheres artesãs da sensibilidade cotidiana imposta pela subjetividade social, sobreviventes das intempéries situações castigadas pela submissão, verdadeiras habitantes de territórios reais. Nesse acinzentado cenário, surgem as narrativas denominadas escrevivências, há uma composição de um painel de lembranças e vivências calcados no trabalho árduo, na pobreza e na exclusão. Apresentada por Conceição Evaristo, escritora, ativista, mulher e professora negra, a escrevivência traz para além das nossas fronteiras, a atração exercida pela escrita emocionada, que conjuga realidades sofridas com sentimento e lirismo, alimentando o interesse dos leitores por novas histórias. E assim como uma das personagens de Evaristo, no livro *Becos de memória*, ao questionar as histórias limitantes expostas nas escolas e pensar: “Quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. A vida não poderá gastar-se em miséria e na miséria” (Evaristo, 2006, p. 138-147). E desta forma, ter-se como inspiração, não apenas a leitura, mas a escrita, tornar escritora, escrever sobre a realidade, a vivência, como uma forma de protesto, de rebeldia e de sobrevivência da mulher. Desses fatos, o presente caderno traz memórias silenciadas pela sociedade eurocêntrica e capitalista que ouve apenas o homem branco e burguês, base do poder da desigualdade, construtor de mundos subalternos, colonializando pensamentos. Quantas Evaristo não há nesse mundo? Com suas histórias de vida que nutre o verdadeiro sentido do existir, faltando-lhe apenas acreditar que é capaz de construir o seu espaço

intelectual entre o ouvir e ser ouvida; entre a voz e sua vez de se expressar. Portanto, as narrativas presentes traduzem as histórias que foram contadas e vivenciadas pelas catadoras de materiais recicláveis, partícipes das rodas de conversas no finalzinho de tarde, aquecidas pelo pôr do sol, nos inspirando a transcrição das histórias, na qual a narradora pede licença, enquanto mulher, cis, branca, privilegiada, mas que ao mesmo tempo, assegura o seu lugar de fala, enquanto pesquisadora, mulher, educadora e mãe. À vista disso, a partir desse lugar de espectadora, busca compreender a vivência da mulher negra, da mulher catadora, da mulher mãe, enfim, do real lugar de fala de cada uma delas, tornando-se semeadora das vozes femininas, do desconhecido, do silêncio que agora fala.

1. Escrivivéncias das Catadoras



1. Mulher na ciência, a não linearidade da vida

Hoje, mais do que nunca se ouve “lugar de mulher é onde ela quiser”. Mas será que é tão fácil assim? Por mais que seja a vontade de algumas, que tenha havido, um certo avanço aos direitos das mulheres, há um grande percurso a ser trilhado até alcançar essa vivência. Assim, Joana pensava, presenciava e vivia.

Joana, vinda de uma família pobre, filha de um pequeno agricultor, que plantava mais para o sustento da própria família, já que só possuía um pedacinho de terra ao lado da sua simples casa de dois cômodos e um banheirinho improvisado do lado externo. Era assim que ela vivia. Sempre muito decidida, Joana tinha bem maior que as dificuldades a vontade de aprender, de conhecer o mundo por meio do estudo. Aluna de escola pública estudou nas escolas próximas, ou melhor, não tão próximas assim, da sua comunidade, concluiu o ensino fundamental. E agora? O que fazer? Pelos pais parava ali mesmo, ia ajudar sua mãe em casa e na lida da roça, talvez arranjar um pretendente desses trabalhadores, que enfrentam

o sol do nordeste como ninguém. Mas Joana não se conformava e buscava vencer esses, dentre tantos obstáculos.

Num finalzinho de um dia comum, Dona Filó, dona de uma fazenda próxima a casa de Joana, fazendo sua caminhada, passa na frente da casa, vê aquela menina-moça e logo cresce os olhos para cima dela, seria ideal para tomar conta dos meus filhos lá na cidade, pensou. E logo fez o convite. O pai de Joana, seu Antônio não queria aceitar, mas a mulher o convenceu, afirmando ser uma oportunidade para ter as coisinhas dela que por muitas vezes faltava.

Na semana seguinte, Joana partiu para a cidade, lá tudo muito novo, cuidou em se matricular à noite, pois durante o dia precisava trabalhar para que os filhos de dona Filó estudassem na



escola particular da cidade. Joana trabalhava o dia inteiro, fazia todo o serviço doméstico, apesar do cansaço ela cumpria sua obrigação diária, às vezes chegava a cochilar nas cadeiras, a qual, logo era repreendida pela professora.

Mas a vida não é linear, entre o sonho e a vivência muitas histórias acontecem. E Joana prestes a concluir o ensino médio engravidou de rapaz que, há pouco, tinha conhecido.

Planos alterados, as dificuldades cresceram, entretanto, ela concluiu o ensino médio, teve sua filha e continuou trabalhando. Passou o tempo, sete anos depois, surge uma oportunidade de realizar o ensino superior, agarrou com unha, dente e toda determinação possível. E de lá para cá, Joana nunca mais parou de estudar, hoje fazendo mestrado, sonha, ainda, com o doutorado, se divide todos os dias entre ser professora, mãe, esposa, filha, tia e estudante.

Essa última, a melhor parte da história, pois estudar, ler, conhecer, escrever são vivências únicas que ninguém as tiram, alimentando a alma, o vigor e o encanto pela vida.

Sim, ela se divide, a mulher na ciência nunca está apenas para a ciência, como ocorre com a grande maioria dos cientistas. Ela debruça em todas as esferas, sem deixar que nenhuma parte seja afetada, o peso patriarcal de criar e cuidar nunca libertou a mulher, seja ela o que quiser ser. Dentro dessa visão não significa que a mulher é menos capaz na produção científica, mas sobretudo, trazem vivências, subjetividades, experiências, que só elas detêm, tendo o poder de apropriar quando preciso e se desconectar quando necessário.

Portanto, ao ver uma mulher disposta a estudar a acolha, pois com certeza ela está vivendo um turbilhão de experiências, de dores e de abandono que a sociedade machista e capitalista visualiza e trata como “natural”.

2. O silêncio daquele lugar

Há lugares que são silenciosos e bonitos por natureza, mas nem todos são assim. Bem ali, ali mesmo, perto da sua cidade existe um lugar em que ninguém quer ficar por muito tempo, em que o barulho do vento não te encanta, o sol no dia com poucas nuvens parece ser bem mais forte do que o normal, é um lugar isolado, feito para ficar escondido. Não, não se trata de um campo de guerra, de uma mineradora como aquela que rompeu em Brumadinho, mas, é tão destrutivo quanto. Criado pelo ser humano como solução, alimenta a ilusão da sociedade que tudo está bem, quando tantos não estão.



O mundo cobra beleza, as pessoas têm sede de viver, muitas vezes viver de qualquer jeito e consume-se muito para isso. Tudo industrializado, a maçã vem na sacola plástica, o queijo vem no pratinho de isopor, o sapato comprado pela internet veio em quatro embalagens resistentes. E o que fazer com tudo, tudo e tudo que é produzido? Útil ou inútil?

Os animais ali presentes não são coloridos, são pretos, às vezes até assustadores, quando todos resolvem levantar voos de uma única vez. Muitos se esbarram nas mulheres ali camufladas com vestes escuras, capuz e tecido cobrindo o rosto na tentativa de se proteger do sol e de esconder o rosto de si mesmo. O desprezo pelo próprio corpo, a falta de higiene, de alimento e de água potável também é visível. Além do silêncio entre elas, pouca conversa, afinal não há muito o que falar, há muito mais o que fazer, para logo irem embora e deixar aquele lugar sobre o comando delas, as aves pretas. E quando um animalzinho colorido, ou melhor, caramelo, de olhos azuis, resolve surgir entre sacos plásticos, papéis. Restos de alimentos e vidros? Ou melhor, quando da esterilidade, surge a vida, como podemos definir essa história?

Caramelo foi o nome escolhido pelas mulheres que trabalham neste lugar. Repentinamente, numa manhã ensolarada, ao chegar no trabalho, as catadoras se deparam com um cachorrinho abandonado, poucos dias de nascido. Logo tocadas pela ação inerente à mulher, surge a primeira atitude de cuidado, dividem a água da garrafinha que trouxeram de casa com aquele animalzinho e recolhem dos rejeitos algo para alimentá-lo.



Afinal, viver a partir da existência do outro alça-se à solidariedade, coletividade e, principalmente, o amor. Apesar do lugar estranho, irregular e inabitável, por um tempo, já não o era tão silencioso, Caramelo vivia naquela redondeza tornando o dia daquelas mulheres um pouco menos áspero.

Um dia comum de trabalho, as mulheres seguem juntas debaixo do sol escaldante do Nordeste para seu destino. Ao trazerem água fria para caramelo, começam a chamá-lo, mas ele não atende, elas acham estranho, mas seguem com o seu trabalho. Não demora muito, veem os verdadeiros moradores daquele lugar em festa, ao se aproximarem, ali estava, um ser sem vida, caramelo, o único animal colorido que havia ali. Tristes, as mulheres refletem:

- Uma vida que surge na aridez desse meio ambiente, degradado pelo próprio ser humano, não sobreviveria por muito tempo. Tudo aqui é vulnerável.

3. A infância na vida adulta

Desde o nascimento, a mulher é condicionada a trilhar por limites e não apenas por uma pedra no caminho, mas várias e de todos os tamanhos. Menina veste rosa, menino veste azul, mesmo que não tivesse as cores nas roupas para escolher. Menina não pode brincar com menino. Vera Lúcia só vai estudar até aprender a ler, depois deverá ajudar sua mãe nos afazeres da casa. Assim foi a criação dessa mulher. Menina tímida, morava na comunidade chamada Queimada grande. Morava numa casa de barro, chão apilhado com cheiro de barro molhado que impregnava o nariz de quem os visitavam. Potes espalhados, pratos e canecas de barro eram o luxo daquela casa, afinal sua mãe Valdete era ceramista, fazia potes, bacias, gamelas para vender na feirinha próxima da sua comunidade, e assim tentar conseguir o alimento dos seus filhos. Mãe de oito filhos, cinco homens e três mulheres, havia um cansaço sobre-humano naquela mulher ancestral. Vera Lúcia, a quarta dos oito filhos, era encaminhada a cuidar dos menores, na escassez de tudo, se desdobrava a desenvolver esta missão, a qual, não havia pedido, mas que o “destino” lhe dera de presente.

Passado o tempo, Vera Lúcia, já mocinha, com seus quatorze anos, concluiu a quarta série e, como seu pai impôs, parou de estudar, visto que também naquela comunidade não haveria jeito de continuar os estudos, não havia escola, nem professora. Logo, em meio a tantas faltas, Vera Lúcia não mostrava felicidade, sempre séria, pouco sorriso e com o aspecto de mulher mais velha do que sua real idade, continuou ajudando a mãe na criação dos seus irmãos e nas atividades domésticas. Até que despertando para o namoro, eis que surge um “príncipe encantado”. Não, não critiquem porque era assim que aprendíamos nas poucas leituras ofertadas nas escolas. Toda mulher precisava de um príncipe encantado e, na verdade, nunca aparecia. Hoje, sabemos que de tão encantados, eles jamais existiram.

Mas, Vera Lúcia encantada pela história em que a gata borralheira vira princesa, logo se vê apaixonada, breve namoro, logo se casam e vão dividir juntos os dias e as faltas, essas em abundância. E assim aconteceu.

Não, este não é o fim, muito menos faltou a criatividade, contudo pela repetição do enredo, esta história se encerra aqui. Por que na vida da mulher a continuação do ciclo de vida é quase certo, de mãe para filha, de comunidade para comunidade, de analfabetismo para analfabetismo. Exceto, se houver histórias de superação de representatividade que as libertem.

4. Uma vida igual a tantas

Numa manhã comum de uma terça-feira, Vênus, como faz todos os dias, levantou cedinho, pôs a água do café no fogo e cuidou em acordar as crianças para ir à escola. Sua filha adolescente levante de mal humor, com pouco ou nenhum querer em ir à escola. Mas, Vênus com sua sabedoria, rapidamente, diante das palavras proferidas, à força:

- Ou você irá para a escola ou segue comigo para o trabalho me ajudar na reciclagem? Pois, sempre lhe digo, que para pobre só existe um jeito de melhorar de vida, através dos estudos, caso contrário terá uma vida igual a minha. Logo, mesmo com cara de poucos amigos, Filó trata de se arrumar e segue na busca de um outro futuro. Os dois netinhos que também vivem naquela casa, ao contrário de Filó, espertos e ansiosos pela escola, em rever os amigos, brincar e comer a merenda. -Logo hoje, terça-feira, que é cachorro quente. Levantam rapidamente, faz uma menção de limpeza, calçam as sandálias e correm para esperar ônibus. A avó ainda, tenta fazê-los tomar um pouco de café, mas eles se recusam, por que não tinha pão, apenas o café preto e alguns farelos de pão, farofa de três dias anterior, no fundo do pacote. Neste momento, o silêncio se faz presente naquela humilde casa localizada no alto do Biscoito, nome popular do bairro. Vênus, sente-se um pouco mais aliviada de vê-los seguir para a escola, pois ela bem sabe que sem estudo, tudo é mais difícil. Toma um gole de café preto, coloca umas roupas de molho na bacia e às pressas, como sempre, vai ver o que tem para fazer o almoço. Na vasilha de manteiga, feijão em caldo, uns ovos na porta da geladeira. Uma geladeira usada que ganhou das freiras, mas que ainda serve. Viu também que tinha farinha e uns miúdos de galinha, respirou fundo e logo tratou de cozinhar para deixar a comida pronta para quando retornassem da escola.

Como toda mulher dona de casa, sabe-se que o tempo passa depressa, principalmente pelas manhãs. E assim, quando percebeu já eram oito e quarenta e cinco, às pressas se apossou de um boné, encostou a porta e seguiu o seu destino. Ou seria sina?

No caminho, os pensamentos são rápidos como ela, a ida ao lixão embaixo daquele sol, às vezes a faz sentir sede, transpira muito e até mesmo sente náuseas, mas sempre com passos firmes e cabeça erguida, ela responde a si mesmo: - É melhor trabalhar que pegar coisa dos outros.

Já no trabalho, junto com outras mulheres, faz em silêncio o seu papel, mergulha no mar de resíduos e retira daquela cata o que poderá ser reciclado ou até mesmo reutilizado por alguém. Horas de silêncio, agora não mais ela, mas daquele ambiente distante da vida em abundância, ao contrário, ali se faz presente tudo que é efêmero, de descarte, de inutilidade e total desapego à mãe natureza. Esta, dificilmente é lembrada pela sociedade, a não ser quando entope os bueiros e as águas retornam às suas casas.

5. O lugar onde vivo

Depois de um tempo, a mulher aprende que o lugar que se vive a define socialmente, ou seja, terá privilégios ou não. Será aceita ou excluída na sociedade. E foi assim que Dona Laíde também aprendeu. Mãe de nove filhos, negra, indígena, assim que foi morar com José deixou a comunidade Banzaê e veio para Cícero Dantas, uma cidade próxima. No início sentia muita falta da tribo, costumes e familiares, mas com o tempo se adaptou à vida distante, até porque chegaram os filhos e tempo para melancolia não mais existia.



Hoje moradora da comunidade Cascalheira, afastada do centro da cidade e de vizinhos na própria comunidade, mora no alto, a o lado de uma capela abandonada, próxima a casas de noras e filhos. Bem recente não havia iluminação pública e muito menos calçamento, hoje essa comunidade já conta com esses itens necessários e as três casas desses familiares indígenas foram retiradas da escuridão, realidade que não impede a segregação.

Dona Laide nunca conseguiu trabalhar fora de casa, nunca houve oportunidade, muito menos convite. Desta forma dependendo apenas do marido, que fazia bicos como pedreiro, no sustento dos filhos, decidiu em uma manhã acompanhar sua comadre Terezinha ao lixão da cidade e saber como era o trabalho de reciclagem.

-De início fiquei um pouco assustada com a quantidade de resíduos, de urubus e do mau cheiro que havia naquele ambiente, principalmente quando chegava o caminhão do abatedouro de frango. As penas e os restos das galinhas, quando exposto ao sol torna insuportável o odor. Mas logo superei àquele estranhamento e vi que não era tão ruim assim, ao menos poderia ajudar o meu velho com algum dinheiro.

No dia seguinte, assim que a família se dissipou, ela voltou ao lixão, agora já levava sacos grandes para coletar e guardar a sua reciclagem, e desse dia em diante nunca mais Dona Laide parou de trabalhar. Hoje, o marido e os filhos a acompanham nessa luta diária de sobrevivência.

Entre vivências e histórias, dona Laíde fala sobre o medo que tem em perder seus filhos para a violência e o preconceito. A maioria ainda jovens, apenas dois estão mais tranquilos, os casados.

Eles gostam de ficar na calçada, mexendo no celular, conversando, mas todos os dias as polícias sobem aqui para amedrontá-los. Esses dias, quando fui para o lixão, eles chegaram invadiram a minha casa revistaram os meninos viram que não tinha nada de estranho e foram embora. Não precisa ter motivo para eles invadirem as casas, fazer os meninos entrarem, basta saber de onde eles são, periferia, pretos, descendentes de indígenas e filhos de catadores, para o poder isso é o bastante.

6. Mulher, como vai você?

Às vezes, vivemos como se fôssemos uma personagem de filmes de super heróis, não paramos para respirar, olhar para dentro e perguntar, como estou? quem sou? E na atribulação da vida esquecemos de nós mesmas. Foi assim que iniciou o diálogo com dona Terezinha, mulher franzina, miudinha, cabelo sempre preso com o coque e uma presilha colorida, que se autodeclara uma mulher negra, a qual me diz ter muito orgulho da sua ancestralidade, simples, humilde, mas nunca, segunda ela, triste, pois é grata pela família e o pão de cada dia.

Dona Terezinha, conterrânea de São João da Fortaleza, comunidade quilombola, ainda não registrada, veio para a sede da cidade assim que teve seu segundo filho, José Carlos. A vida já não era fácil na comunidade e como seu segundo filho tinha muitos problemas de saúde, a estrada muito ruim, longe da cidade tinha muita dificuldade de levá-lo ao médico, motivo pelo qual veio morar em Cícero Dantas, na comunidade Cascalheira. Hoje, dona Terezinha com 46 anos, mãe de cinco filhos, dois homens e três mulheres, relata, com os olhos d' água as memórias que viveu. Tempos difíceis, passando até fome, frio e por muitas vezes, dependente da

ajuda dos outros. Nestas condições, vivendo numa comunidade periférica de pessoas também carentes de recursos, logo foi chamada a ir para o lixão recolher materiais recicláveis e quem sabe até, conseguir algum material útil para seus filhos. E assim, está até hoje, trabalhando no lixão como catadora de materiais recicláveis.



Com histórico bem comum às mulheres, dona Terezinha foi deixada pelo marido, assim que teve seu quarto filho, pois o caçula da família é fruto de um outro relacionamento. Desta forma, entrando para a estatística de mães solas, um papel difícil e de entrega total da mulher. Fã de Roberto Carlos, conta que não perde um show de final de ano na rede globo e que se emociona, pois remete a memórias afetivas de quando mais jovem, tempo que sente saudade e que não voltará mais. Eis que por um minuto, surge na memória a letra da música e começa a cantar.

-Como vai você?

-Eu preciso saber da sua vida

-Peço alguém pra me contar sobre o seu dia...

Às vezes, só precisamos ouvir este questionamento, que parece tão simples, mas traz consigo um significado de interesse pelo outro, de saber como está, de zelo, cuidado e amor. O que por muitas vezes, a mulher é esquecida tanto na sociedade, quanto pelos próprios filhos, companheiros e amigos, visto que dentro de uma visão machista de naturalização do esforço da mulher dona de casa, doméstica, mãe e catadora, não cabe sequer o interesse na sua subjetividade humana, como se ela não fizesse mais que a obrigação. E por meio de tanto desinteresse social, muitas tornam-se invisíveis. A mulher esqueci de si, não se reconhecendo como ser identitário de direitos à qualidade e melhoria de vida humana.

E assim dona Terezinha nos revela que apesar da letra da música alertar.

-Não deixe tanta vida pra depois.

Foi justamente o que ela fez até aqui, se doou, serviu ao outro, ao mundo, ao trabalho e esquece de si.

7. Permita-se escutar outra mulher

Quem tem avó, tem tudo, quem nunca escutou essa frase. A palavra avó deveria ser substituída por doçura, amor, aconchego ou eternidade. Porque elas deveriam ser eternas, vocês não acham? Assim Beatriz pensava.

Menina alegre, mas muito tímida, no auge dos seus treze anos, vivia com sua mãe e seus três irmãos. O pai vivia pelo mundo, era vendedor ambulante, comercializava redes, cadeiras de balanço e chapéus, na verdade o que encontrasse ele vendia. Rivaldo era sabido e com muito esforço mantinha o sustento dos filhos.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por Bia e sua família, ela era agradecida pela existência da vó Nenê.

Mas quem era vó Nenê? Uma senhora de oitenta e dois anos, mãe de oito filhos e avó de doze netos, viúva há muito tempo, foi uma das primeiras moradoras da cidadezinha do interior da Bahia, chamada Bom Conselho. Sempre muito ativa, vó Nenê aos quarenta e dois anos perdeu sua visão por conta de uma doença, até hoje, desconhecida, foi um momento muito difícil, enquanto mãe e dona de casa, mas aos poucos se refez e adquiriu uma nova habilidade para passar o tempo, utilizando seu dedal, a partir daí, a vovó que costurava e bordava, que logo eram utilizadas na arte do crochê e do tricô. As mulheres se encantavam com suas produções.

Passava dia após dia, num balanço cotidiano daquela cadeira, que ficava no canto da sala de um longo corredor com piso vermelho, bem cuidado, cor sangue, dava para os quartos e cozinha.



Vó Nenê, em alguns momentos, até parecia um móvel da casa para aquelas que não se permitia escutá-la, ou seria uma estátua de deusa africana?

Cabelo branco, corpo farranzino, descendente de pais negros que foram escravizados, sempre atenta, conhecia os passos de muita gente que adentrava sua casa, inclusive de Beatriz, sua neta. A menina estudava o sétimo ano do ensino fundamental na escola próxima a casa da avó. Sempre que tinha um momento livre corria para os braços aconchegantes dessa senhora sábia de contar histórias de vida. Em uma sacola plástica continha sempre uns biscoitinhos de coco para agradar as crianças que ali chegavam. Contar histórias era para ela um momento de vida, de protagonismo, sua memória era impecável, recordava-se de quando era menina e com o semblante de paz narrava acontecimentos que continham tristeza, violência, perdas, mas também histórias de amor e de superação.

E assim costurando suas histórias e tecendo seus crochês, vó Nenê que não enxergava com os olhos, mas com o coração viveu os últimos anos de sua vida, sendo para Beatriz um exemplo de mulher que a educou por meio de sua ancestralidade, do exemplo de fé e humildade. Afinal, a mulher se constitui a partir de muitas outras mulheres, ouvi-las, as tornam inesquecíveis, como deve ser toda alma que fortalece histórias de vida e superação.

8. Quando só o silêncio fala

Das muitas coisas
Do meu tempo de criança
Guardo vivo na lembrança
O aconchego de meu lar
(P. Zezinho, 1990).

Marta e Maria são irmãs com idades muito próximas, filhas de lavrador e dona de casa, moram no povoado de Cicero Dantas, conhecido como Lagoas. Dentro da simplicidade, comum àquele lugar, as meninas viviam felizes, os pais simples, mas muito carinhosos viviam para as meninas. Com muito zelo elas saiam apenas para escola no vilarejo próximo e para a catequese aos sábados pela manhã. Sempre muito unidas, Maria e Marta não se separavam. Naquele tempo, poucos lares tinham televisão, mas logo o dono de uma bodega conseguiu comprar um aparelho preto e branco e de tela minúscula, mas era a grande novidade. Em tempos de desinformação, assistir ao jornal era um evento extraordinário. E assim, quase todas noites, os pais de Maria e Marta iam até o vilarejo assistir à programação, conversavam, saboreavam cocadas e tomavam café, logo vinham embora pela estrada de barro iluminada pela lua que se destacava naquela paisagem.

Tempo de paz, não se falava em assalto ou qualquer outra maldade do homem, mas de bicho papão, lobisomem, quando quaresma, raposa quando adquiria a raiva e alma penada, quando ficava vagando no mundo. Quase um ritual, a família vivenciava a rotina noturna, até que numa noite de lua cheia, enquanto seus pais assistiam o jornal, resolveram passear, sempre de mãos dadas, pelas casas vizinhas. Neste momento, Marta sentiu algo lhe puxando para um corredor entre uma casa e outra, muito assustada, tentou resistir, mas a força era maior, ainda sem compreender, sua boca é tocada por outra boca entre pelos e saliva, físico à amostra, seu vestido de repente fica mais curto.

Sua irmã Maria, por um instinto puxa sua irmã que se debate contra o lobo mau, até conseguirem sair correndo e voltarem para o aconchego de seus pais.

Sem entender muita coisa, as meninas sabiam que não era noite de quaresma, portanto não seria um lobisomem, mas um homem, simplesmente um homem que trabalhava durante o dia com o pai na lavoura e justamente, naquela noite, estava mais lobo. Por muito tempo, Marta teve pesadelos, às vezes chorava só de imaginar, o que teria acontecido se sua irmã não estivesse ali para libertar das garras do mal.

E assim, o tempo passou, tudo continuou como antes, aquele homem continuava a frequentar a casa de seus pais e cada vez que Marta o encontrava sentia-se trêmula e enjoada. Numa jura de amizade entre as irmãs esse segredo nunca foi confidenciado, até porque na maioria das vezes é isso que acontece, quando só o silêncio fala.

9. A mulher, a criança e suas escolhas

A mulher dona do seu próprio corpo, entre as escolhas e a vida. Para Lucy, entre tantas outras mulheres, nem sempre foi assim. Lucy no auge dos seus dezenove anos sai da roda da saia de sua mãe e vai para São Paulo trabalhar, sair da miséria que o Nordeste representava. Pais humildes, negros, moravam numa casa na periferia, alimentação regrada, zero conforto, o pai eram catadores de papelão, o que também, enquanto jovem causava um certo desprezo e vergonha pela profissão do pai.

Ao chegar em São Paulo, anos oitenta, não demorou muito para conseguir um trabalho, visto o período do avanço da industrialização e da necessidade da mão de obra barata, então como faxineira, alugou um cômodo e foi viver a vida. Num dia desses de diversão, conheceu um rapaz muito simpático, branco, galanteador, também do interior do nordeste. Caminhos cruzadas, bom bate papo, claro, houve o envolvimento entre os dois. Nada muito sério, mas sempre que possível se encontravam.

Como tudo é mais difícil para a mulher, principalmente para a mulher negra, os encontros aleatórios se transformaram na angústia de uma suposta gravidez. E agora, o que fazer? Neste caminho, a mulher vê seu corpo ser tomado pela transformação física, hormonal juntamente com o medo, a insegurança e a vulnerabilidade. O que fazer com o sonho de melhorar de vida? Como sobreviver com um filho na cidade grande? Quem empregará uma grávida? Nesse turbilhão de questionamentos, a decisão nunca é da mulher, o corpo já não responde ao querer da dela, mas a biologia feminina de gerar uma vida.

E assim aconteceu, de encontros casuais a encontros cada vez mais difíceis, veio dividir o mesmo ambiente com o pai do filho. Pisoteada pelo machismo na fragilidade de uma mulher, Lucy resistia, a criança nasceu, ela amamentou, cuidou como podia, mas afastada de toda possibilidade de obter recursos, do desprezo do seu par, um dia tomou a decisão de deixar para trás o seu filho.

Em volta a uma banheira, colocou cobertas, e sem olhar para traz o deixou. Saiu e não bateu a porta para não o acordar. Logo, no final do dia, o pai retornou do trabalho, quando escutou o choro daquela criança de apenas oito meses de vida. Chama por Lucy, no intuito de se livrar do problema, mas ela não aparece, até que vê um bilhete em cima de um móvel, que o avisava: - De agora em diante o filho é seu, só seu.



Ainda, em estado de choque, sabia que precisa de uma mulher, logo procura um celular fixo e liga para o povoado onde sua mãe morava. Assim que consegue falar a avisa que trará a criança para que ela tome conta, e assim o fez. Entregou o filho à avó e retornou para São Paulo. Dora, mãe de oito filhos, já cuidava de três netos e agora cuidaria de mais um, esse um pouco diferente dos demais, como diziam os curiosos, mais escurinho. E assim, ele viveu.

Entre amigos, jogava bola na rua, ao anoitecer, as mães dos amigos vinham buscá-los, mas ele? Ele, não. Poderia até esquecer de ir embora, que falta não faria, cuidados básicos, como alimentação, escovar os dentes, banho, deveres escolares, vacinação não havia. Dia das crianças, natal, aniversário, sempre foram datas muito tristes, faltava algo, que ele não identificava, mas sentia profundamente, e por muitas vezes chorou. O menino da história não foi abandonado apenas uma vez, mas por diversas vezes na ausência da mãe, do pai e da própria vida.

10. Escola, espaço de acolhimento às diferenças

A mulher ao se tornar mãe sonha com o melhor para seus filhos, e para elas o melhor caminho é através do estudo. Ir à escola até determinada idade é uma festa para a mãe e para a criança. E foi assim que aconteceu com José, menino tímido, reservado, negro ao mesmo tempo, trazia traços indígenas, sua mãe era catadora de material reciclável do município de Cicero Dantas, Bahia. Assim que completou a idade de ir à escola, sua mãe o levou, passou pela creche, ensino fundamental anos iniciais, chegando ao sexto ano, apesar das grandes dificuldades que ele apresentava.

Normalmente, neste período de estudo, além de mudar de ano, muda-se de escola, e foi justamente, o que aconteceu. José mudou de escola, tudo muito novo para ele, afinal a escola anterior conhecia a sua realidade e o ajudava, mas ele enfrentou. Logo nos primeiros dias, sentiu o impacto dos despezos de alguns colegas, mas achou que fosse normal. Com o passar dos dias, o desprezo se tornou em ação, José estava sofrendo bullying, algo que naquele tempo não era conhecido com essa nomenclatura, mas já o existia. Ser negro, indígena e pobre tornou-se um prato cheio para usarem termos racistas, classistas e de exclusão contra ele, afinal, ali estava o diferente. Trabalhos em grupo nunca era convidado, a professora sempre tinha que intervir. Ao chegar à escola era recebido por um grupo de meninas e meninos que cantavam: *-Negro preto do sovaco fedorento, rala a bunda no cimento pra ganhar mil e quinhentos.* Ou ainda, escrito no banheiro termos como, *José, macaco tem que está na floresta comendo banana.* José danone podre, porque descobriram que José na ânsia da sua fome, tinha experimentado um iogurte que estava vencido. Diante dessa realidade, a escola às vezes os chamava e buscava atenuar aquelas agressões, passava um período, mas logo retomavam com outros vocábulos depreciativos com aquele que trazia na pele a diferença. Ao descobrirem que sua mãe trabalhava na cata de materiais recicláveis, as “brincadeiras” se tornaram ainda mais imperativas. Brincadeiras? Sim, era assim que a comunidade escolar concebia atitudes constrangedoras como essas, naquela época.

O despreparo dos profissionais, bem como a prática centrada no professor, dificilmente parava para ouvir o aluno e, assim, os adolescentes e os jovens viviam o pesadelo das agressões verbais e físicas contidas no bullying. José, muitas vezes chegava na escola com fome, sem ânimo para estudar e, por diversas vezes, foi interpretado como aluno preguiçoso, desinteressado. Filho de pais analfabetos, nunca teve acompanhamento em casa, na escola vivia a exclusão diária por colegas e por professores, a fome, a calça curta que havia sido do seu irmão mais velho e o único sapato estava furado, mas, esses pequenos detalhes jamais poderia ser empecilho para a sua aprendizagem. Afinal, já dizia a voz da meritocracia, para aprender, basta querer.



Entretanto, para José não foi assim, mal concluiu o ensino fundamental anos finais, abandonou a escola e foi trabalhar. Adivinha onde? Na reciclagem com sua mãe. Hoje, homem feito, não traz um alto grau escolar, mas adquiriu com o tempo, certo grau de defesa à perversidade da vida, relatando a sua mãe, que seu verdadeiro sonho, sempre, foi fazer uma faculdade. Porém, “o sonho só alimenta até a hora do almoço, na janta a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço da minha vida, na manhã de minha lida, e hoje, no jantar, eu só tenho fome e a desesperança” (Evaristo, 2013, p. 74). Para alguns realizar sonhos não é tão simples assim. E por muitas vezes, são as próprias estruturas sociais que destroem sonhos, como aconteceu com José.

11. Maria, Mariazinha, Mainha

Dona Maria. Para os íntimos, dona Mariazinha ou Mainha. Assim ela era chamada, mas quem era essa mulher que na sua invisibilidade fez história e tornou-se exemplo de amor para todos e todas que a conheceu?

Não, ela não escreveu um livro, mas poderia ter inscrito. Ela descobriu uma fórmula científica? Também não, mas poderia ter feito. Dona Mariazinha era a sexta filha de um casal cheio de amor e de vida, fazendo por merecerem os nomes que lhes foram dados, Srº Jovem e Dona Nenê.

Dona Mariazinha era alta, magra, bem magrinha, ou melhor, miudinha, que só combinava no diminutivo mesmo, cor da pele parda, cabelos ondulados e muito trabalhadeira. Desde cedo aprendeu a costurar, até porque, naquela época as mulheres desenvolviam alguma habilidade para se casarem mais rápido e não ficarem para titias. Sim, titias, era assim que eram chamadas as mulheres que não conseguiam arrumar um casamento, ter filhos e constituírem famílias. Havia uma pressão muito grande, já que para ser bem sucedida na vida, não precisava estudar, trabalhar, ser independente, mas sim, ter um marido, afinal de contas, a mulher nasceu pra isso. Também não podia namorar muito, pois se não ficaria falada. Era assim que diziam as mulheres mais velhas, beatas da igreja e toda a sociedade machista reproduzia.

Menina, e não é que Dona Mariazinha se casou cedo, mesmo. Jovem, ainda muito menina, com apenas dezesseis anos, casou-se com seu primeiro namorado e foram morar na zona rural, lugarzinho tranquilo. Tranquilo até demais, sem energia, sem água, casa simples, mas aconchegante para recém casados. Depois de pouco tempo de casados, acredo que meses, veio a boa nova, Dona Mariazinha estava grávida do seu primeiro filho, era um menino. Logo veio a segunda gravidez, uma menina, a terceira, a quarta e a quinta, sim, cinco filhos eles tiveram.



Também naquele tempo, não tinha nem televisão pra entreter. E assim os filhos iam crescendo, agora as coisas estavam mais difíceis, só o marido trabalhava na roça, depois como guarda noturno, mas com o dinheiro pouco, tudo era regrado. Como Mariazinha cuidava dos filhos e das filhas, não tinha como costurar para fora e ajudar o seu marido, e assim percorria-se na vida, como água de rio que percorre vencendo os obstáculos.

Às vezes, seu marido bebia, o que a deixava muito triste, pois sabia das necessidades de sua casa, pensava nos filhos e que não podia lhes faltar nada. Motivo que, por muitas vezes, se ajoelhava e rezava. Ela nunca se desesperou, por mais difícil que parecesse um problema, calma, voz branda, rezava e entregava tudo a Nossa Senhora de quem era devota. E assim a vida se refazia, dia após dia, vivendo-os um dia de cada vez.

Em meio a tudo isso chegou o momento de os meninos estudarem e no lugar que moravam não tinha escola, o que fez toda a família se mudar para a cidade. De início viveu em casa alugada, com o tempo, começou a construir aos poucos sua própria casinha.

Logo, sem conseguir pagar aluguel, veio para dentro de sua nova casa. Ainda, sem energia, era o lugar mais aconchegante que existia, à noite, à luz de candeeiro, todos sentados em círculo contavam e ouviam histórias. O tempo passava, as dificuldades vinham, mas na mansidão de uma mulher sábia, ela não esbravejava, mas se colocava em oração. E assim, seus filhos cresceram, constituíram suas carreiras profissionais, suas famílias, chegaram os netos e a vida ganhava cada vez mais sentido e resiliência, e tudo ficou mais fácil.



Posso imaginar que quem está lendo esta história esteja se perguntando, cadê o clímax dessa história? Aquele acontecimento de final de novela, que deixa o leitor suspenso? Na verdade, não há, o que verdadeiramente encanta nesta narrativa são os desafios enfrentados e superados, como a vida sugere.

Dona Mariazinha partiu desse plano terrestre há pouco tempo, mas deixou um legado que ninguém conseguiu tirar dela, a virtude da paciência, do amor, da dedicação a todos (as) a sua volta, exemplo de mulher de fé, do amor não apenas como sentimento, mas principalmente, enquanto atitude e ação, como a ativista bell hooks nos ensina.

12. Véspera de natal

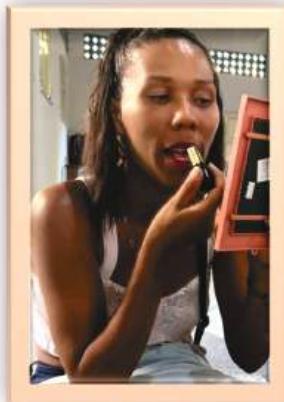
Não, não era um dia qualquer, era o dia que antecede a noite de Natal. Nenhum dia como esse é um dia comum, mesmo que seja uma segunda-feira. Foi aí que decidi ir ao local de trabalho daquelas mulheres e entregar alguns brindes. Às quatorze horas, chegando lá, encontrei apenas duas mulheres, achei estranho, e logo compreendi o que havia acontecido. Diante de um cenário ainda mais devastador, algo que nunca pensei que pudesse se tornar, estavam as cinzas, a penugem no ar e os focos de fumaça aleatórios, avisando que ainda havia fogo naquele ambiente. Mesmo assim, aquelas mulheres estavam ali. Aproximei-me, conversei um pouco, perguntando o que tinha acontecido. Foi quando Ana Lúcia, sempre muito quieta, resolveu falar. A máquina remexeu o lixo e os materiais como bateria de celular ou spray aerossol, possivelmente explodiu e tudo pegou fogo. Por isso que as outras catadoras não vieram, não compensa, está tudo destruído. Sem muito o que falar, apenas demonstrei meus sentimentos, entreguei o brinde e já estava indo embora, quando dona Magnólia sogra de Ana Lúcia me perguntou: - O que é o Natal pra você? Muito surpresa, pois naquele espaço, como sempre fui a mulher que fazia perguntas, nunca o contrário. Essa pergunta poderia ter partido de mim e não dela. Mesmo assim, com o sol no meio do céu e o fogo ainda em brasa, havia uma disputa para saber qual dos dois estavam mais fortes. Respondi, no ímpeto de sair mais rápido daquele lugar que fazia arder a minha pele e o meu coração por presenciar tanta injustiça, deve ser o sentimentalismo natalino. Mas como disse, respondi:

- Natal é comemorar o aniversário de Jesus, aquele que veio ao mundo para nos salvar e que nos sustenta todos os dias. A comemoração tem que ser em família, com as pessoas mais próximas, pessoas que a gente ama, que faz parte da nossa vida. E olhando pra mim, bem reflexiva, ela respondeu: - Eu não entendo porque para alguns isso é permitido e para outros, não. Muitos não têm o que comer nesta tão sonhada noite de Natal, outros com mesas fartas, cheia de todo tipo de comida e bebida que daria para alimentar um caminhão de gente, se esquecem dos que estão atrás daquelas bonitas janelas enfeitadas.

Que filho de Deus é esse que escolhe quem poderá ou não comemorar seu aniversário? Nesse momento, realmente fiquei sem resposta, apenas a olhei firme e tentei compreender o seu lugar de fala, o que ela enunciava estava à mostra a partir daquela realidade. Ela continuou:- tenho duas crianças, elas assistem televisão e muitas vezes veem toda beleza das festas natalinas, das compras e vendas de brinquedos do papai Noel, e por muitas vezes, me perguntaram por que não podemos ter pelo ou menos uma noite com comida diferente e um brinquedo dado por papai Noel? e por muitas vezes, eu não soube o que responder. Penso que o verdadeiro sentido do Natal não é o consumo, escondido na participação do Papai Noel, mas uma noite solidária em que as pessoas abrissem as portas das suas casa e acolhessem os humildes, as crianças e os idosos que vivem nas ruas ou que na sua limitação não têm o que servir para seus filhos e filhas. Que não fosse apenas, mais uma noite que reafirma a desigualdade social, mas que fosse algo grandioso de partilha, a exemplo da ceia que Jesus participou com seus discípulos, dividindo o pão e o vinho, nos ensinando que na verdade nada é meu ou seu, tudo deveria ser partilhado, só assim haveria uma sociedade mais justa, mais digna de ser vivida. Sabe, às vezes é cansativo viver nossa numa sociedade tão desigual, em que alguns têm tanto e outros praticamente, nada.

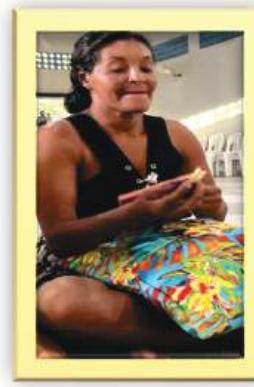
Aquele dia, realmente não foi um dia comum, mas um dia de grande aprendizado e de reflexões. Aquelas mulheres, as catadores de materiais recicláveis, tinham toda razão, o ambiente que elas trabalhavam estava destruído pelo fogo, mas não era apenas o ambiente externo, dentro delas havia a destruição da esperança, da fé na humanidade e mesmo com o coração em cinzas, havia um fio de fumaça tentando sobreviver e a vida reinventar.

E assim eu gostaria que fosse a minha última história do livro de memórias, num cotidiano árduo das mulheres que desempenham o papel de mãe, filha, doméstica, avó e por ser seu próprio lar, nada as definem. Sou mulher e isso basta!



2. *Mulheres e
seus Poderes de
transformação.*

*Qual é o seu
poder?*





Sou Ana Maria dos Santos, tenho 58 anos, sou mãe de dois filhos e trabalho como catadora de materiais recicláveis. O meu poder de transformação é: Ser uma mulher forte que luta pela família.

Sou Maria Lidinei dos Santos Oliveira, tenho 28 anos, sou mãe de dois meninos e trabalho como catadora de materiais recicláveis. O meu poder de transformação é: Ser mãe e consegui alimento todos os dias para os meus filhos.





Sou Nádia Helena de Jesus Santos tenho 36 anos, tenho cinco filhos, sou catadora. **O meu poder de transformação** é: ser catadora de material reciclável e diminuir o lixo no mundo, além de colocar a comida dentro de casa, com o suor do



Sou Ana Lúcia Jesus Vidal, tenho 49 anos, tenho um filho, sou mãe solo e ganho a vida sendo catadora de material reciclável. O meu poder de transformação é: lutar diariamente pelo sustento do meu filho e trabalhar para que ele tenha uma vida melhor.



Sou Sandra Dias dos Santos, tenho 45 anos, sou mãe de 10 filhos e trabalho como catadora de material reciclável há 10 anos. **O meu poder de transformação é:** ser uma batalhadora e não deixar faltar alimento para a minha família.



Sou Eliane Santos de Oliveira tenho 32 anos tenho dois filhos. Sou catadora de material reciclável, com orgulho, pois é por meio desse trabalho e do auxílio do governo que sustento meus filhos. **O meu poder de transformação é:** nunca desistir, por difícil que seja, levanto e enfrento a realidade.



Sou Maria José de Jesus Santos tenho 54 anos e 15 filhos, trabalho há muito tempo como catadora de material reciclável. **O meu poder de transformação** são muitos: ser trabalhadeira, tomar conta da minha casa, dos meus filhos, colocar comida em



Me chamo Renilda de Jesus Santos tenho 49 anos, 5 filhos, sou descendente de indígenas, moradora da comunidade Cascalheira e trabalho há dezoito anos como catadora de materiais recicláveis. Meu poder de transformação é tentar amenizar as dores dessa vida de quem convive comigo, às vezes esquecendo até de mim.

Agradecimentos

Agradecer a Deus pelo dom da vida

A João e a Eduarda, por serem meus amores

A Fabinho, companheiro de uma jornada linda e infinita

A meu pai e a minha mãe, pela formação humana

A meus irmãos porto seguro

Meus sobrinhos presentes da vida

Meus cunhados pelo carinho de sempre

Meu genro pelo respeito e afeto

As catadoras por abrirem suas vidas

As amigas Ani e Sthefany por serem quem são

A katinei pela troca de aprendizado e ternura

Aos professores Jaldemir e Maique por serem pontes

A professora Márcia e Vanessa pela confiança e inspiração

**Enfim, gratidão a todos e todas que contribuíram com a
mulher que habita em mim.**

Referências

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memórias**. 2 ed. Florianópolis: mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

PE. ZEZINHO. **Música utopia**, 1990. Álbum: Os melhores momentos. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/padre-zezinho/254863/>